ECLESIOLOGIA

DOUTRINA BÍBLICA DA IGREJA

Marcos Lopes

Eclesiologia: Doutrina Bíblica da Igreja.
Versão 27 (22/03/2024).

Material didático produzido para Escola Bíblica contendo 13 estudos semanais (um trimestre), com leituras diárias propostas e citações da doutrina da Convenção Batista Brasileira.

Autor: Marcos Lopes é Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Sul do Brasil.
Oferta-Pix e Contato: oikodomentousomatos@gmail.com .
Blog: https://edificacaocrista.blogspot.com/
Canal no YouTube: https://www.youtube.com/@oikodomen

Ao referirmo-nos às crenças batistas, estamos pressupondo e procurando nos basear na linha doutrinária da Convenção Batista Brasileira, conforme consta nos documentos "Declaração Doutrinária", "Princípios Batistas" e "Pacto da Igrejas Batistas", no site <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/index.php>, tomando-os como estrutura argumentativa.
Ainda assim, não podemos afirmar que haja correspondência exata em cem por cento dos conceitos expressos por este material quando comparado a tais documentos, aplicando-se nesses casos os próprios Princípios Batistas da CBB em seu Artigo 9 "Autocrítica", que permitem, em assuntos periféricos, ocorrência de divergências, ajustes e desenvolvimentos construtivos.

As citações bíblicas estão em **negrito**, e as outras citações entre aspas ou recuadas em fonte menor. O texto bíblico usado, salvo indicação, foi a versão Almeida Corrigida Fiel constante no site <https://www.bibliaonline.com.br/>, modificado para trazer os pronomes referentes a Deus com inicial maiúscula.

Eclesiologia: Doutrina Bíblica da Igreja

TEMA:

Reunidos para a obra de Cristo.

DIVISA:

Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles. (Mateus 18:20)

ÍNDICE

Lição 1 - Liberdade Religiosa

Tema: Somos livres para crer ou não crer

Divisa: **Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus (Rm 14:12)**

Dirk Willems salvando seu perseguidor.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Josué 24**
Terça **Daniel 3**
Quarta **Daniel 6**
Quinta **Atos 13**
Sexta **Atos 14**
Sábado **Romanos 10**
Domingo **Romanos 14**

> No inverno de 1559, Dirk Willems, da Holanda, foi descoberto como um anabatista, crença proibida em seus dias, e por isso um caçador de ladrões veio prendê-lo na vila de Asperen. Correndo para salvar sua vida, Dirk chegou a um lago coberto por uma fina camada de gelo. Depois de atravessar em grande perigo, ouviu os gritos do seu perseguidor, pois ao tentar o mesmo, o gelo havia cedido sob os pés dele. Dirk parou e voltou para puxá-lo pelo braço, arrastando-o até a margem. Profundamente comovido pelo seu gesto, o caçador iria deixá-lo ir, mas outras autoridades chegaram naquele momento e o obrigaram a prendê-lo. Seus crimes eram ter sido rebatizado, fazer cultos clandestinos na sua casa e batizar outros crentes ali[1].

Esta história ilustra o drama de viver em uma sociedade sem liberdade de religião. Se para nós no século XXI parece absurda a criminalização de uma crença religiosa diferente, ainda mais pela fé que a pessoa exerce dentro da sua própria casa, devemos recordar que tais direitos individuais não se adquiriram instantaneamente, sem sacrifício e esforço de muitas vidas ao longo da história. A igreja batista é uma denominação cristã que desde o seu nascimento levanta essa bandeira, não só para si, como para todos os seres humanos e todas as religiões. Os motivos para isso veremos nesta lição.

1.1 - O QUE É LIBERDADE RELIGIOSA?

É o conceito de ser:

> (...) "inalienável a liberdade de consciência, a plena liberdade de religião de todas as pessoas. O homem é livre para aceitar ou rejeitar a religião; escolher ou mudar sua crença; propagar e ensinar a verdade como a entenda, sempre respeitando direitos e convicções alheios; cultuar a Deus tanto a sós quanto publicamente; convidar outras pessoas a participarem nos cultos e outras atividades de sua religião; possuir propriedade e quaisquer outros bens necessários à propagação de sua fé. Tal liberdade não é privilégio para ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo Estado, nem por qualquer outro grupo religioso – é um direito outorgado por Deus. Cada pessoa é livre perante Deus em todas as questões de consciência e tem o direito de abraçar ou rejeitar a religião, bem como de testemunhar sua fé religiosa, respeitando os direitos dos outros." (Princípios Batistas da CBB, artigo 2.3[2]).

1.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

1.2.1 - A regra áurea da ética de Jesus nos impede de restringir a liberdade religiosa dos outros. **Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós (Mt 7:12)**, **amarás ao teu próximo como a ti mesmo (Rm 13:9).** Amar aos outros como a nós mesmos implica em desejar para eles o mesmo benefício que desejamos para nós. Assim como desejamos liberdade de crença, de reunião, de culto e de religião para nós, devemos querer exatamente a mesma liberdade para outros, mesmo em se tratando de religiões que negam a Jesus como Salvador. Não queremos ser impedidos ou punidos por exercer a nossa fé, então não podemos impedir ou punir ninguém por ter e exercer uma fé diferente.

1.2.2 - A responsabilidade final da relação com Deus é individual. **Como eu vivo, diz o Senhor, que todo o joelho se dobrará a mim, E toda a língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus (Rm 14:11-12).** Não é o governante que dá contas do seu povo, nem o pai que dá contas do filho, mas cada um que dá contas de si. A relação com Deus é, portanto, um assunto particular, de maneira que um ser humano não pode governar a relação que outro ser humano tem com Deus. Se Deus mesmo **deixou andar todas as nações em seus próprios caminhos (At 14:16)**, e na teocracia de Israel ainda lhe foi dito "**escolhei hoje a quem sirvais**" **(Js 24:15)** quanto mais nós temos que deixar as pessoas escolherem?

1.2.3 - Convencer os homens **do pecado, e da justiça e do juízo (Jo 16:7-8)** para que creiam no Evangelho de Jesus é obra do Espírito Santo: **cremos segundo a operação da força do seu poder (Ef 1:19), ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo (1Co 12:3).** Isto não é obra de homem algum, nem mesmo dos evangelistas, pois a eles cabe somente proclamar a Palavra. O resultado da pregação é assunto entre o ouvinte e Deus. **De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus (Rm 10:17).** Não se reconhece ou se estabelece outro meio para que a conversão aconteça. A fé não vem pela força, pelo ritual, pela lei, por decreto, pelo país em que nascemos, ou por sermos filhos de crentes, mas por ouvir a Palavra. Então, se com toda a sinceridade queremos que os outros creiam, nos cabe unicamente lhes pregar **a Palavra de Deus**, que é **a espada do Espírito (Ef 6:17)**, isto é, o instrumento que o Espírito Santo usa para converter os homens.

1.2.4 - O Evangelho deve ser pregado, mas não imposto. **De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus (2Co 5:20).** Rogamos, não obrigamos, nem cobramos, nem impomos, nem exigimos… rogamos, isto é, pedimos que as pessoas se reconciliem com Deus por meio de Jesus Cristo. A atitude ao anunciar e oferecer o Evangelho é de apelo, não de exigência; é convite, não coerção. Tudo isso contradiz um tipo de sociedade que obrigue as pessoas por lei a crerem no Cristianismo.

1.2.5 - O indivíduo tem que formular sua própria resposta ao Evangelho. **Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? (Rm 10:12-14).** Para a pessoa ser salva, tem que ouvir a pregação, crer, e invocar o nome do Senhor. Assim, a parte que cabe a outro ser humano para ajudá-la a se salvar termina qual ele lhe prega o Evangelho. Feito isso, não podemos ouvir pelo outro, nem crer pelo outro, nem invocar pelo outro. Qualquer quebra deste princípio arrisca-se a promover uma religião formal, sem realidade interior, **um povo** que **se aproxima de** Deus **com a sua boca e** O **honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe** dEle **(Mt 15:8)** porque não teve com Deus uma experiência real e individual de conversão, apenas seguiu o que lhe foi imposto.

1.2.6 - A união à igreja de Cristo é voluntária. No dia de Pentecostes, **foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas (At 2:41)**, ou seja o juntar-se à igreja, sendo batizado por ela, era por livre disposição dos ouvintes. Ninguém os forçou a crer em Jesus, e muitos dos que ouviram a pregação, não creram, e portanto não se juntaram. O que se faz nesse caso? Nada, se direciona a pregação a quem queira ouvir: **Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e não vos julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios (At 13:46).**

1.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

1.3.1 - Devemos estar sempre alertas contra a perseguição religiosa em nosso próprio meio. Se analisarmos o contexto da história do início desta lição, repararemos que os perseguidores de Dirk Willems eram cristãos também! Então, **aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe** para que **não caia (1Co 10:12)**! Um verdadeiro cristão pode ser perseguido **(2Tm 3:12)**, mas nunca devia perseguir ninguém. Infelizmente ao longo da história muitos têm descoberto que a profecia do Senhor, **vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus (Jo 16:2),** não se cumpriu somente na perseguição do judaísmo contra os primeiros cristãos, mas também pode acontecer de cristão para cristão, embora eles devessem se considerar irmãos. Muitas dessas perseguições ocorreram por causa de uma equivocada união entre Igreja e Estado... mas isso será tratado na próxima lição, sobre a necessária separação entre essas esferas.
Ao ler as narrativas bíblicas de perseguição religiosa tais como as que sofreram Daniel e seus amigos, sobre quem fizesse **petição a qualquer deus, ou homem, e não** ao **rei,**

fosse **lançado na cova dos leões (Dn 6:7)**, e quem não **se** prostrasse **e** adorasse a **estátua de ouro**, fosse **lançado dentro da fornalha de fogo (Dn 3:5,6)**, devemos tomar cuidado para não projetarmos o pecado nelas descrito somente à perseguição de religiões pagãs contra a fé bíblica. E nós também, mesmo dentro da igreja, não construímos alguma "estátua de ouro" e exigimos que os outros a venerem? Não seria a estátua de ouro da nossa denominação, da nossa doutrina, nossa tradição, nosso estilo de culto, nosso modelo de igreja, nossos métodos, nossas propostas, nossas vontades e nossas preferências? Também na própria igreja e contra nossos próprios irmãos, é possível cometer esse erro? É possível com presunção tomarmos a nós mesmos como cânon divino, e pensarmos erroneamente "se eu sou de Deus e Deus está comigo, todo que discordar de mim está sendo usado pelo Diabo"? Isto é, também podemos perguntar "a quem nós estamos prontos para lançar na nossa cova dos leões e na nossa fornalha, por crer diferente de nós"? Os muçulmanos? Os candomblecistas? Os espíritas? Os católicos? O fato de nós crermos no Evangelho nos dá direito de os discriminar como seres humanos, e desrespeitar seu direito de escolher sua religião? É certo que biblicamente podemos atribuir ao Diabo e seus anjos a origem e patrocínio de toda falsa religião, conforme **1Co 10:20**, mas as pessoas que as praticam não devem ser demonizadas. Isto é, elas são vítimas do engano do Diabo, e devem ser alvo do nosso amor, misericórdia e paciente testemunho do Evangelho de Cristo, para que possam ser salvas. Discriminá-las não ajuda esse testemunho, e somos exortados a promover a **paz com todos os homens (Rm 12:18).**

1.3.2 - Crer na liberdade religiosa de todos não significa abrir mão das nossas convicções. Nosso testemunho pode e deve ser claro e direto na proclamação do juízo de Deus sobre o pecado e de Jesus como única esperança de salvação, desde que acompanhado do respeito ao direito de crer diferente ou de não crer, que cada um dos nossos ouvintes sempre tem. Os cristãos do Novo Testamento **anunciavam com ousadia a palavra de Deus (At 4:31)** mas ao mesmo tempo, não exerciam nenhuma pressão sobre a vontade dos ouvintes, apenas lhes proclamavam seu desejo sincero: "**Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo, se tornassem tais qual eu sou**[, cristão] **(At 26:28-29)**"

1.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

1.4.1 - Que exemplos podem ser dados de como aplicar o princípio de Jesus 'trate os outros como gostaria de ser tratado' **(Mt 7:12)** às nossas relações com pessoas de outras religiões?
1.4.2 - A quais tipos de relações sociais se aplica o conceito de **'jugo desigual' (2Co 6:14-18)**, além do casamento?
1.4.3 - Que atitudes de distanciamento de outras religiões extrapolam o conceito de jugo desigual e constituem discriminação contra pessoas de outras religiões, que devem ser evitadas?
1.4.4 - O que é o respeito devido às crenças religiosas das pessoas? Qual a dosagem equilibrada para respeitar, mas sem aprovar, as religiões divergentes? Qual seria a distância necessária às práticas religiosas contradizentes ao Evangelho?

1.4.5 - Temos liberdade de nos reunir, pregar, orar e louvar em locais públicos? Temos aproveitado essa liberdade para pregar o evangelho a toda criatura?
1.4.6 - Mesmo ao cumprir a missão de pregar o evangelho de Jesus, respeitamos a decisão das pessoas quando elas não querem crer?
1.4.7 - Em nossa sociedade temos liberdade religiosa? Na nossa sociedade temos liberdade de crer, propagar e praticar qualquer religião? Deve haver alguma lei na sociedade proibindo algum tipo de religião ou prática religiosa? Há limites para a liberdade religiosa? Quais?
1.4.8 - Temos liberdade de trabalhar em feriado religioso ou folgar em feriado religioso? À luz do princípio da liberdade religiosa, deveriam haver feriados religiosos obrigatórios na sociedade? Como resolver a questão dos dias de observância religiosa na sociedade, se religiões diferentes implicam em dias diferentes?

REFERÊNCIAS:
1 - Este parágrafo é uma tradução e adaptação livre de LIECHTY, J. <https://amnetwork.uk/resource/why-did-dirk-willems-turn-back/> (07/08/2021).
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).

FIGURAS:
Capa - Composição do autor.
Página 3 - <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dirk.willems.rescue.ncs.jpg> . Jan Luyken, Public domain, via Wikimedia Commons. (14/08/2021).

Lição 2 - Distinção de Esferas

Tema: Igreja e Estado devem estar separados.

Divisa: **Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. (Mt 22:21).**

Roger Willians funda a colônia de Rhode Island, a primeira sociedade com total separação entre Igreja e Estado.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Salmos 146**
Terça **Mateus 13**
Quarta **Mateus 22**
Quinta **João 18**
Sexta **Romanos 13**
Sábado **1Timóteo 2**
Domingo **Apocalipse 13**

Nos séculos XVI e XVII a alternância de poder na Inglaterra levava invariavelmente a perseguições políticas e religiosas mescladas, de maneira que quando o governante era católico, anglicano ou puritano, usava o poder do Estado para perseguir o restante do povo de religião diferente. Essa situação foi motivo para milhares de ingleses migrarem para as novas colônias na América do Norte, em busca de liberdade religiosa. Porém em tais colônias o mesmo vício se repetiu, cada uma perseguindo as pessoas de crenças religiosas diferentes da oficial.

Um desses imigrantes, de convicção congregacional, foi Roger Willians. A decepção dele com a persistência das perseguições religiosas na América somou-se ao choque pela falta de humanidade dos colonizadores, por eles roubarem as terras dos indígenas, expulsando-os com violência. No mínimo eles deviam comprá-las e indenizá-los, dizia. Por causa dessas críticas ele foi julgado e condenado ao banimento da cidade de Salém. Porém esta foi a ocasião dele colocar em prática suas convicções e comprar dos índios a terra para seu assentamento em Rhode Island, onde pôde desenvolver uma nova colônia, na qual ninguém, nem os nativos norte-americanos, seriam discriminados por suas crenças. Sobre isso, Roger Willians disse: “Deus não precisa da ajuda de uma espada material de aço para auxiliar a Espada do Espírito nos assuntos da consciência”, isto é, ele confiava somente no poder de Deus para estabelecer a religião verdadeira, convertendo coração por coração. Tal colônia foi um refúgio para todas as minorias religiosas, e onde Roger Willians estabeleceu a primeira igreja batista no continente americano[1].

2.1 - O QUE É A SEPARAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO?

É o conceito de que:

> A Igreja e o Estado devem estar separados por serem diferentes em sua natureza, objetivos e funções. É dever do Estado garantir o pleno gozo e exercício da liberdade religiosa, sem favorecimento a qualquer grupo ou credo. O Estado deve ser leigo e a Igreja livre. Reconhecendo que o governo do Estado é de ordenação divina para o bem-estar dos cidadãos e a ordem justa da sociedade, é dever dos crentes orar pelas autoridades, bem como respeitar e obedecer às leis e honrar os poderes constituídos, exceto naquilo que se oponha à vontade e à lei de Deus. (Declaração Doutrinária da CBB, artigo 15[1]).
>
> A Igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A Igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o estado. (Princípios Batistas da CBB, artigo 4.5[2]).

2.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

2.2.1 - O governo da sociedade não deve extrapolar suas funções. **Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus (Mt 22:21).** A conhecida frase de Nosso Senhor estabelece claramente que há um limite para a atuação do governo humano, aqui representado genericamente por 'César', que ele não pode ultrapassar, sob pena de estar usurpando o lugar de Deus.

Conforme o Novo Testamento, **o que é de César** é a missão de prover para a sociedade que governa **uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade (1Tm 2:2), não** sendo **terror para as boas obras, mas para as más (Rm 13:3)**, **para castigo dos malfeitores, e para louvor dos que fazem o bem (1Pe 2:14)**, mas nenhuma palavra é dada sobre algum dever do governo secular de promover a religião ou cobrar dos cidadãos a fé no Evangelho.

Mesmo a referência a **toda a piedade (1Tm 2:2)**, palavra que pode ter um sentido religioso, implicaria exatamente o contrário de um controle do governo sobre a religião, pois devemos lembrar que o governante de quem Paulo está falando é do Império Romano, que nesta época adotava uma religião pagã de adoração aos deuses da mitologia grega e ao próprio imperador como um ser divino. Se ele impusesse o seu conceito de piedade, portanto, estaria obrigando aos cristãos a seguirem seu paganismo, o que não pode ser o sentido desta frase de Paulo. Podemos entender então que **a piedade** que o governante deve garantir não é o seu conceito de piedade, mas proteger a liberdade dos cidadãos praticarem suas próprias 'piedades' em paz, sem serem perseguidos ou prejudicados por isso.

2.2.2 - A igreja não tem o direito de usar os instrumentos próprios do governante secular. Se um cidadão comete um crime que merece ser punido pela sociedade, o governante pode e deve usar a força para lhe conduzir à prestação de contas, isto é, ao seu julgamento e posterior sentença, pois não porta **a espada** à toa **(Rm 13:4)**.

Mas em relação ao membro da igreja que comete um crime, mesmo que grave, o máximo que a igreja, enquanto instituição, irá fazer com ele é, após a devida exortação, excluí-lo da membresia **(Mt 18:15-17; 1Co 5). As armas da nossa milícia não são carnais (2Co 10:4)**,

são o cinto da **verdade**, **a couraça da justiça**, os sapatos **do Evangelho**, **o escudo da fé**, **o capacete da salvação** e a **espada** da **Palavra (Ef 6:14-17)**, e tendo-as usado no transgressor, com **mansidão** velamos pacientemente pelo seu **arrependimento (2Tm 2:24-26).** Nota-se então que quando a igreja usa os instrumentos próprios do governo secular, ela está deixando de confiar e descansar nos meios que Deus lhe deu para cumprir sua missão. Mas lemos: **não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito (Zc 4:6).**

2.2.3 - <u>O governante não pode usurpar para si o dever das obras espirituais que são missão da igreja.</u> As exortações sobre como lidar com a falsa doutrina se restringem no máximo a uma separação não-violenta. Em nada é remotamente sugerido que aqueles que não crêem na doutrina correta devessem ser processados e condenados criminalmente, apenas que os cristãos se afastem da influência deles: **de modo nenhum seguirão o estranho, antes fugirão dele (Jo 10:5), ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o (Tt 3:10).** "**Fugirão dele**", "**evita-o**"... onde está algo como "processe-o, prenda-o, julgue-o e mate-o pelo poder da espada do governante"? Lugar nenhum. Zelar pela fé é papel exclusivo da igreja. Ela que é, da parte **do Deus vivo**, **a coluna e firmeza da verdade (1Tm 3:15).**
Mesmo se toda a população de um país se tornasse verdadeiramente cristã, tal distinção de funções deveria ser mantida: ao governo cabe promover a ordem, justiça e paz na sociedade **(Rm 13:1-7; 1Pe 2:13-14; 1Tm 2:2)**, enquanto promover a fé na Palavra de Deus é tarefa da igreja organizada por Jesus: **fazei discípulos de todas as nações, pregai o evangelho a toda criatura (Mt 28:19; Mc 16:15).**

2.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

<u>2.3.1 - Reconhecer que a igreja fazer aliança com a política não é o método bíblico para a expansão da fé em Cristo.</u> De fato esse tipo de aliança é eficiente para expandir uma religião, mas isso não implica que seja um procedimento correto. A Igreja Romana e o Islamismo são exemplos disso. Grande parte da sua ampla distribuição no mundo de hoje se deveu justamente a esse método, primeiro dominar politicamente uma sociedade, depois impor a sua religião a todos, e a seguir manter a aliança entre governo e religião para que ambos se preservem e se promovam. No caso do Cristianismo, o erro crucial do batismo de bebês, misturou, desde o nascimento, a cidadania com a religião. Chegaram a identificar o fato de alguém nascer em determinado país e povo como já herdando a sua religião. Nesse contexto em que a religião oficial do povo batiza bebês, todo mundo que nasce naquele lugar já é considerado cristão.Mas a religião, como vimos na Lição 1, é questão pessoal, de indivíduo para indivíduo. Não existe, literalmente falando, o 'pais cristão', a 'terra cristã', o 'povo cristão', a 'cultura cristã', etc, somente os indivíduos é que podem ser cristãos ou não.
Sobre essa posição de separação entre Igreja e Estado, podemos enxergar claramente, durante a História, que quando os cristãos não têm poder político na sociedade, e são perseguidos, eles são tolerantes às outras crenças e gostariam que tais esferas fossem separadas. Porém quando tais esferas são unidas, e o poder político é adquirido pela igreja, a igreja quase sempre cede à tentação de usar esse poder para a perseguir as crenças divergentes, e até mesmo se vingar dos que antes os perseguiram. Tal erro foi cometido inclusive por protestantes reformados que perseguiram não somente os católicos, mas também outros evangélicos que deles divergiram.

2.3.2 - A correta religião e a correta política só podem ser exercidas em separado. **Ap 13** nos fornece um painel de uma sociedade corrompida em que há aliança entre religião e governo. A besta do mar é um poder político **(Ap 13:1-10)**, e a besta da terra é um poder religioso **(Ap 13:11-18)**. Independente da interpretação de como identificar na História quem foram ou são esses poderes, a situação pode se repetir em vários contextos, e em uma sociedade assim os verdadeiros cristãos serem perseguidos. **Faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta (Ap 13:12)**, ou seja, a religião aliada à política, pode se desviar do seu propósito de conduzir os homens a Deus. Ao invés disso, ela os costuma conduzir à idolatria de governantes, como substitutos de Deus, e pior ainda, pode julgar a fé das pessoas pela adesão ao seu grupo político, podendo dizer coisas como "quem é contra fulano não é cristão de verdade". No entanto tais pessoas discriminadas pela religião a serviço da política, demonstraram sua fé justamente por não concordarem com a idolatria de políticos.
Quando a igreja serve ao governo, a igreja aprovará uma única posição política: a do governante que a apoia. Da mesma forma, o governante que serve a igreja terá uma única agenda religiosa: a da igreja que o apoia. Assim, perseguições injustas podem ser iniciadas por ambos: a igreja desmerecendo a fé de quem discorde politicamente dela, e o governo desmerecendo a cidadania de quem discorde religiosamente dele. Desta forma, a Religião a serviço da Política é idolatria, e a Política a serviço da Religião é usurpação. Deus nos livre de ambos os erros.

2.3.3 - A união de cristãos por meio da igreja deve transcender eventuais diferenças políticas. Tendo já falado na Lição 1 sobre o direito à liberdade religiosa na sociedade, reparemos agora uma aplicação sobre o direito à liberdade política na igreja: aprendemos nos Evangelhos que **os nomes dos doze apóstolos são estes: (...) Mateus, o publicano; (...) Simão, o zelote (...) Jesus enviou estes doze (Mt 10:2-5)[1].** Isto significa que a pluralidade política caracterizou os discípulos que foram chamados por Cristo. Pois um publicano era um colaborador do Império Romano que dominava Israel. E um zelote era um revolucionário que pretendia derrubar o mesmo Império e dar independência política à sua nação. Em termos políticos, eles estavam em exatos extremos opostos, mas Jesus chama a ambos para seguí-Lo, de maneira a transcenderem suas diferenças em um só corpo, para por meio dele promoverem o único Reino que importa de verdade.
Como eles chegarão a compor este Corpo de Cristo, é assunto da nossa próxima lição.

2.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

2.4.1 - À luz do princípio de separação entre Igreja e Estado, qual a propriedade de cantar hinos pátrios durante o culto da igreja? É certo que uma igreja de Cristo deve orar pela nação onde ela habita, mas o que dizer de entoar no culto canções cuja letra em nada

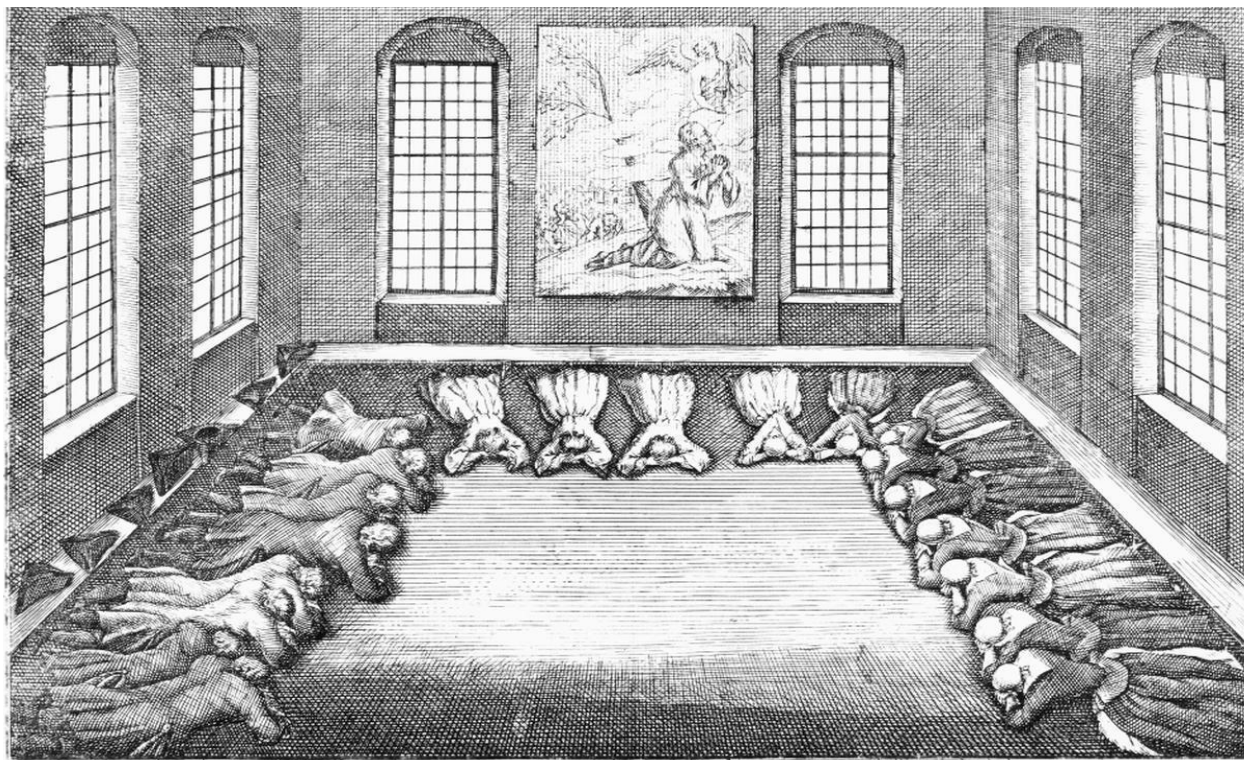
representa uma adoração a Deus?
2.4.2 - Na parábola do joio e do trigo, em **Mt 13:24-30;36-43**, quem faz, e quando faz, a separação entre verdadeiros e falsos convertidos? O que isso diz sobre a capacidade ou incapacidade humana de tentar criar uma sociedade religiosamente pura neste tempo?
2.4.3 - Quando Jesus diz em **Jo 18:36** "**meu Reino não é deste mundo",** o que isso comunica sobre o modo como a igreja deve expandir o Reino de Deus?
2.4.4 - O "Decálogo do Voto Evangélico" [4] diz: "é fundamental que o candidato evangélico queira se eleger para propósitos maiores do que apenas defender os interesses imediatos de um grupo religioso ou de uma denominação evangélica". Você concorda? Se sim, que propósitos maiores seriam esses?
2.4.5 - O mesmo texto também diz "Nenhum eleitor evangélico deve se sentir culpado por ter opinião política diferente da de seu pastor ou líder espiritual". Comente essa afirmação: quais mecanismos e ações na igreja podem induzir falsa culpa nos cristãos, como se eles não tivessem liberdade de pensamento político?
2.4.6 - **Sl 146:3** diz: **não confieis em príncipes.** Como isso se aplica à questão de uma aliança entre Igreja e Estado?
2.4.7 - Que cuidados e critérios a igreja deve ter para não se permitir enganar, envolver ou comprometer com políticos em busca de votos? Ela pode aceitar ofertas vindas de políticos em campanha? Ela pode participar de trabalhos de ação social ligados ao nome de algum político? Ela pode ceder o púlpito e o microfone para candidatos e políticos durante o culto? Ela pode manter o ministério de membro que utiliza dele para ativismo político? Ela pode receber verbas vindas de dinheiro público?

FIGURA:
<https://sites.google.com/site/the13americancoloniesperiod4/rhode-island/rhode-island-goven> (09/08/2021)

REFERÊNCIAS:
1 - As fontes dessas informações sobre Roger Willians são: <http://elescreram.blogspot.com/2014/05/roger-williams-fundador-da-igreja.html>(09/08/2021); <https://sites.google.com/site/the13americancoloniesperiod4/rhode-island/rhode-island-goven> (09/08/2021) e <https://www.history.com/topics/reformation/roger-williams> (09/08/2021).
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).
3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).
4 - Versão Revista e Corrigida em <https://www.bibliaonline.com.br/arc/mt/10> (07/09/2021).
5 - <https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2014/08/22/decalogo-do-voto-evangelico/
> (28/08/2021).

Lição 3 - Definição de Igreja

Tema: Reunidos para a obra de Cristo

Divisa: Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles. (Mt 18:20)

Reunião de oração na igreja dos moravianos em Herrnhut.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Mateus 16**
Terça **Romanos 16**
Quarta **Efésios 1**
Quinta **Efésios 2**
Sexta **Efésios 3**
Sábado **Colossenses 1**
Domingo **Apocalipse 7**

No século XVIII, na Alemanha, o conde Nikolaus Zinzendorf, recém casado, veio com sua esposa se mudar para uma grande extensão de terra que tinha herdado, quando de forma "quase acidental e decerto providencial" viu-se envolvido na formação de uma igreja de refugiados. Ao passar de carruagem "viu luzes no novo assentamento", que eram de um grupo de fugitivos da Morávia. O que fazer com esses imigrantes que invadiram seu terreno? Zinzendorf entrou e "estendeu cordiais boas-vindas aos recém chegados, e ajoelhando-se com eles, deu graças a Deus e os encomendou à proteção do Salvador"[1]. Com o passar do tempo, a notícia que havia um local receptivo para fugitivos de perseguição religiosa, atraiu algumas dezenas de famílias, que foram acolhidas da mesma forma. Formou-se ali então uma comunidade de fé vibrante, carinhosamente chamada de Herrnhut, que significa "Guardado pelo Senhor". Em 1727, comovidos após um culto, "24 homens e 24 mulheres comprometeram-se a orar uma hora por dia de forma seqüencial, de modo que sempre houve alguém orando por missões".

Essa “vigília [perpétua] de oração” sensibilizou Zinzendorf e a comunidade morávia a tentarem alcançar outros para Cristo. Seis meses após o início da vigília, o conde desafiou os companheiros a evangelizarem as Índias Ocidentais, a Groenlândia, a Turquia e a Lapônia. No dia seguinte, 26 morávios se ofereceram como voluntários para as missões mundiais, aonde quer que Deus quisesse levá-los. A vigília de oração prosseguiu sem interrupção, vinte e quatro horas por dia, durante mais de 100 anos. Em 1792, sessenta e cinco anos após o início da vigília, a pequena comunidade morávia havia enviado 300 missionários até os confins da terra”[2].

3.1 - O QUE É UMA IGREJA DE CRISTO?

A Igreja é uma comunidade fraterna das pessoas redimidas por Cristo Jesus, divinamente chamadas, divinamente criadas, e feitas uma só debaixo do governo soberano de Deus. A Igreja como uma entidade local – um organismo presidido pelo Espírito Santo – é uma fraternidade de crentes em Jesus Cristo, que se batizaram e voluntariamente se uniram para o culto, estudo, a disciplina mútua, o serviço e a propagação do evangelho, no local da igreja e até os confins da terra. (Princípios Batistas da CBB, artigo 4.1[3]).
Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento. (...) Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja”, em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre Ele edificada. (Declaração Doutrinária da CBB, artigo 8[4]).

3.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

3.2.1 - A definição neotestamentária de igreja é um grupo de discípulos de Jesus reunidos em Seu nome. **Dize-o à igreja (...) Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles (Mt 18:17,20).** É um equívoco o cristão dizer que ele sozinho é “igreja”, ele pode ser um servo de Cristo salvo pela Graça, mas “igreja” é o agrupamento dele com outros discípulos de Jesus, em nome de Jesus. O que faz uma igreja ser “igreja” é ser um grupo que se reúne em nome de Jesus, isto é, que dá continuidade ao ministério de Jesus no mundo, atendendo à ordem dEle e sob a promessa da presença dEle. **Febe... serve na igreja que está em Cencréia (Rm 16:1)**, ou seja, no NT cada indivíduo cristão se identificava com um desses grupos locais de discípulos, para nele servir a Cristo, mesmo que não permanecesse no mesmo grupo a vida inteira.

3.2.2 - O fundamento de uma igreja é a pessoa de Jesus e a fé nEle como Cristo. **E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. (...) sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16:16-18).** A pedra fundamental da igreja é a confissão de Pedro sobre quem é Jesus, não a pessoa de Pedro. Caso haja discordância dessa interpretação, deixemos o próprio Pedro explicar: **já provastes que o Senhor é benigno; E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdòcio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e**

preciosa e quem nela crer não será confundido. (1Pe 2:3-6). De fato, **ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo (1Co 3:11).**

3.2.3 - Uma igreja pode se caracterizar por ter reuniões periódicas, mas ela não é a reunião. **E chegou a fama destas coisas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé a Antioquia (At 11:22).** Uma "reunião" em si não tem 'ouvidos'. Quem pode 'ouvir' ou deixar de ouvir algo é o grupo das pessoas reunidas. Também um grupo de pessoas é que pode tomar uma decisão e realizar uma ação, como enviar um deles em missão. Muito menos um prédio ou um lugar poderiam ser chamados de igreja, conforme esse texto, pois eles não têm 'ouvidos'.

3.2.4 - Uma igreja pode se caracterizar por subsistir em um local, mas ela não é esse local. Na maioria das vezes as igrejas são identificadas com a região da sua atuação: **envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardes, e a Filadélfia, e a Laodicéia (Ap 1:11).** Mas a identidade de uma igreja não depende desta referência, isso é somente a descrição de uma circunstância: **à igreja de Deus que está em Corinto (1Co 1:2)**, ou seja, uma igreja está naquele lugar, mas poderia estar em outro. Se o mesmo grupo de crentes se mudar de cidade, e continuar se reunindo, ainda será a mesma igreja.
De **Gaio**, Paulo disse que era "**meu hospedeiro, e de toda a igreja (Rm 16:23)**", ou seja, uma igreja se reunia regularmente na casa dele. A casa de Gaio não era a igreja, mas a igreja estava sendo hospedada lá, o mesmo podendo ser dito de outras igrejas, nas casas de **Lídia (At 16:40); Jasom (At 17:7); Tício (At 18:7); Priscila e Áquila (Rm 16:3-5)** etc. As igrejas do Novo Testamento se reuniam também em outros lugares tais como um **cenáculo (At 20:8)** ou uma **escola (At 19:9).**
Sendo assim, é incorreto, no Novo Testamento, chamar o prédio da igreja de 'Casa de Deus'. **Saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade (1Tm 3:15); Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós (Hb 3:6).**

3.2.5 - Uma igreja deve ser formada pelas pessoas que Deus ajunta, por meio da conversão a Cristo. **Todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar (At 2:47). Deus colocou os membros no corpo (1Co 12:18).** Então o pertencimento a uma igreja se dá por meio de ter uma experiência com Deus, de salvação por meio da fé em Jesus. Antes de tudo, é Deus quem acrescenta à Sua igreja essas pessoas que Ele salvou, e a obra dEle no coração do convertido é que o levará a se unir a um grupo específico de irmãos de fé, os quais devem recebê-lo como um presente de Deus.

3.2.6 - Uma pessoa é recebida pela igreja como seu membro ao se batizar, confessando fé em Jesus. **De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas (At 2:41).** Mesmo naquela primeira comunidade itinerante dos discípulos de Jesus cada um dos que confessava fé nEle era batizado: **Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João (Jo 4:1).** Ao batizar alguém, uma igreja está declarando que reconheceu nele a fé em Jesus como Senhor e Salvador.

3.2.7 - Uma igreja se rege pelas instruções do Novo Testamento e não pelas do Antigo Testamento. **O mesmo véu está por levantar na lição do velho testamento, o qual foi por Cristo abolido (2Co 3:14); de tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador (Hb 7:22); agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra (Rm 7:6); não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo (1Co 9:21).** A ordenanças e obras de uma igreja de Cristo diferem significativamente das ordenanças e obras que tinham sido dadas a Israel antes da vinda de Cristo. Deus criou o povo de Israel para servir de berço para o Messias, como uma nação teocrática que demonstrasse a santidade e justiça de Deus bem como a necessidade de salvação do homem. Mas tendo nascido o Messias, o berço já cumpriu o seu propósito. **Logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino (1Co 13:11).**

3.2.8 - Além do sentido de um grupo local de discípulos, existe o sentido de Igreja como o conjunto de todos os que já foram ou ainda serão salvos por Jesus. **Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela (Ef 5:25); a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue (At 20:28)**, e outros textos semelhantes estão falando de "Igreja" nesse sentido, a Igreja Universal, no sentido mais amplo possível. Costuma ser dito que tal Igreja é 'invisível' por não conseguirmos hoje distingui-la por completo, sendo formada por uma grande **multidão, a qual ninguém** pode **contar,** espalhada por **todas as nações, e tribos, e povos, e línguas (Ap 7:9)**, de todos os tempos e lugares. Porém podemos dizer que mesmo essa Igreja já está sendo visível e literalmente reunida num local: o Céu. A **universal assembléia** está presente hoje mesmo diante do Trono de Deus, na **Jerusalém celestial (Hb 12:22,23)** e para ela o crente será transferido de sua igreja terrena, quando encerrar sua carreira.

3.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

3.3.1 - Devemos superar os conceitos errôneos de igreja que não se baseiam no Novo Testamento. Ao longo do tempo, certas tradições têm acompanhado o Cristianismo de tal forma, que se transformam em colunas culturais para o conceito vigente de igreja, a ponto de serem consideradas essenciais para um grupo de pessoas ser considerado igreja, sem base bíblica. Mas conforme vimos, não constitui a essência de uma igreja, e portanto é possível um grupo ser uma igreja sem: templo, local fixo de reunião, dia e horário fixo de reunião, filiação a denominação, oficialização como pessoa jurídica, pastor ou líder definido, estatuto, regimento interno, equipamentos tais como bancos, púlpito, etc.

3.3.2 - A igreja local não deve se considerar dona da salvação nem do Reino de Deus. Conforme vimos acima, a pessoa não se torna membra de uma igreja local para ser salva, ela se junta a uma igreja local depois de ser salva, por ter se identificado com a fé daquele grupo. Fato é que pode haver pessoas salvas, mas que não estão integradas a nenhuma igreja local, fazendo parte da Igreja universal de Cristo que será revelada no Céu, bem como podem haver pessoas integradas a uma igreja local, mas que não possuem uma real conversão a Jesus Cristo. A igreja local não é o Reino de Deus, ela é uma agência do Reino, que promove e trabalha pelo crescimento do Reino, mas sempre é menor que ele.
A igreja sim pode atuar ajudando a pessoa a discernir se é ou não um cristão de verdade, mas isso veremos na próxima lição.

3.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

3.4.1 - Considerando a história do início desta lição, podemos reparar que os caminhos para a formação de uma igreja podem ser inesperados, uma vez que os imigrantes inicialmente tinham parado na propriedade de Zinzendorf por acaso. Tivessem pernoitado na propriedade de outra pessoa com menos disposição de os acolher, aquela igreja não teria sido formada. O que isso manifesta sobre a obra de Deus em criar uma igreja? Como se aplicaria nesse tema o versículo **Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis (1Co 12:18)**?

3.4.2 - O avanço tecnológico de nosso tempo, permitindo cada vez mais a transmissão dos cultos e comunicação à distância, em que sentido pode ou não reformular a prática de igreja como uma reunião fisicamente localizada? Em que situações essa tecnologia pode constituir oportunidade ou perigo? Quais os limites dela aplicada ao ministério e membresia da igreja? Considere as definições dadas na lição.

3.4.3 - Se um grupo de pessoas que é membro de uma mesma igreja, se reunir com um propósito que não tenha relação com a obra de Cristo, nesse momento estão “sendo igreja”?

FIGURA:
1 - <https://www.posterazzi.com/moravians-1757-nmoravians-praying-as-a-group-lying-prostrate-on-the-floor-before-their-benches-line-engraving-1757-poster-print-by-granger-collection-item-vargrc0051213/> (27/09/2021).

REFERÊNCIAS:

1 - STEUERNAGEL, V. R.. Obediência missionária e prática histórica: em busca de modelos. ABU Editora, 1993. pp 98-99.

2 - MATOS, A.S.. Até os confins da terra: as missões morávias. <http://moravios.org/as-missoes-moravias/> (27/09/2021).

3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).

4 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

Lição 4 - Disciplina

Tema: Zelando pela santidade uns dos outros.

Divisa: Se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, (...) encaminhai o tal com espírito de mansidão (Gl 6:1).

Culto clandestino e secreto dos anabatistas num barco.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Mateus 18**
Terça **1 Coríntios 5**
Quarta **1 Coríntios 6**
Quinta **2 Coríntios 2**
Sexta **Gálatas 2**
Sábado **2 João**
Domingo **3 João**

“Os anabatistas (...) insistiam que a disciplina, efetivada de acordo com a instrução de Jesus em Mateus 18.15-18, era uma marca indispensável da igreja verdadeira”. (...) Um de seus líderes, Menno Simons, declarou, porém, que ela tem propósito corretivo, esperando que os excluídos “‘fiquem apavorados com essa exclusão e, assim, sejam levados ao arrependimento, para buscar união e paz e, com isso, ser libertados, perante o Senhor e sua igreja, das ciladas satânicas de suas porfias, ou de suas vidas perversas’. Os três estágios de admoestação fraternal ordenados em Mateus 18 eram seguidos pacientemente antes que o ato severo da exclusão fosse concretizado. Ademais, pelo menos em teoria, a exclusão formal era somente uma confirmação social de uma separação de Cristo que já havia ocorrido no coração do membro impenitente: ‘Ninguém é excomungado ou expulso por nós da comunhão dos irmãos, senão aqueles que já se separaram e se excluíram da comunhão de Cristo, seja por doutrina falsa, seja mediante conduta inadequada. Pois não queremos excluir ninguém, mas sim receber; não amputar, mas sim curar; não abandonar, mas sim trazer de volta; não angustiar, mas sim consolar; não condenar, mas sim salvar’ ”[1].

4.1 - O QUE É A DISCIPLINA DA IGREJA?

É um dever bíblico de promoção da santificação dos cristãos:

> As Igrejas neotestamentárias (...) praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo; (...) Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico. (Declaração Doutrinária da CBB, Arts 8 e 14[2]).
>
> A Igreja (...) é uma fraternidade de crentes em Jesus Cristo, que (...) voluntariamente se uniram para (...) a disciplina mútua. (...) Embora não se admita coação no terreno religioso, o cristão não tem a liberdade de ser neutro em questões de consciência e convicção (...) A Igreja e o cristão, individualmente, têm a obrigação de opor-se ao mal. (...) Tal crítica visará ao desenvolvimento à maturidade cristã. (Princípios Batistas da CBB, Arts 4.1, 2.2, 4.6, 5.9[2]).
>
> Comprometemo-nos a, auxiliados pelo Espírito Santo, andar sempre unidos no amor cristão; trabalhar para que esta Igreja cresça (...) na santidade, no conforto mútuo e na espiritualidade; manter (...) sua disciplina; (...) evitar e condenar todos os vícios; (...) evitar a detração, a difamação e a ira, sempre e em tudo visando à expansão do Reino do nosso Salvador. Além disso, comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros (...) cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar prontos a perdoar as ofensas, buscando, quando possível, a paz com todos os homens. (Pacto das Igrejas Batistas[3]).

4.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

4.2.1 - A Bíblia ensina que os cristãos devem, para zelo e incentivo do progresso moral que honra a Deus e faz jus ao nome de Jesus que sobre eles é invocado, exercerem a disciplina educativa e corretiva em toda instância a que tiverem autoridade, em primeiro lugar e fundamentalmente sobre si mesmos, e em segundo lugar às tarefas que lhe são delegadas por suas posições e vocações em sua família, comunidade, profissão e sociedade, sem usurpar o que é de responsabilidade de outros (autodisciplina - **1Co 11:31**; disciplina dos filhos - **Ef 6:4**; disciplina na sociedade **- 1Pe 2:14)**.

4.2.2 – A autoridade de Cristo é que ordena a disciplina e o Espírito Santo foi dado à igreja também para guiá-la nessa prática. O texto de **Mt 18:20, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles**, fala primeiramente das decisões que dois ou três crentes têm que tomar em nome de Cristo no processo de disciplina, no qual, Cristo garante, Ele se faz presente. **Jo 20:22,23** também diz: **Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos**, ou seja, o envio do Espírito Santo está ligado à capacitação e autorização da igreja para que lide com os pecados das pessoas, dentro da vivência do Evangelho. E sobre esse dever a igreja não pode se omitir, sob pena de consequências piores: **Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? (1Co 5:6)**.

4.2.3 - Na comunhão da igreja, porém, todos são iguais e igualmente sujeitos à exortação e repreensão mútua, motivada pelo amor, conforme lemos em: **E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano (Mt 18:14-17).** Ou seja, a disciplina é de todos para todos: todos os crentes devem disciplinar todos os crentes. Em **Mt 18:15-20**, não vemos nenhum tipo de distinção entre os

membros, nem em parte alguma do Novo Testamento. A única hierarquia que temos na igreja é a hierarquia numérica: a opinião de dois ou três irmãos é mais influente que a opinião de um só irmão; e a opinião de toda a igreja é mais influente que a opinião de dois ou três irmãos.

4.2.4 - Somos proibidos de difamar nossos irmãos por causa dos seus erros: **Irmãos, não faleis mal uns dos outros (Tg 4:11).** Portanto o tratamento do pecado deverá ser feito com a máxima discrição, cautela e amor. Uma maneira de resumir essa cautela seria, sobre nosso irmão que errou: não fale dele, fale com ele: **Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo (Gl 6:1,2)**.

4.2.5 - A atitude do crente e da igreja na disciplina é de curar, não de julgar. A melhor comparação do trabalho de disciplina não é com o trabalho de um juiz, nem o de um policial, ou promotor, ou jurado, ou carrasco. O crente que vai disciplinar o outro atua como médico. O médico não julga, apenas se oferece para ajudar. O seu coração deve estar regado de amor pelo irmão. E no processo, conduzido desta forma, fica bem claro para o ofensor que enquanto ele está lutando interiormente contra o pecado, estamos lutando junto com ele, e em nossa imperfeição, nós mesmos temos nossas lutas, as quais podemos mencionar nessa conversa, tirando **a trave** do nosso **olho**, antes de tirar **o argueiro do olho** de nosso **irmão (Mt 7:3-5)**.

4.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

4.3.1 - Devemos seguir com literalidade as instruções diretas de Jesus sobre como a igreja deve lidar com o pecado dos seus membros, e exercer o primeiro estágio da disciplina: **se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; (Mt 18:15)**, da seguinte forma: ao identificar pecado em crença ou prática de nosso irmão **(2Tm 2:24-26; Gl 6:1)**, membro da mesma igreja local **(Mt 18:17)**, pecado que não seja leve, pequeno, nem superficial (caso em que deveria ser prontamente perdoado - **Cl 3:13**), nem é mero boato, sendo testemunhado por nós presencialmente **(2Co 13:1)**, nem é questão de liberdade cristã **(cf. Rm 14)**, mas pode ser claramente apontado como errado pelas Escrituras do Novo Testamento **(1Co 4:6; 1Pe 4:11)**; em atitude de curar, não de julgar **(Mt 7:1-5; Tg 5:19,20)**, com amor, tato, respeito, discrição, mansidão e humildade, podemos, após decidir isso em oração, procurar tal irmão para uma conversa particular e secreta, na qual, nos colocando como também pecadores e falhos, nos oferecemos para ajudá-lo a entender que sua crença ou atitude é biblicamente errada, e após mostrar na Escritura a contradição com o seu pecado, convidá-lo ao arrependimento e abandono do mesmo, estando dispostos também a ouvir sua explicação, podendo insistirmos na continuidade dessas conversas até que ele se arrependa ou se recuse a falar desse assunto. Se ele se arrepender, ganhamos nosso irmão. Se não ouvir-nos, passamos ao segundo estágio.

4.3.2 - No segundo estágio, **se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada (Mt 18:16)**, com as mesmas atitudes, sentimentos e motivações do estágio anterior, chamamos uma ou duas

testemunhas, membros da mesma igreja local, imparciais, discretos, maduros, justos, neutros em relação ao disciplinante e disciplinado, preferencialmente consagrados ao ministério pastoral, testemunhas cujo parecer e orientação seriam a priori aceitas por ambos, para em nova conversa particular e secreta, presentes somente as exatas três ou quatro pessoas, repassar os eventos do primeiro estágio da disciplina, com oportunidade para disciplinante e disciplinado falarem, e ao final as testemunhas darem seu parecer de reforço da exortação ou sugestão de solução alternativa, podendo insistirmos na continuidade dessas conversas até que ele se arrependa ou se recuse a falar desse assunto. Se ele se arrepender, ganhamos nosso irmão. Se não ouvir-nos, passamos ao terceiro estágio.

4.3.3. - No terceiro estágio, **se não as escutar, dize-o à igreja (Mt 18:17)**, com as mesmas atitudes, sentimentos e motivações dos estágios anteriores, propomos, o disciplinante e as testemunhas concordando, convocar a igreja, para em nova conversa particular e discreta, presentes somente membros da igreja local, repassar os eventos do primeiro e segundo estágio da disciplina, com oportunidade para disciplinante, disciplinado e testemunhas falarem, e ao final a igreja dar seu parecer de reforço da exortação ou sugestão de solução alternativa, podendo insistir na continuidade dessas reuniões até que o disciplinado se arrependa ou se recuse a falar desse assunto. Se ele se arrepender, ganhamos nosso irmão. Se não ouvir-nos, passamos ao quarto estágio.

4.3.4. - No quarto estágio, **se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano (Mt 18:17)**, com as mesmas atitudes, sentimentos e motivações dos estágios anteriores, a igreja, tendo entendido haver falta de arrependimento e mudança do disciplinado no assunto extensamente tratado, com oportunidade de ampla defesa do mesmo, recapitulando os eventos dos estágios anteriores, propõe e aprova oficialmente e solenemente sua exclusão do rol de membros da igreja, extinguindo todos os seus direitos, privilégios, cargos e deveres de membro. O excluído, porém, não é proibido de meramente assistir os trabalhos públicos da igreja, e deve continuar sendo alvo das orações, visitas e exortações de seus irmãos, até que se arrependa e mude de atitude, o que, se ocorrer, nos levará ao quinto estágio.

4.3.5. - No quinto estágio, **não é vontade de vosso Pai, que está nos céus, que um destes pequeninos se perca (Mt 18:14)**, com as mesmas atitudes, sentimentos e motivações dos estágios anteriores, quando a igreja recebe do excluído uma solicitação de reconciliação, e o ministério pastoral ou comissão designada pela igreja para considerar a solicitação, tendo entendido haver arrependimento e mudança do disciplinado no assunto pelo qual foi excluído, propõe, discute e aprova oficialmente e solenemente sua readmissão ao rol de membros da igreja e restabelecimento dos seus direitos, privilégios e deveres de membro. A recepção de cargos para o mesmo, porém, é facultada à autorização da igreja, sobre em que momento futuro pode ou não ser reabilitada e sob quais critérios. Ainda assim, o reconciliado é plenamente reconsiderado irmão em Cristo, e a igreja pode se regozijar de tê-lo ganhado e restaurado à comunhão com ele.

4.3.6 - Se o pecado a ser disciplinado também é um crime conforme a lei da sociedade, seja de perturbação da ordem social, seja atentado grave contra a integridade física, vida ou propriedade, tais atos não somente devem ser alvo da disciplina eclesiástica, como também podem ser denunciados às autoridades seculares para o devido processo legal contra o

criminoso **(1Pe 2:13,14; Rm 13:1-7)**. A exortação de **1Co 6:1-7** a se resolver dentro da igreja questões que poderiam ir a juízo foi dada sobre crimes leves contra o patrimônio ("**injustiça, dano**" - **1Co 6:1,7,8**), não sobre crimes mais graves. Por outro lado, se o nosso irmão comete ato que nossa sociedade criminaliza, mas o Novo Testamento não condena, ele não deve ser disciplinado na igreja sobre isso, e seus direitos de membro da igreja permanecem intactos (por exemplo, se ele viver em uma sociedade que criminaliza a pregação da fé cristã em público).

4.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

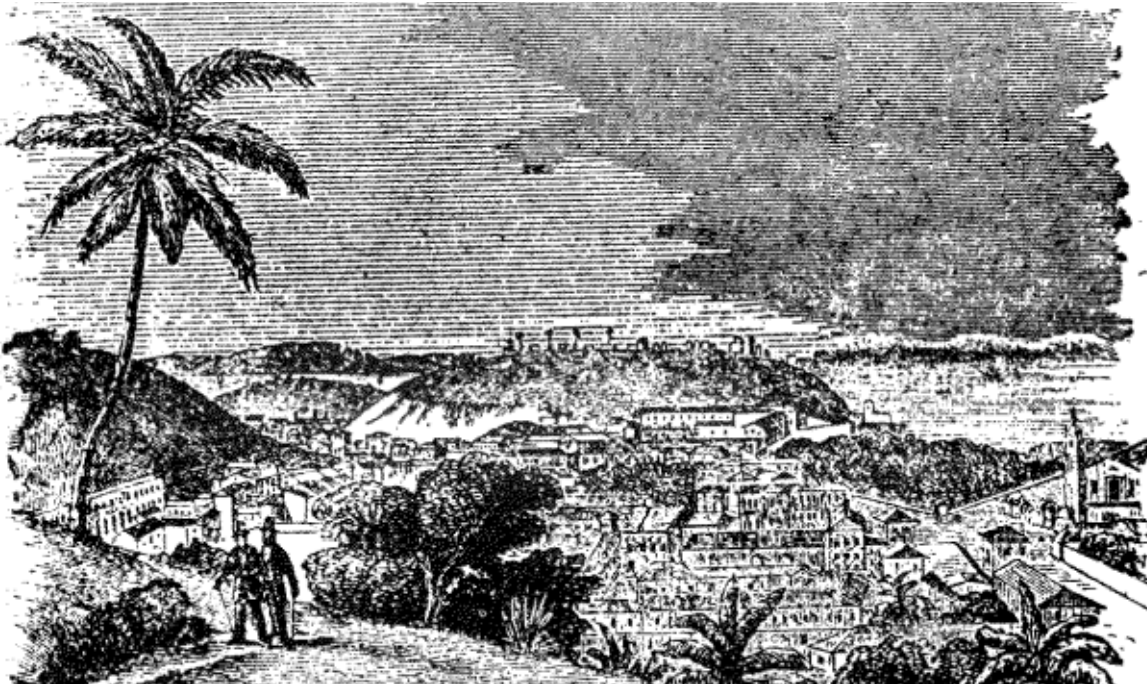
4.4.1 - Muito se tem criticado a prática da exclusão das igrejas pelo fato dela costumar focar-se somente nos pecados sexuais. A melhor resposta para isso seria omitir totalmente a prática da disciplina, ou começar a ampliar a disciplina para outros tipos de pecados?
4.4.2 - No texto de **Mt 18:15-20** é deixado claro que a hierarquia na igreja de Cristo é da igreja inteira, e não dos líderes, estando eles mesmos sujeitos a um processo de disciplina se for o caso, pois a disciplina é responsabilidade de toda a igreja. Porém verificamos que na maioria das vezes as igrejas concentram a tarefa da disciplina somente para os pastores, e não disciplinam os pastores. Quais seriam as causas desse costume? São as estruturas e tradições das igrejas que têm deixado os pastores fora do alcance do procedimento bíblico da disciplina?

FIGURA:
<http://rijksmuseumamsterdam.blogspot.com/2011/10/jan-luyken-pieter-pietersz-bekjen.html> (27/09/21).

REFERÊNCIAS:
1 - GEORGE, T. Teologia dos Reformadores. Ed. Vida Nova, 1993. pp. 293-295.
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).
3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=23> (14/08/2021).

Lição 5 - Relacionamento entre igrejas e cristãos

Tema: Cooperação e Comunhão

Divisa: **As igrejas (...) tinham paz, e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e consolação do Espírito Santo (At 9:31).**

Rio de Janeiro ao tempo de Daniel Kidder

Daniel Kidder foi um missionário metodista norte americano que trabalhou na distribuição de bíblias no Brasil a partir do ano de 1837. Ele relatou:

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Atos 11**
Terça **Atos 15**
Quarta **Atos 16**
Quinta **Filipenses 4**
Sexta **Colossenses 4**
Sábado **Apocalipse 2**
Domingo **Apocalipse 3**

A circulação das Sagradas Escrituras em português – que é a língua do país – constituía a nossa missão precípua. (...) Na sede de nossa missão, muitos livros foram distribuídos gratuitamente, e, em diversas ocasiões, deu-se o que se poderia chamar verdadeira "corrida" de pretendentes ao Livro Sagrado. Uma delas teve lugar logo após nossa chegada. Tendo se espalhado a notícia de que havíamos recebido bom suprimento desses livros, nossa casa ficou logo literalmente cheia de pessoas de todas as idades e condições: desde os velhos de cabelos brancos até os meninos travessos, do fidalgo ao pobre escravo. A maior parte das crianças e dos cativos vinha na qualidade de mensageiros, trazendo recados dos seus pais ou senhores. Esses bilhetes eram invariavelmente redigidos em linguagem reverente e não raro suplicante. Alguns eram de viúvas pobres porque não dispunham de recursos com que comprar livros para seus filhos e queriam os Testamentos para as crianças lerem na escola. (...) Com alegria e emoção fomos cedendo os preciosos livros, como melhor nos pareceu. (...) todos os que nos foram procurar expressaram-se com toda reverência e ouviram com profunda atenção o que lhes dissemos com respeito a Cristo e à Bíblia. (...) entre os que nos foram pedir Bíblias, encontravam-se diversos sacerdotes. Um padre bastante idoso que nos foi procurar pessoalmente e a quem, por especial deferência, demos exemplares em português, francês e inglês, disse-nos ao sair: "Isto nunca se fez no Brasil"[1].

Este relato exemplifica um tipo de trabalho em que cristãos podem colaborar entre si, independente das diferenças denominacionais: o da distribuição e propagação das Escrituras. Nesta lição veremos os princípios da devida cooperação entre igrejas e cristãos.

5.1 - O QUE É A COOPERAÇÃO E COMUNHÃO ENTRE IGREJAS E CRISTÃOS?

É o conceito de que o correto relacionamento entre igrejas e cristãos é caracterizado por uma cooperação voluntária que preserve suas autonomias, constituindo uma comunhão geral de caráter espiritual, mas não uniformidade, governo, dependência ou sucessão institucional, nos seguintes termos:

> A autonomia da Igreja tem como fundamento o fato de que Cristo está sempre presente e é a cabeça da congregação do seu povo. A Igreja, portanto, não pode sujeitar-se à autoridade de qualquer outra entidade religiosa. (Princípios Batistas, Art. 4.4)[2].
> Não havendo nenhum poder que possa constranger a Igreja local, a não ser a vontade de Deus, manifestada através de seu Santo Espírito, os Batistas, baseados nesse princípio da cooperação voluntária das Igrejas, realizam uma obra geral de missões, (...) de evangelização, de educação teológica, religiosa e secular; de ação social e de beneficência. Para a execução desses fins, organizam Associações regionais e Convenções estaduais e nacionais, não tendo estas, no entanto, autoridade sobre as Igrejas, devendo suas resoluções ser entendidas como sugestões ou apelos. (...) A designação [batista] surgiu no século 17, mas aqueles discípulos de Jesus Cristo estavam espiritualmente ligados a todos os que, através dos séculos, procuraram permanecer fiéis aos ensinamentos das Escrituras, (...) os Batistas se têm notabilizado pela defesa destes princípios: (...) a autenticidade e apostolicidade das Igrejas. (...) [A] unidade [da reunião universal dos remidos] é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus; (Declaração Doutrinária da CBB, Introdução e Art. 8)[3].

5.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

5.2.1 - <u>A cooperação entre as igrejas do Novo Testamento é voluntária porque cada uma delas é autônoma, soberana e auto-reprodutiva.</u> **E na igreja que estava em Antioquia (...) servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. (...) E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos (...) E, havendo-lhes, por comum consentimento, eleito anciãos em cada igreja, orando com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido. (...) E dali navegaram para Antioquia, de onde tinham sido encomendados à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido. E, quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abrira aos gentios a porta da fé. (At 13:1-3; 14:21-27).** Nesse trecho do livro de Atos é narrada a origem daquela que ficou conhecida como a Primeira Viagem Missionária de Paulo, acompanhado por Barnabé. A igreja de Antioquia tem uma convicção de que Deus está chamando dois de seus líderes para a obra missionária. Essa igreja os envia a pregar o evangelho em diversas cidades nas regiões de Chipre e da Pisídia, o que eles fazem, tendo como resultado a conversão de um certo número de discípulos em cada cidade, e consequentemente a fundação de novas igrejas nesses lugares. E tendo feito

isso, os missionários já elegem novos pastores em cada uma das novas igrejas e retornam à igreja de Antioquia. Reparamos assim como Antioquia foi soberana e autônoma em tomar a decisão de enviar missionários por si própria, sem consultar ou receber ordem da igreja dos apóstolos em Jerusalém, ou de qualquer outra autoridade humana externa a ela (o chamado missionário foi discernido diretamente por meio da relação daquela igreja local com Deus). Também Antioquia foi auto-reprodutiva na medida em que o resultado dessa viagem missionária foram diversas novas igrejas em cada uma das cidades pelas quais a dupla de missionários passou pregando o evangelho. E tais missionários não deixaram as novas igrejas dependentes deles ou da igreja-mãe, mas imediatamente estabelecem em cada igreja uma nova liderança para conduzí-la da mesma forma, gerando um ciclo multiplicativo de igrejas. Tal ciclo aparece também em **At 9:31**: **as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia e Samaria tinham paz, e eram edificadas; e se multiplicavam.** Reparemos que o texto fala de igrejas se multiplicando como resultado do seu ministério. Mais do que gerar apenas conversões de indivíduos, os alvos e frutos dos trabalhos de uma igreja local também incluem as novas igrejas locais fundadas por ela. Portanto, cada uma das igrejas locais de Cristo pode e deve enviar missionários, e por meio deles gerar novas igrejas, como as referidas nestes textos citados estavam fazendo.

5.2.2 - A cooperação entre igrejas e cristãos deve ser não-hierárquica porque cada membro de uma igreja do Novo Testamento já participa do seu auto-governo. Tal igreja consulta cada membro por deliberação e votação coletiva, conforme evidenciam os seguintes episódios, onde toda uma igreja local participa das decisões que afetam seus trabalhos: a indicação de substitutos para Judas entre os apóstolos: **apresentaram dois (At 1:23)**; a eleição dos primeiros diáconos: **convocando a multidão dos discípulos (...) escolhei, pois, irmãos, dentre vós (...) este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram (At 6:2-5);** a delegação de quem levaria donativos, pela igreja de Antioquia: **os discípulos determinaram mandar, (...) socorro aos irmãos que habitavam na Judéia (...) por mão de Barnabé e de Saulo (At 11:29,30),** e pela igreja de Corinto: **mandarei os que por cartas aprovardes, para levar a vossa dádiva a Jerusalém (1Co 16:3);** a eleição de pastores: **havendo-lhes, por comum consentimento, eleito anciãos em cada igreja (At 14:23);** eleição de mensageiros: **pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger homens dentre eles e enviá-los (At 15:22).** As cartas de Cristo a sete igrejas locais em **Ap 2-3** também demonstram como o Senhor tem uma relação particular e direta com cada igreja local, e sendo assim o único cabeça direto de todos **(Ef 4:15)**. E uma vez que cada cristão possui o Espírito Santo e tem uma relação direta com Cristo, as opiniões de cada um são sempre relevantes no discernimento coletivo dos caminhos de obediência da igreja local à vontade de Deus. Esta ausência de domínio de um cristão sobre o outro dentro de uma igreja local então, implicará na mesma ausência de domínio na relação de uma igreja com outras igrejas e instituições.

5.2.3 - O fundamento apostólico das igrejas não é estabelecido por sucessão ou hierarquia em termos de instituição e governo, mas pela perseverança na doutrina dos apóstolos. Lemos na segunda carta de Paulo a Timóteo: **o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros (2Tm 2:2).** Reparemos como tal doutrina apostólica não prevê complemento ou acréscimo. Pois Paulo passou a doutrina a Timóteo, e Timóteo vai passar a mesma doutrina aos futuros pregadores que ele irá treinar. A partir da segunda geração (Timóteo) e terceira geração (novos líderes treinados por Timóteo), nenhuma nova revelação está prevista. Tais

revelações do Novo Testamento, dadas diretamente por apóstolos e profetas (**Ef 3:5**) pertencem à primeira geração das igrejas de Cristo. Enquanto os apóstolos estavam vivos, poderiam ser consultados diretamente, como no episódio do concílio de Jerusalém **(At 15)**, mas pela providência de Deus, toda igreja desde o primeiro século até a volta de Cristo também sempre pôde e sempre poderá também ir **aos apóstolos (At 15:2)**, bastando que ela, em seu tempo, siga a Escritura Sagrada dos livros do Novo Testamento, os quais são o registro da doutrina dos apóstolos, a voz de Cristo **(Lc 10:16; 2Co 13:3; 1Co 14:37)**. É dessa forma ainda hoje, que continuamos a perseverar **na doutrina dos apóstolos (At 2:42).** É isso que Pedro desejava para seus ouvintes: **Mas também eu procurarei em toda a ocasião que depois da minha morte tenhais lembrança destas coisas (2Pe 1:15).** Muitos sugerem que ele está se referindo à composição do Evangelho escrito por **Marcos (1Pe 5:13)**, a partir das memórias dele. Portanto, **aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra outro (1Co 4:6 cf. Jd 1:3)** e **se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus (1Pe 4:11) porque as sagradas Escrituras que podem fazer**-nos sábios **para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra (2Tm 3:15-17)** [ver 7.2.7]**.**

5.2.4 - <u>A diversidade de comunidades cristãs independentes entre si, mas ainda assim submissas a Cristo é demonstrável no Novo Testamento</u>. **E, respondendo João, disse: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios, e lho proibimos, porque não te segue conosco. E Jesus lhe disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós (Lc 9:49,50).** Os discípulos achavam que sua comunidade itinerante era a única válida e certa; além disso, sendo eles os discípulos mais próximos a Jesus, quem senão eles, teriam autoridade sobre o exercício da fé alheia? Mas o Senhor lhes surpreende dizendo que não deviam repreender aquele discípulo independente pelo fato dele não seguir junto a eles. Desta forma vemos o Senhor manter alguns indivíduos ligados pela fé a Ele, mas não dependentes institucionalmente dos apóstolos. Outros exemplos disso seriam o ex-endemominhado gadareno, que não vai acompanhá-los, mas é ordenado por Jesus a pregar o Reino de Deus na sua cidade **(Mc 5:18-20)**, os “filhos da paz”, que seriam preparados de antemão para receber os missionários **(Lc 10:5-7)**; diversos discípulos que não acompanhavam a Jesus em todo o tempo, como o centurião, Marta, Maria e Lázaro, Nicodemos, José de Arimatéia, etc. Tempos depois, o etíope convertido segue sozinho para sua terra, tendo somente o evangelho e a Escritura como companhia **(At 8:39)**, não iria ele formar nova igreja em sua terra, quando pregasse o evangelho a seus compatriotas? Se sim, que controle a igreja dos apóstolos em Jerusalém teria sobre aquela distante igreja? Assim, um discípulo separado **não segue** Jesus **conosco**, mas não é isso que o desqualifica como discípulo. Ele pode estar seguindo Jesus, mesmo que não esteja **conosco (Lc 9:49-50)**.

5.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

5.3.1 - <u>A relação entre as igrejas de Cristo é meramente colaborativa e associativa.</u> Em **Mt 18:15-20** o Senhor estabelece cada igreja local como a primeira e última instância de autoridade eclesiástica humana. Dada a autonomia assim estabelecida das igrejas locais, repete-se no relacionamento entre as igrejas o que ocorre a nível dos indivíduos. Assim

como estes, voluntariamente, se associam para a promoção e prática da fé mútua, no agrupamento de uma igreja local, da mesma maneira as igrejas locais se associam umas às outras com o mesmo propósito, de maneira livre e voluntária. Essas associações, também chamadas denominações, podem criar outras tantas instituições para promoverem os ministérios das igrejas locais, como o estabelecimento de missões, o ensino teológico, a ação social, etc, quando julgarem que as igrejas associadas podem realizar mais que uma igreja sozinha. Entretanto, jamais as associações de igrejas ou as instituições que elas criam poderão ter autoridade sobre as igrejas locais, pois elas continuam governando a si mesmas em todos os assuntos e continuam livres para se desvincular ou vincular a qualquer instituição que desejarem, tal como os indivíduos são livres para se desligarem ou se ligarem à uma igreja local em busca de uma melhor identificação. Da mesma forma, cada igreja é livre para associar-se às outras igrejas com as quais se identificar.

5.3.2 - A comunhão e reconhecimento geral entre igrejas e cristãos não exige uniformidade total, mas identificação em alguns assuntos específicos, que devem ser discernidos. O assunto da diferença pode ser essencial, periférico ou livre, com diferentes consequências para o nível de cooperação entre igrejas e cristãos conforme a sugestão abaixo, onde ‘reconhecimento’ se refere a entender que o outro, a princípio, é também um cristão legítimo, e ‘comunhão’ se refere à uma eventual reunião em cultos e ministérios:

5.3.2.1 - QUESTÕES ESSENCIAIS - Nas quais a diferença dificultará o reconhecimento e comunhão entre igrejas e cristãos, tais como nas crenças sobre a Escritura como única autoridade infalível, Cristo como único Mediador entre Deus e homens, salvação unicamente pela graça mediante a fé, diversidade de costumes que afete a moral bíblica, e semelhantes. É desaconselhada a associação entre igrejas e cristãos com diferenças neste nível. **Destes afasta-te (2Tm 3:5;** cf. **2Jo 1:9-11).**

5.3.2.2 - QUESTÕES PERIFÉRICAS - Nas quais a diferença ainda permite o reconhecimento, mas dificulta a comunhão entre igrejas e cristãos, tais como diferentes doutrinas sobre o governo das igrejas, batismo, ceia, disciplina e semelhantes. Igrejas com diferenças até este nível podem se associar em obras de interesse geral do Reino de Deus, como mutirões de evangelismo, distribuição de bíblias, beneficência, ação social, etc. em que um esforço conjunto seja salutar ou necessário. **Quem não é contra nós, é por nós (Lc 9:50).**

5.3.2.3 - QUESTÕES LIVRES **-** Nas quais a diferença é irrelevante, permitindo o reconhecimento e comunhão plena entre igrejas e cristãos, tais como nos estilos de culto e liturgia, organização e cargos, diversidade de costumes que não afete a moral bíblica, e semelhantes. Pelo fato de terem um consenso doutrinário significativo, igrejas com diferenças até este nível podem também se associar em convenções e denominações, e assim realizar ampla colaboração em todas as áreas, inclusive apoiando a transferência de membros entre si. **Recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu (Rm 15:7;** cf. **Rm 14).**

5.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

5.4.1 - Classifique, além do exposto nesta lição, mais alguns exemplos de questões essenciais, periféricas e livres, e as consequências da diferença nelas para a possibilidade de reconhecimento e comunhão entre igrejas e cristãos.
5.4.2 - O sistema de várias igrejas filiais a uma matriz é coerente com a doutrina batista? Um pastor de uma igreja-mãe que está fundando novas igrejas, tem responsabilidade permanente sobre essas novas igrejas, ou somente enquanto elas são congregações em formação?
5.4.3 - Qual dessas opções administrativas é mais coerente com a doutrina batista, sobre a formação de novas congregações: (a) a nova congregação ser liderada, gerida, e suprida pela igreja-mãe em todos os aspectos; ou (b) desde o início a nova congregação se auto-administrar com autonomia, sendo gerida por membros da igreja-mãe consagrados e enviados para isso?
5.4.4 - Conforme o Preâmbulo da Declaração Doutrinária da CBB, nenhuma associação tem autoridade sobre a igreja local, mas todas suas resoluções são apenas “sugestões e apelos”[1]. Que consequências esse fato tem sobre a relação entre as igrejas batistas e a Convenção?

FIGURAS:
Página 27 - KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências no Brasi : Rio de Janeiro e Província de São Paulo / Daniel P. Kidder; tradução de Moacir N. Vasconcelos. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 85.
<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1050/591395.pdf?sequence=4&isAllowed=y> (13/10/2021).

REFERÊNCIAS:

1 - KIDDER, Op. cit. pp. 122-124.
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).
3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

Lição 6 - Organismo e Organização

Tema: Nossa missão e seus instrumentos

Divisa: **Todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (Ef 4:16).**

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro em 1913.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Romanos 12**
Terça **1 Coríntios 12**
Quarta **1 Coríntios 13**
Quinta **1 Coríntios 14**
Sexta **Filipenses 1**
Sábado **Filipenses 2**
Domingo **Filipenses 3**

A pregação pública [da PIB do Rio de Janeiro] não foi, todavia, a única forma empregada pela Igreja na evangelização. Desde os primórdios, deu ela muita ênfase à visitação, desenvolvida por seu pastor e por seus membros. Vale, inclusive, salientar que, já em 1886, aprovou-se em sessão que "cada membro da Igreja tomasse um dia em cada semana para visitar algumas famílias e pessoas do seu conhecimento e outros com o fim de lhes falar do evangelho e convidá-los para o culto", estabelecendo-se que os que fizessem isso informassem à Igreja, cujas atas registram alguns desses relatórios. A Igreja chegou, mais tarde, a ter comissões de visitação, bem como comissão de convites, a pessoas não crentes. (...) [A partir de 1917] a Igreja [decidiu] colaborar financeiramente com os seus visitadores. Desse modo, dona Maria Gesteira, após um período como visitadora da Associação Evangelizadora de Senhoras, passou a receber da Igreja a importância mensal de 100 mil réis, como ajuda-de-custo. A mesma importância recebia o irmão Francisco Simas, para idêntica função. Por sua vez, o irmão Hidualpo Leal, que trabalhou em regime de tempo integral por pouco mais de um ano, recebia 200 mil réis por mês. Nenhuma outra função era remunerada.[1]

Esta narrativa dos primórdios da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro ilustra a relação que é alvo deste estudo: entre organismo e organização. Pois o Corpo de Cristo, organismo, entendeu que havia uma tarefa da missão a ser realizada, o evangelismo da comunidade local, e formulou uma organização que atendesse ao seu cumprimento: a prática da visita

evangelística. Entretanto, podemos notar como essa instituição mudou com o tempo: se ao início a tarefa de visitação era solicitada a todos os membros, algum tempo depois a igreja mudou para entregar a tarefa a comissões, depois a indivíduos em um cargo denominado 'visitador', e por último decidiu-se remunerar o cargo.

6.1 - O QUE É A RELAÇÃO ENTRE ORGANISMO E ORGANIZAÇÃO?

É o entendimento que para a igreja cumprir sua missão no mundo, faz-se necessário que ela crie algum aparato organizacional, o qual deve, o quanto possível, cumprir as tarefas eclesiásticas conforme os dons dos membros, concretizando a missão e os dons em seu nicho de atuação, fazendo com que a organização (departamentos, cargos, eventos, trabalhos) seja expressão fiel e útil do organismo (o conjunto integrado das vidas, dons e ministérios dos membros da igreja).

> Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho; (...) O Espírito Santo (...) Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo; (...) A santificação (...) se manifesta (...) por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo. (...) Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o Seu reino, na medida dos talentos e dos dons concedidos pelo Espírito Santo. (Declaração Doutrinária da CBB, Arts. 3, 5, 8, 11)[2]
> O alto valor do indivíduo deve refletir-se nos serviços de culto, no trabalho evangelístico, nas obras missionárias, no ensino e treinamento da mordomia, em todo o programa de educação cristã. Os programas são justificados pelo que fazem pelos indivíduos por eles influenciados. (Princípios Batistas, Art. 5.1)[3].

6.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

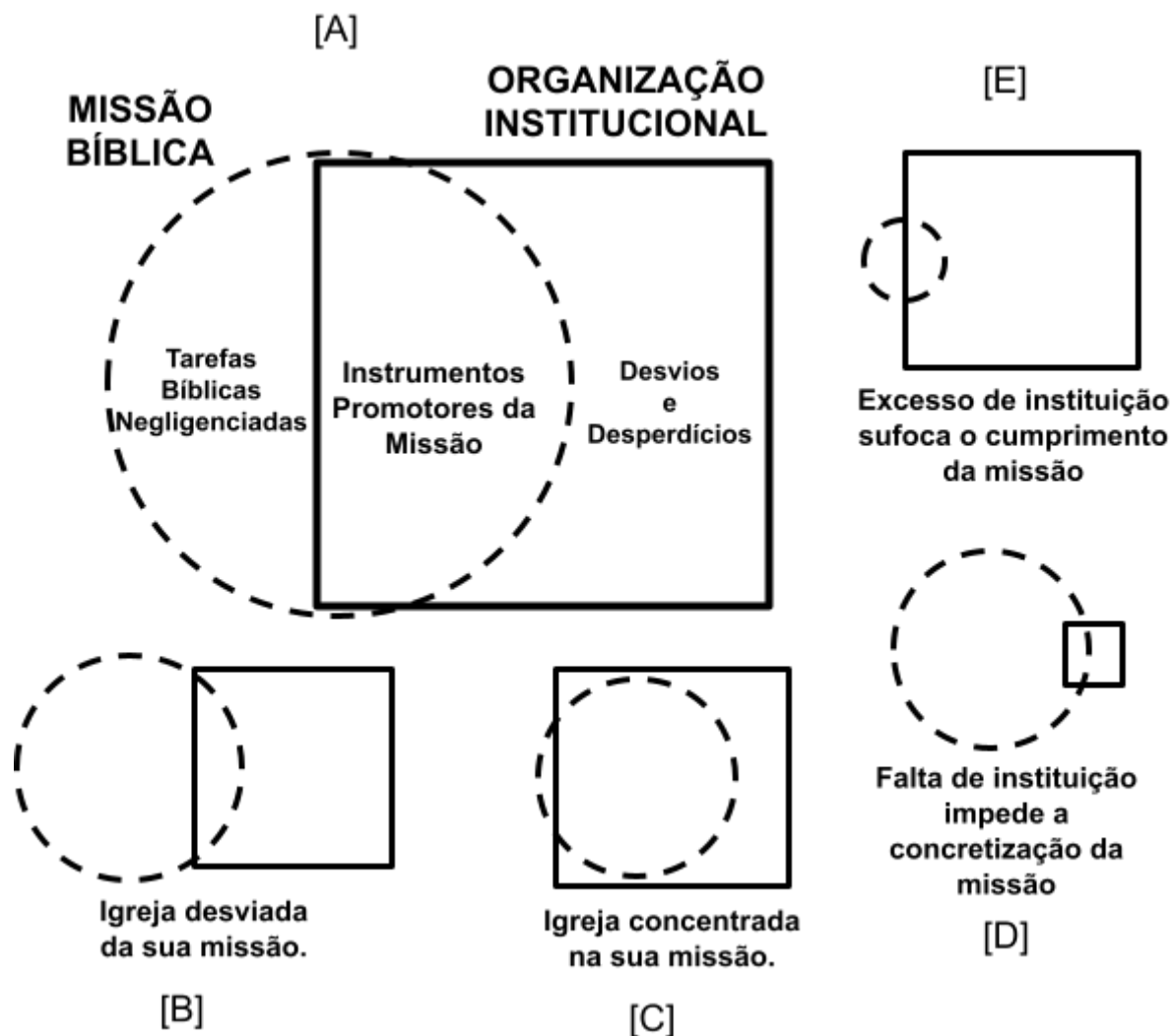
6.2.1 - O organismo da igreja local tem uma missão no mundo, que consiste nas tarefas que ele recebeu de Cristo mesmo, conforme descritas nas Escrituras do Novo Testamento, afim de cumprir o propósito da sua existência. Uma definição da missão bíblica da igreja seria:

Ir **por todo o mundo**, para pregar **o evangelho a toda criatura (Mc 16:15)**, anunciando a morte e ressurreição de Cristo em nosso favor **(1Co 15:3-4)** oferecendo a oportunidade de **arrependimento e remissão dos pecados (Lc 24:47)**, exortando que creiam nessa mensagem **(Mc 1:15)**, fazendo **discípulos de todas as nações**, **batizando-os** e **ensinando-os a guardar** tudo que Cristo ordenou, **(Mt 28:19,20)** reunindo-se **em nome** dEle **(Mt 18:20)**, para estimular **uns aos outros (Hb 10:24-25)** por meio do ensino, pregação, **oração** e louvor **(At 15:35; Cl 3:16; Ef 6:18)**, exercendo beneficência na forma de ajuda a necessitados e sustento de ministros **(Gl 6:9-10, 1Tm 5:17-18)**, bem como celebrar a **Ceia em memória** de Cristo, **até que** Ele **venha (1Co 11:20,25-26)**, recebendo de seus membros os recursos materiais para essas atividades **(1Co 16:2)**.

6.2.2 - O organismo da igreja é formado por membros que receberam de Deus dons para contribuir com o cumprimento da missão da igreja, Lemos: **Todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor (Ef 4:16). A justa operação de cada parte** que **faz o aumento do corpo**, assim pode-se concluir que o corpo de Cristo não crescerá corretamente sem a operação de todas as suas partes, isto é, se alguns de seus membros não operarem nele. **Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis (1Co 12:18)** ou seja, o Senhor tem um propósito com cada membro de igreja para a edificação do Seu corpo, e a igreja precisa encontrar uma maneira de que cada um esteja operante, pois mesmo **os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários (1Co 12:22)**.

6.2.3 - O organismo da igreja atua no mundo por meio de uma organização que ela própria constrói. Para tornar concreta sua atuação no mundo, a igreja local precisa tomar decisões sobre sua organização, as quais, por sua natureza circunstancial, não serão normativas para todas as outras igrejas. Como exemplo de questões organizacionais próprias, já nas igrejas do Novo Testamento, podemos citar: a quantidade de cultos regulares, pois a igreja de Jerusalém efetuava dois cultos por dia, mas as de Trôade e Corinto somente um por semana **(At 2:46, 20:6-7; 1Co 16:2)**; a realização de festas de amor, ou jantar comunitário **(Jd 1:12)**; a reunião da igreja em amplo local público ou nas casas **(At 5:12; Rm 16:23)**; a quantidade de pessoas que compõem um grupo missionário **(At 9:32; 11:12; 13:2-5),** o uso de cartas de recomendação **(2Co 3:1)**, etc.

6.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

6.3.1 - A organização institucional da igreja deve estar a serviço da sua missão. A relação entre ambas pode ser resumida por meio da figura a seguir:

6.3.2 - A organização institucional [Figura A] se refere à encarnação concreta dessa igreja no mundo e na sua cultura pelo uso de instrumentos, isto é: a especificação e estabelecimento de suas reuniões, obras, ministérios, documentos, padrões, tradições, métodos, cargos, departamentos, equipamentos, etc. É sempre necessário que exista essa organização institucional no mundo, e ela sempre está envolvida em grande fator de condicionamento cultural. Tal como a roupa que você está vestindo agora. Você poderia estar vestindo outra roupa, mas teria que estar com alguma roupa. Se mudarmos as pessoas, o povo, o tempo, o lugar, a ocasião, também teremos roupas diferentes, mas ainda assim, algum tipo de roupa. Assim é a organização institucional das igrejas: varia grandemente de acordo com sua época, país, cultura e doutrina, mas se faz sempre necessário haver algum tipo de organização. E isso não é algo necessariamente ruim ou bom, apenas temos que discernir quais partes dela são instrumentos da missão legítimos e quais são desvios e desperdícios.

6.3.3 - Os instrumentos da missão [Figura A] são todas as ações organizacionais da igreja que, mesmo se não estiverem textualmente especificadas na Escritura para ela, servem ao propósito de, enquanto opções de ação institucional da mesma, promover o cumprimento das tarefas da missão. Como exemplos dessa instrumentalidade útil à missão podemos

citar: a marcação dos dias e horários das reuniões; o empréstimo, aluguel ou posse de um local para os cultos, bem como a sua construção ou reforma dele; a aquisição de bancos, cadeiras, mesas, púlpito, gazofilácio, instrumentos musicais, sistema de som, bíblias, hinários, revistas, folhetos, boletins, quadro-branco; projetor; a instituição da igreja como pessoa jurídica, sua regulação por meio de declaração doutrinária, estatuto, regimento interno e rol de membros; a criação de departamentos e cargos com suas respectivas tarefas, tais como escola bíblica e escola de treinamento, o estabelecimento de um ponto de pregação em outra localidade visando a criação de uma nova igreja, a compra de alimentos para serem distribuídos, o patrocínio de cursos úteis ao ministério dos seus membros, etc. Na exata proporção em que essas coisas promoverem o cumprimento da missão da igreja, isto é, que ajudem a igreja a cumprir suas tarefas bíblicas, elas poderão ser classificadas como instrumentos úteis e legítimos.

Por exemplo, a tarefa da missão de “receber de seus membros os recursos materiais para essas atividades **(1Co 16:2)**” [6.2.1] pode ser concretizada pelo instrumento da coleta voluntária de dinheiro. Tal instrumento da coleta tem grande variabilidade: em algumas igrejas é durante os cultos de domingo, acompanhado do cântico congregacional; outras igrejas coletam durante todos os cultos, incluindo as classes da Escola Bíblica, algumas usam gazofilácio, outras passam uma cesta; algumas o fazem em silêncio, sem hino acompanhando; outras nem o fazem no momento do culto: o gazofilácio fica disponível na frente do auditório e a pessoa coloca a oferta a hora que quiser, etc. Nenhuma dessas opções é necessariamente certa ou errada, elas são adotadas por costume e conveniência, podendo inclusive mudar com o tempo na mesma igreja. No momento em que este estudo é escrito, estamos vivendo uma transformação nos procedimentos de coleta, pela multiplicação dos meios eletrônicos de transferência de valores, de modo que muitos, embora mantendo a participação no momento do ofertório, não o fazem mais depositando cédulas de dinheiro, mas o comprovante de transferência. Podemos até imaginar que em breve as igrejas colocarão um aparelho eletrônico no lugar do gazofilácio, e os membros irão a ele fazer transferências eletrônicas instantâneas. Como dissemos, são muitas maneiras diferentes pelas quais a igreja pode optar em concretizar sua tarefa da missão.

6.3.4 - Os <u>desvios da organização</u> [Figura A] ocorrem nas atividades da igreja que usam seu tempo, recursos e talentos, sem que se possa identificar corretamente que elas promovam o cumprimento da sua missão bíblica. Como exemplo desses tipos de desvios podemos citar: o envolvimento da igreja com o governo, políticos, partidos, associações seculares, empresas, militâncias sociais e ideológicas; atividades com fins lucrativos; o excesso de burocracia; a criação e manutenção de quaisquer instituições, estruturas, tradições e costumes impossíveis de identificar com a missão da igreja, etc. Muitas vezes, pela atuação de forças sociais e culturais externas à igreja ou interesses pessoais de seus membros, a organização religiosa da igreja é por tais fatores desviada do seu propósito original. Mesmo que essas atividades sejam lícitas ao cristão em sua vida particular, nem sempre será correto envolver sua igreja nelas, por não fazerem parte da sua missão bíblica. Nesses casos, o mais correto é que o cristão desenvolva tais atividades na sociedade de forma externa e independente da sua igreja.

Por exemplo: suponha que um membro da igreja proponha que se crie um ministério na igreja de recolhimento e cuidado para os cães e gatos abandonados do bairro. Por mais que tal membro possa justificar essa atividade por valores bíblicos de preservação, cuidado e

misericórdia devido aos animais **(Gn 2:15; Gn 6:20; Pv 12:10; Hc 2:17)**, constitui-se desvio da missão da igreja ele fazer isso por meio dela, pois é totalmente fora dos propósitos dos trabalhos de uma igreja em si. Ele pode perfeitamente atuar nessa causa, criando uma associação ou instituição secular para isso, com sede própria, de forma independente e separada, sem ocupar os recursos da igreja com tal atividade, que não faz parte da sua missão. O máximo que uma igreja deveria se envolver nesses tipos de atividades seria por meio do ensino do que a Palavra diz sobre o assunto. Pois a Bíblia, sim, ensina ao cristão valores básicos sobre todos as áreas da vida e do mundo, até o deste exemplo, mas estabelece uma missão com tarefas bem detalhadas e específicas para as obras da igreja de Cristo em si, da qual ela não deve se desviar. As atuações do cristão na sua vida secular, porém, podem ser feitas nesses assuntos que não fazem parte da missão específica da igreja, se ele entender que faz parte da vocação dele no mundo atuar naquela área. Poderíamos resumir da seguinte forma: As igrejas de Cristo devem limitar-se a fazer aquilo que a Bíblia lhes ordena, enquanto que os indivíduos podem fazer aquilo que a Bíblia não lhes proíbe. A Palavra de Deus tem orientações para todas as áreas da vida, mas as esferas não devem ser misturadas, e cada uma deve cumprir seu propósito dado por Deus [vide Lição 2].

6.3.5 - As tarefas bíblicas negligenciadas [Figura A] são as partes da missão da igreja [6.2.1] que a igreja não esteja executando, ou que executa com parcialidade. Por exemplo, suponha que uma igreja jamais faz qualquer ação de evangelismo no seu bairro. Essa tarefa estaria no campo da negligência, e não faria parte da organização institucional, por não ter nenhuma expressão concreta. Toda igreja tem o dever de trabalhar para que esse campo diminua em sua forma de atuar no mundo, concretizando sua missão por meio da sua organização.

6.3.6 - A igreja pode estar desviada da missão [Figura B] Voltando à metáfora das roupas, imagine que alguém se vestisse com vários casacos em dia de calor, seria uma quantidade desproporcional à necessidade de vestimenta. Assim também a igreja pode estar vestindo um excesso de ‘roupas organizacionais’ que desviam seu tempo e recursos humanos e financeiros, desperdiçando-os em eventos, ações, burocracias, etc que não ajudam a cumprir a sua missão. Ele precisa reavaliar a continuidade deles.

6.3.7 - A igreja pode estar concentrada na missão [Figura C]. O contrário, uma igreja concentrada na sua missão, seria aquela que tem uma estrutura organizacional maximamente ajustada às tarefas da sua missão, nem excessiva, nem insuficiente, mas principalmente, cuja organização esteja a serviço da missão, com disposição para mudanças e ajustes em suas estruturas que promovam um cumprimento maior dela. Note-se, porém, que o perfeito ajuste não existe. Sempre haverá algum pequeno aspecto da missão que a igreja não cumpre, por não poder existir, neste mundo, organização espiritualmente perfeita, sendo que as próprias imperfeições dos membros da igreja sempre gerarão imperfeições no trabalho da igreja.

6.3.8 - A falta de instituição impede a concretização da missão [Figura D]. A institucionalidade não é meramente um ‘mal necessário’. Imagine uma igreja tão informal que não tenha nem horário regular de culto: uma semana o culto acontece, outra não; se reúne esporadicamente, sem aviso prévio… não tenha alvos definidos, não tenha doutrina definida… Tal igreja não pode progredir no cumprimento da missão, pois não tem como se

desenvolver como um corpo. Faltaria organização, continuidade e direção para os frutos do seu trabalho. Para isso ela precisa de padrões, regularidades, referências, métodos, procedimentos e cargos instituídos.

6.3.9 - O excesso de instituição sufoca o cumprimento da missão [Figura E]. O contrário da situação anterior seria quando a igreja está sufocada com um inchaço de organização, ou muita rigidez na sua estrutura, regras e burocracia, deixando de espelhar adequadamente a capacidade dos dons dos seus membros, e estes se sentem sobrecarregados ou frustrados por seu trabalho e tarefas não corresponderem a uma palpável frutuosidade no Reino de Deus, que a igreja deveria estar produzindo por meio de cada membro. A estrutura nessas condições se torna um peso a atrasar o cumprimento da missão, e precisa ser reformulada.

6.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

6.4.1 - Retorne ao relato do início desta lição, sobre visitações evangelísticas, e avalie as vantagens e desvantagens de cada uma das opções de organização que aparecem naquele relato, o entregar uma tarefa a: todos os membros da igreja; a uma comissão temporária; a membro(s) por meio de cargo oficial; a membro(s) por meio de cargo oficial com remuneração.

6.4.2 - Acrescente outros exemplos, além dos afirmados nesta lição, de desvios e desperdícios na organização da igreja [6.3.4], que não podem ser classificados como promotores da missão da igreja.

6.4.3 - Cite exemplos e as possíveis resoluções para as seguintes situações:

- 6.4.3.1 - Membros cujos dons não correspondem a nenhum cargo existente na estrutura da igreja.
- 6.4.3.2 - Cargo ou ministério com mais pessoas desejando exercê-lo do que a estrutura provê oportunidade.
- 6.4.3.3 - Cargo que ninguém deseja exercer, mas que é necessário.
- 6.4.3.4 - Cargo que é mantido por tradição, sem haver pessoas aptas a exercê-lo.
- 6.4.3.5 - Departamento mantido por tradição, mas sem demanda de serviço.

6.4.4 - Relembre casos de conflitos em igreja que chegaram ao seu conhecimento e analise quantos deles foram motivados por divergências sobre organização e não sobre a missão da igreja, e se forem a maioria, o que isso reforçaria sobre a necessidade de se compreender o caráter transitório da organização, e dela precisar ser reformulada ou flexibilizada nos seus aspectos que não promovem a missão?

FIGURAS:
Página 33 -AZEVEDO, Israel Belo, 1952 - red. Coluna e firmeza da verdade; história da Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro — Volume I: 1884-1927. Coordenação da Pesquisa e Redação do Texto: Israel Belo de Azevedo. Rio de Janeiro, Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, 1988. 207p. 21 cm. (p. 191). Disponível em <https://decpibrj.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Coluna-e-Firmeza-da-Verdade.pdf> (02/11/2021).

Página 35 - Composição do autor.

REFERÊNCIAS:
1 - AZEVEDO, Op. cit., pp. 31 e 89.
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).
3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).

Lição 7 - Consagração de Ministros

Tema: Delegando tarefas especiais

Divisa: **E Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores (Ef 4:11).**

John Bunyan pregando ao ar livre..

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Efésios 4**
Terça **1 Timóteo 1**
Quarta **1 Timóteo 2**
Quinta **1 Timóteo 3**
Sexta **Tito 1**
Sábado **Tito 2**
Domingo **Tito 3**

Considerando-me ainda indigno, não pude acreditar, a princípio, que Deus falaria através de mim ao coração de qualquer pessoa. Contudo, os indivíduos tocados por meio de meu trabalho me amavam e tinham particular respeito por mim. Embora eu não falasse muito sobre o fato de que eles tinham sido despertados para a justiça por intermédio de mim, eles continuavam a confessar e afirmar isso diante dos santos de Deus. Eles também agradeciam a Deus por mim, indigno e miserável como sou, e me consideravam como instrumento de Deus, que lhes mostrara o caminho da salvação. Vendo-os, portanto, tão constantes em palavras e feitos e vendo seu coração ansiar tão sinceramente pelo conhecimento de Jesus Cristo, regozijando-se pelo fato de Deus me enviara ao encontro deles, comecei a concluir que poderia ser verdade que Deus tivesse posto seu selo sobre um ignorante como eu, para fazer a sua obra.[1]

O autor dessas palavras foi o pastor batista John Bunyan, que viveu no século XVII, e é conhecido por ter escrito o livro cristão mais lido depois da Bíblia, “O Peregrino”. Aqui ele retrata o singular momento em que começou a ser convencido que tinha um chamado de Deus para o ministério da Palavra. Como vemos, esse convencimento veio mais pelo testemunho de outros sobre o efeito das suas pregações do que por alguma convicção dele próprio. Sobre essa escolha de crentes para ministros é que esta lição tratará.

7.1 - O QUE É A CONSAGRAÇÃO DE MINISTROS?

É o conceito de que:

> Cada cristão tem o dever de ministrar ou servir com abnegação completa; Deus, porém, na sua sabedoria, chama várias pessoas de um modo singular para dedicarem sua vida de tempo integral ao ministério relacionado com a obra da Igreja. (...) Os que são chamados pelo Senhor para o ministério cristão devem reconhecer que o fim da chamada é servir. São, no sentido especial, escravos de Cristo e seus ministros nas Igrejas e junto ao povo. Devem exaltar suas responsabilidades, em vez de privilégios especiais. Suas funções distintas não visam à vanglória; antes, são meios de servir a Deus, à Igreja e ao próximo. As Igrejas são responsáveis perante Deus por aqueles que elas consagram ao seu ministério. Devem manter padrões elevados para aqueles que aspiram à consagração, quanto à experiência e ao caráter cristãos. Devem incentivar os chamados a procurarem o preparo adequado ao seu ministério. (Princípios Batistas, Art. 5.3)[3]

7.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

7.2.1 - A <u>origem dos ministérios é divina:</u> O Senhor Jesus, querendo o aperfeiçoamento dos santos, **deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores (Ef 4:11)**, e orientada pelo Espírito Santo para sua melhor organização, a igreja dos apóstolos estabeleceu o ofício dos diáconos **(At 6:1-6; Fp 1:1)**.

7.2.2 - O <u>propósito dos ministérios é o serviço:</u> Ainda que incluam um aspecto de liderança do povo de Deus, esta é feita mais pelos ministros servirem ao povo de Deus e darem **exemplo**, não **como tendo domínio (1Pe 5:3)**, pois entre nós **não será assim,** pelo usar **de autoridade sobre** os outros, **antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; e qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos (Mc 10:42-44).**

7.2.3 - O <u>chamado ao ministério</u> para o cristão se manifesta interiormente por meio de um desejo **(1Tm 3:1)** e um senso de dever **(1Co 9:16)** referentes à obra do Senhor, exteriormente reconhecido por outros cristãos mais experientes **(At 16:1-3; cf. 2Tm 2:2)**, evidenciado pelos frutos do seu trabalho **(1Co 9:2; cf. 2Co 3:1-6)**, e concretizado pelo seu preparo, consagração e comissionamento feitos por sua igreja local **(At 13:1-3; 14:23; 11:22-23; 2Co 8:19,23; At 6:3)**; devendo, em tudo isto, ser manifestamente conduzido e confirmado pelo Espírito Santo no coração do vocacionado e de seus irmãos **(At 20:28; cf. 13:2-4)**.

7.2.4 - O <u>preparo para o ministério</u> conforme a Bíblia se dá por meio do discipulado direto, isto é, que os ministros já consagrados tomem aprendizes **(2Tm 2:2)** para os auxiliarem e acompanharem em seus trabalhos **(At 16:1-3)** e assim serem instruídos na prática. Tal como antes de Josué exercer a liderança, foi auxiliar de Moisés, o mesmo para a relação entre Eliseu e Elias, os apóstolos e o Senhor Jesus, Timóteo para Paulo, etc: **o seu servidor, o jovem Josué, (...) nunca se apartava do meio da tenda; (...) aqui está Eliseu, (...) que derramava água sobre as mãos de Elias;(...) seguiu a Elias, e o servia**

(...) e nomeou doze para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar; (...) enviando à Macedônia dois daqueles que o serviam, Timóteo e Erasto; (...) serviu comigo no evangelho, como filho ao pai (Ex 33:11; 2Rs 3:11; 1Rs 19:21; Mc 3:14; At 19:22; Fp 2:22). Esse período é necessário, não só para a instrução, mas também para a confirmação da aptidão deles para o ministério: **sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis (1Tm 3:10)**, afinal também temos na Bíblia exemplos de aprendizes reprovados como **Geazi**, o servo de **Eliseu (2Rs 5:20-27)**, e dos problemas que ministros inaptos causam como **Demas** e **Diótrefes (2Tm 4:10; 3Jo 9,10)**.

7.2.5 - O ministério de apóstolo foi estabelecido para servir de fundamento da igreja de Cristo **(Ef 2:20)**, compondo um grupo que a liderava **(At 16:4; Mt 19:28)**, por meio da sua instrução direta recebida do Senhor Jesus **(Mt 10:27; At 2:42)**, o testemunho ocular da Sua ressurreição **(At 1:22)**, divulgação verbal do evangelho **(Mc 16:15)**, confirmação da Palavra por meio de sinais e maravilhas **(Mc 16:17,18; 2Co 12:12)**, distribuição de dons do Espírito Santo **(Hb 2:4; 2Tm 1:6; cf. At 8:18)**, bem como o registro de toda a doutrina de Cristo nas Escrituras do Novo Testamento **(2Pe 1:15)**. Em certo sentido, por serem o ministério fundamental do qual descenderam os demais, os apóstolos exerceram todas as funções dos outros ministérios **(Rm 15:19; Jo 21:15; 2Tm 1:11)**, e também possuíram uma autoridade específica de falar em nome de Cristo **(2Co 13:3; 1Co 14:37)**, promulgar novas doutrinas **(Ef 3:3-6)** e dar orientações divinas às igrejas **(At 2:42; 15:24-29; 16:4; 21:25)**. Exemplos bíblicos: os doze: Pedro, Tiago, João, etc. **(Mt 10:2-4; At 1:2,13)**, Matias **(At 1:26)**, Tiago irmão do Senhor **(Gl 1:19; cf. 1Co 15:7)**, Paulo e Barnabé **(At 14:4)**.

7.2.6 - O ministério de profeta foi estabelecido para, em conjunto com os apóstolos, como fundamento da igreja **(Ef 2:20)**, confirmado por sinais e maravilhas **(At 11:27-28; 1Co 14:24,25),** de maneira exatamente igual aos profetas do Antigo Testamento, por ocasião da promulgação do Novo Testamento, prover às igrejas instruções diretas da parte de Deus, não somente explicando a Palavra, mas realmente Deus falando verbalmente às igrejas por meio das pregações dos profetas **(At 13:1 + At 15:35)**, em parte para orientação local e individual **(1Ts 5:20; 1Tm 4:14; 1Tm 1:18; 1Co 14:24,25; At 11:27-28 cf. Gl 2:2; At 21:10-11)**, e em parte para transmitir e aplicar por revelação divina as novas doutrinas do Novo Testamento, e a interpretação cristã do Antigo Testamento **(Ef 3:5; 1Co 14:3,30,31; Rm 16:25-26)**, enquanto o teor do Novo Testamento não era completamente registrado nas Escrituras dos apóstolos **(1Co 13:8-13)**. Exemplos bíblicos: **Ágabo (At 11:27,28), Silas, Judas (At 15:32)**, as **filhas** de **Felipe (At 21:8,9)**.

7.2.7 - Os ministérios de apóstolo e de profeta, tendo servido de fundamento da igreja de Cristo **(Ef 2:20; cf. Ef 3:5)**, cumpriram o propósito que tinham e não pertencem mais, como novos chamamentos, ao tempo atual da igreja de Cristo na terra, que recebe orientação divina e fundamento mais que suficiente pela Escritura que dispõe **(2Tm 3:16,17)**, de modo a não esperarmos nem precisarmos de novas revelações até a volta de Jesus **(Ap 22:18; Jd 1:3)**, pela Escritura já ser a profecia perfeita e o testemunho completo **(1Co 13:8-13)**, por meio da qual Cristo nos fala e guia hoje, conforme o Espírito Santo a ilumina em nossa mente **(2Pe 1:19-21)** cabendo às gerações posteriores àquele período da infância da igreja apenas o transmitir fielmente a doutrina já recebida **(2Tm 2:2)**, pelos dons permanentes de pregação e ensino **(2Tm 4:1-4)** [ver 5.2.3].

7.2.8 - O ministério de evangelista (ou missionário) consiste num trabalho de pregação focado em evangelizar os descrentes, fundando e confirmando novas igrejas, de forma itinerante **(At 14:21-23)**, em especial onde o evangelho não é conhecido **(Rm 15:20)**, permanecendo relativamente pouco tempo em cada lugar, até que ali nasça uma congregação, formada pelas pessoas convertidas ou agregadas por ocasião do seu trabalho **(At 15:41).** Geralmente os missionários partem para iniciar novo trabalho em outra localidade quando entendem que a nova igreja por eles fundada já pode subsistir sozinha e já estabeleceu uma liderança permanente de pastores que ali permanecerão orientando-a por tempo maior e indefinido **(At 14:23)**. Atende a seus requisitos o cristão que, impulsionado pelo Espírito Santo **(At 8:29; 18:5; Mt 9:38)** tem a palavra do Evangelho transbordante em si por compaixão genuína às almas perdidas **(Mt 9:36)**, desejando ganhá-las para Jesus **(Mt 4:18-20),** considerando a evangelização um dever seu diante de Deus **(1Co 9:16)**, ciente da grandeza e necessidade dessa obra **(Mt 9:37)**, disposto a sair para qualquer lugar que o Senhor lhe enviar, sem ganância material alguma **(3Jo 1:7; Mc 10:21)**, pronto a sofrer e dar a vida por Cristo e pelo Evangelho, se necessário **(Mc 8:35; Mt 10:16-23),** sendo um **homem de bem, cheio do Espírito Santo e de fé (At 11:24),** que tenha **bom testemunho (At 16:2)**. Conforme a orientação de Jesus e exemplo dos apóstolos, recomenda-se que os missionários atuem em forma de grupo, como se fossem uma micro-igreja itinerante que funda novas igrejas **(Mc 6:7; Lc 10:1; At 13:2; 15:36-40; 16:3; 19:22).** Para esse ministério a opção do celibato é proveitosa, embora não obrigatória, por fornecer maior liberdade de locomoção e menos consequências familiares em contextos de perseguição **(1Co 7:26-31; cf. Lc 18:29-30; Mt 10:34-39)**. Exemplos bíblicos: **Timóteo (1Tm 1:3; 4:5), Tito (Tt 1:5), Felipe (At 21:8), Erasto (At 19:22), Silas (At 15:40-41)** e **Apolo (At 18:24-28).**

7.2.9 - O ministério de pastor (ou ancião, ou presbítero, ou bispo) consiste em guiar uma igreja local e seus membros ao crescimento espiritual, presidindo-a **(1Ts 5:12)** como **despenseiro da casa de Deus (Tt 1:7)**, pelo ensino, pregação e exortação contínuos da **Palavra** de Deus e da **sã doutrina (1Tm 4:13; 2Tm 4:2; Tt 2:1),** anunciando **todo o conselho de Deus (At 20:27)**, velando pelo bem das **almas** de seus irmãos**, como** os **que delas hão de dar contas (Hb 13:17)**, apascentando **o rebanho de Deus tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho (1Pe 5:2,3),** auxiliando-os em seus sofrimentos **(Tg 5:14)**, pregando o evangelho para a conversão dos ímpios **(At 20:21), instruindo** a todos com **mansidão** e paciência **(2Tm 2:24-25)**. Atende a seus requisitos o cristão que aspira a essa **obra**, e **é irrepreensível, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; marido de uma só mulher honesta, não maldizente, sóbria e fiel em tudo; que governe bem a sua própria casa, tendo filhos fiéis, em sujeição com toda a modéstia, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes, não neófito, que tenha bom testemunho dos que estão de fora, não soberbo, nem iracundo, amigo do bem, justo, santo, temperante; retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes (1Tm 3:1-7,11; Tt 1:7-9)**, sendo geralmente escolhido dentre os membros da própria igreja que irá pastorear **(At 14:23)**, e morador da mesma localidade **(Tt 1:5)**. Exemplos bíblicos: **Epafras (Cl 1:7,8; 4:12,13), Tíquico (Ef 6:1; Cl 4:7)** e **Arquipo (Cl 4:17)**.

7.2.10 - O ministério de mestre (ou doutor, ou professor) consiste em auxiliar o ofício pastoral promovendo com **dedicação** a compreensão e conhecimento geral da Palavra de Deus a todos os membros da igreja **(Rm 12:7; At 13:1 + At 15:35)**. Atende a seus requisitos o cristão (dentre poucos - **Tg 3:1,** cf. **Jó 33:23**) que seja fiel e idôneo **para** ensinar aos **outros (2Tm 2:2)**; sóbrio, grave, prudente, são **na fé, no amor, e na paciência;** sério **no seu viver, como convém a** santos, **não** caluniador**, não** dado **a muito vinho,** mestre **no bem (Tt 2:2-3)**, consciente de sua grande responsabilidade diante de Deus **(Tg 3:1)**. Exemplos bíblicos: **Priscila e Áquila (At 18:26; Rm 16:3)**, **Zenas (Tt 3:13)**.

7.2.11 - O **ministério** de diácono tem a função de servir aos **santos,** auxiliando com seu trabalho **na obra** de Deus **(1Co 16:15-17)** administrando os recursos materiais de uma igreja com fidelidade e justiça, em especial no "servir **às mesas**" **(At 6:2)**, isto é: prover adequadamente assistência aos necessitados e aos ministros **(At 6:1-3; Rm 16:1-2; 1Co 16:15),** com o alvo de que entre os irmãos não haja **necessitado algum (At 4:34; cf. 1Jo 3:17; Tg 2:15-16; 1:27; Mt 25:34-40),** e que aos ministros **nada lhes falte (Tt 3:13; 1Co 16:17; cf. Fp 2:23; 4:15-18),** por meio dos dons de socorrer **(1Co 12:28), ministrar** e repartir **(Rm 12:7,8;** cf. **Fp 4:10-19)**. Atendem a seus requisitos os cristãos **de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria (At 6:3)**, **honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância; guardando o mistério da fé numa consciência pura; maridos de uma só mulher,** que seja **honesta, não maldizente, sóbria e fiel em tudo, e que governem bem a seus filhos e suas próprias casas (1Tm 3:8-13).** Exemplos bíblicos: **Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas, Nicolau (At 6:5), a família de Estéfanas (1Co 15:15-17)** e **Febe (Rm 16:1,2)**.

7.2.12 - Compete exclusivamente à igreja local avaliar, reconhecer, convocar, preparar, provar, consagrar e enviar seus membros para esses ministérios **(At 13:1-3; 14:23; 1Tm 3:10; 2Tm 2:2; 2Co 8:19,23; At 6:3)**, bem como prover os meios de sustento dos que a eles se dedicarem e deles viverem, conforme a Escritura **(Gl 6:6; 1Co 9:11-14; 1Tm 5:17,18)**. A igreja não deve negligenciar essa tarefa de consagrar novos ministros. Tal reconhecimento e oficialização daqueles que, sendo dignos e frutuosos, também se sentem movidos por Deus a uma consagração especial, é dever não só missiológico mas também moral da igreja, advertida que é pela Palavra a não desprezar aqueles que o Senhor lhe envia **(Lc 10:16). Dentre vossos filhos suscitei profetas, e dentre os vossos jovens nazireus (...) mas vós aos nazireus destes vinho a beber, e aos profetas ordenastes, dizendo: Não profetizareis (Am 2:11,12).** Sendo **grande a seara** e **poucos os ceifeiros**, a igreja deve sempre orar e trabalhar para que novos ministros sejam consagrados **(Mt 9:37-38)** sendo para ela direcionada a pergunta da Escritura: **como pregarão, se não forem enviados (Rm 10:15)?** Por outro lado, a igreja deverá em paralelo sempre avaliar se os requisitos afirmados pelo Novo Testamento para cada ministério estão sendo atendidos **(Tt 1:5-9)**, a fim de prosseguir com a consagração. E se um ministro já consagrado se mostrar inconforme aos requisitos e negligente às suas tarefas, a igreja pode considerar sua destituição **(cf. Tt 1:10-11)** após o devido processo de disciplina (vide Lição 4).

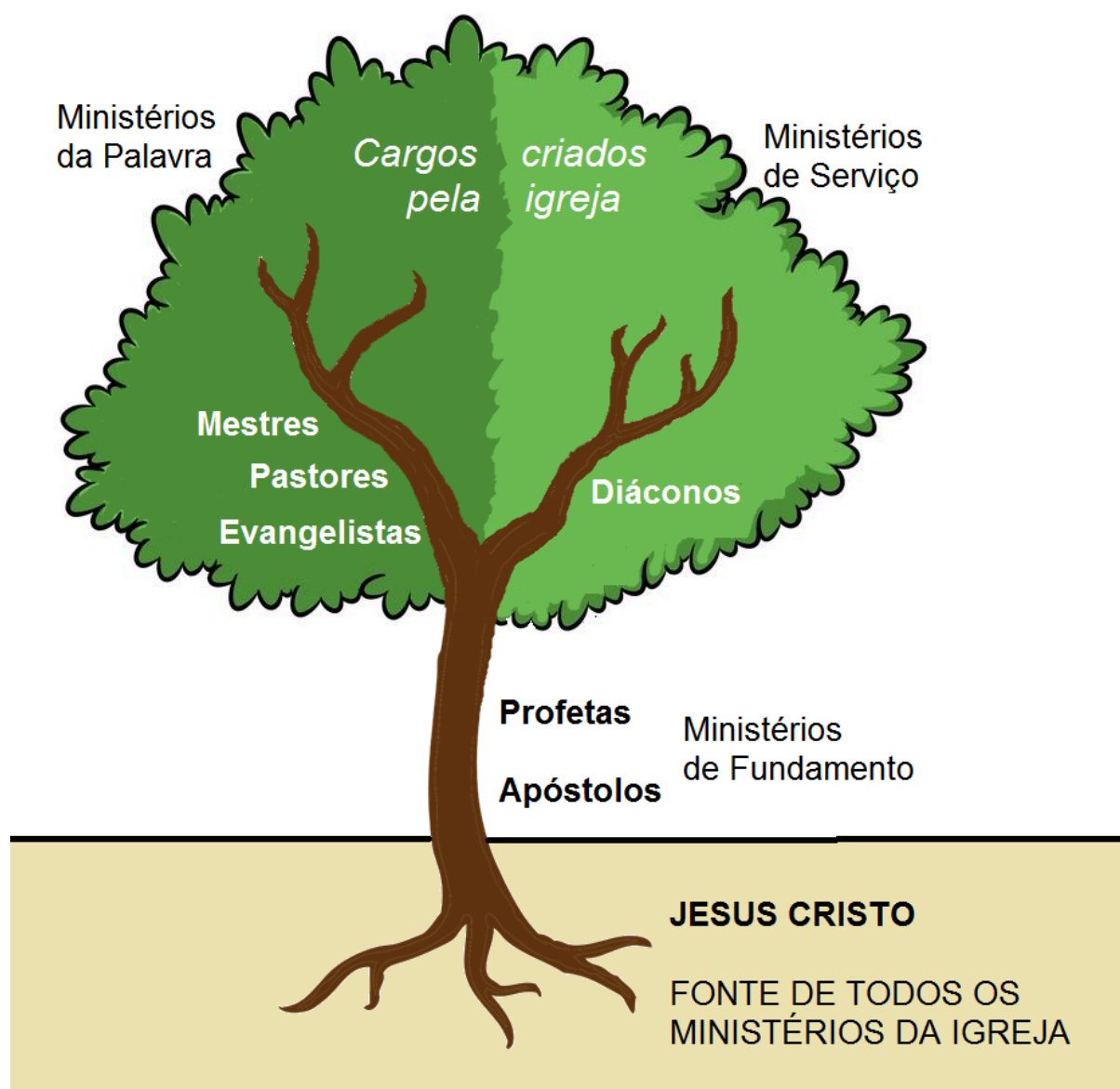
7.2.13 - A quantidade de ministros em cada igreja é livre, dependendo da quantidade de irmãos nela que se enquadrem nos requisitos bíblicos: "**aquele que for** estas coisas" **(Tt 1:6;** cf. **1Tm 3:1-13; 2Tm 2:2)**; desde que criteriosamente avaliados: **sejam primeiro**

provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis (1Tm 3:10); para que **a ninguém** se imponham **precipitadamente as mãos (1Tm 5:22)**. Por exemplo: ao contrário da tradição mais comum nas igrejas batistas de hoje, as quais só tem um pastor, as igrejas da Bíblia geralmente têm mais de um pastor **(**cf. **At 14:23; Fp 1:1; At 20:17; Tg 5:14)**.

7.2.14 - O mesmo cristão pode ter mais de um ministério, como exemplificado no caso de **Felipe**, que foi diácono e evangelista **(At 6:5;21:8)**.

7.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

7.3.1 - O exercício de algum ministério em uma igreja depende da autorização coletiva dela: "**por comum consentimento**" **(At 14:23),** "**por voto comum**" **(At 1:26),** "**escolhido pelas igrejas**" **(2Co 8:19),** "**por cartas**" aprovado **(1Co 16:3)**. Todo cristão, mesmo não sendo chamado a um ministério específico, pode e deve servir a Deus em sua igreja local em múltiplas tarefas auxiliares, conforme a igreja lhe convocar e seus ministros lhe orientarem no uso dos seus dons. Mas nenhum cristão pode exercer qualquer cargo ou ministério em uma igreja sem ter sido aprovado e chamado por ela. Quando ele se transfere de uma igreja a outra, não carrega automaticamente nenhuma das prerrogativas do seu ministério na igreja anterior, até que a nova igreja também lhe delegue isso, ou que ele esteja se transferindo para atender um chamado ou envio ministerial de uma igreja **(cf. At 11:22-26)**.

7.3.2 - A organização de uma igreja deve espelhar a doutrina bíblica dos ministérios. Pedro faz uma interessante classificação dos ministérios em dois tipos, os ministérios da Palavra e os ministérios de Serviço. Assim foi o raciocínio da sua proposta de criação do ministério diaconal: **constituamos** [outros] **sobre este importante negócio**, e **nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra (At 6:3,4)**, e assim ele explicou na sua carta: **Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá (1Pe 4:11).** De modo que as igrejas podem adotar essa classificação, a fim de atrelar sua organização a um fundamento bíblico, e os diferentes cargos e departamentos sejam entendidos como auxiliares dos ministérios bíblicos da Palavra ou do Serviço, até mesmo administrados por eles. Assim poderíamos descrever essa relação como a árvore da figura abaixo, em que Jesus é a fonte de todos os ministérios, delegando nos primórdios do Novo Testamento os ministérios de fundamento dos **apóstolos** e **profetas (Ef 2:20)** para estabelecerem o modelo das Suas igrejas **(1Co 4:17; 2Ts 2:15)**, e a seguir continua frutificando nas igrejas de hoje pelos dois galhos principais dos ministérios da Palavra e do Serviço, sendo entendidos os cargos criados pela igreja em sua organização como auxiliares dos mesmos (vide Lição 6):

Ministérios da Palavra: relacionados à promoção da Palavra de Deus, a partir dos ministérios bíblicos dos **evangelistas, pastores e mestres (Ef 4:11)**, auxiliados pelos cargos criados pelas igrejas tais como líderes de departamento, conselheiros, ministros de louvor, instrumentistas, equipe de oração, departamento infantil, comissões de indicação, comissões de disciplina, etc.

Ministérios de Serviço: relacionados à administração dos recursos da igreja e cuidado de pessoas, a partir do ministério bíblico dos **diáconos (Fp 1:1)**, auxiliados pelos cargos criados pelas igrejas como presidentes, tesoureiros, secretários, introdutores, equipes da assistência social em geral, equipes de limpeza, som e audiovisual, infraestrutura, comissões de construção e reforma, comissões de sociabilidade, etc.

7.3.2 - É necessário lembrar, porém que nenhuma igreja pode impedir um cristão de, por conta própria, promover o Reino de Deus conforme sua consciência, conhecimento, dons e talentos, diretamente no mundo, além dos trabalhos da igreja, isto é, nas esferas sobre as quais ele tenha poder e liberdade fora da organização da igreja, como em sua família, trabalho, comunidade e sociedade. O imperioso dever de pregar o evangelho a toda criatura e fazer discípulos de todas as nações pode e deve mover a cada cristão, por meio de suas vocações seculares e atuações em outras esferas da vida humana, também dar testemunho do Evangelho de Cristo e das verdades da Palavra de Deus, não só em conversas informais, mas também, se ele assim desejar, em cultos de oração e leitura bíblica, reuniões devocionais ou evangelísticas em qualquer lugar, na sua casa, entre seus parentes, colegas de trabalho, etc. Imagine se **Felipe** se restringisse ao cargo de diácono que recebeu, e achasse que por isso não devia seguir o impulso que o Espírito Santo lhe deu de pregar o evangelho aos **samaritanos** e posteriormente ao **etíope (At 8)**? Mas reparemos exatamente essa diferenciação: que Felipe atuar como diácono foi uma delegação que ele recebeu da igreja, para atuar na igreja, tarefa da qual presta contas à igreja, enquanto que suas iniciativas de evangelismo foram ações que ele executou por conta própria no mundo, das quais ele e cada um de nós, presta contas somente a Deus. Sobre isso também podemos citar exemplos bíblicos sobre Amós, Jeremias, João Batista e outros, como servos de Deus que em seu tempo e contexto não foram reconhecidos pelas instituições religiosas e seus líderes, mas trabalharam de forma independente, separada e até clandestina. De maneira que o reconhecimento da realidade de um ministério e chamado não pode ser absolutizado ao critério de tais lideranças e instâncias, e o servo de Deus pode por vezes atuar independente, conforme sua consciência com Deus. Conta-se de John Wesley que foi proibido de pregar por um bispo da Igreja Anglicana nas ruas da "sua paróquia", ao que ele respondeu: "Senhor, o meu Mestre me ordenou ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura, de modo que para obedecê-Lo eu devo considerar o mundo inteiro como minha paróquia" **(cf. Mc 16:15)**.

7.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

7.4.1 - Complemente, além dos exemplos citados na lição, com outros exemplos de cargos comumente existentes nas igrejas de hoje, classificando-os como sendo auxiliares do Ministério da Palavra ou do Ministério de Serviço [vide 7.3.2].

7.4.2 - Qual a utilidade ou validade da existência de: ordem de pastores batistas, seminário teológico e concílio para a consagração ao ministério pastoral? Tais instituições podem ser uma maneira enviesada de criar uma autoridade externa à igreja local? A influência delas pode prejudicar a autoridade e autonomia da igreja local de escolher e consagrar novos pastores dentre os membros da igreja? Existe concílio de pastores na Bíblia para avaliar um candidato a novo pastor? Existe seminário teológico na Bíblia? Em que medida essas instituições podem enfraquecer ou não a autoridade e responsabilidade da igreja local sobre o treinamento e consagração de novos pastores? Se na Bíblia o treinamento, avaliação e consagração dos candidatos a ministério pertence à igreja local, que razões podem ser levantadas para ela delegar isso a pessoas e instituições de fora dela? [Vide 7.2.3, 7.2.4 e 7.2.12].

FIGURAS:
Página 41 -
<http://femissionaria.blogspot.com/2021/07/as-pregacoes-de-john-bunyan-ao-ar-livre.html>
(04/10/2021).
Página 46 - Composição do autor.

REFERÊNCIAS:
1 - BUNYAN, J. Graça abundante ao principal dos pecadores. Editora Fiel, 2013. p.133.
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).

Lição 8 - Culto

Tema: Servindo a Deus no coletivo

Divisa: **E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações (At 2:42).**

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Atos 20**
Terça **Efésios 5**
Quarta **Colossenses 3**
Quinta **Hebreus 10**
Sexta **Hebreus 12**
Sábado **Hebreus 13**
Domingo **Apocalipse 5**

Culto da igreja de John Knox.

Um dos líderes da Reforma na Escócia do século XVI, foi John Knox. Entre diversas frentes do seu trabalho, uma das mais marcantes foi retirar do culto cristão todas as inovações que ao longo do tempo tinham sido acrescentadas. Com isso ele estava aplicando um dos princípio da Reforma, o *Sola Scriptura* (Somente a Escritura) ao assunto da adoração, de maneira que todas as práticas e tradições da igreja que não tivessem base bíblica deveriam ser abandonadas. Afinal, somente Deus pode definir como Ele deseja ser adorado, e Ele o fez definitivamente nas Escrituras, inclusive enfatizando Sua rejeição às mudanças e inconformidades humanas, mesmo que bem intencionadas **(Lv 10:1-2; 1Cr 13:6-12; 15:12-15)**. Sobre o modo como as igrejas deveriam promover o conhecimento das Escrituras no culto, ele escreveu:

> Pensamos que é o mais conveniente e necessário que cada igreja tenha uma Bíblia em inglês, e que o povo seja orientado a se reunir para ouvir a simples leitura ou interpretação das Escrituras, conforme a Igreja designar; de modo que, pela leitura frequente, a ignorância grosseira (...) poderá ser parcialmente removida. Achamos mais conveniente que as Escrituras sejam lidas em ordem, isto é, que algum livro do Antigo e do Novo Testamento seja iniciado e lido ordenadamente até o fim. E o mesmo entendemos sobre a pregação, que o ministro a maioria das vezes continue do mesmo lugar. Porque a prática de saltar e divagar de uma passagem para outra da Escritura, seja na leitura ou na pregação, entendemos não ser tão proveitosa para a edificação da Igreja, quanto o seguimento contínuo do texto[1].

8.1 - O QUE É CULTO?

> O culto a Deus, pessoal ou coletivo, é a expressão mais elevada da fé e devoção cristã. É supremo tanto em privilégio quanto em dever. (...) O culto deve ser coerente com a natureza de Deus, na sua santidade: uma experiência, portanto, de adoração e confissão que se expressa com temor e humildade. O culto não é mera forma e ritual, mas uma experiência com o Deus vivo, através da meditação e da entrega pessoal. Não é simplesmente um serviço religioso, mas comunhão com Deus na realidade do louvor, na sinceridade do amor e na beleza da santidade. O culto torna-se significativo quando se combinam, com reverência e ordem, a inspiração da presença de Deus, a proclamação do evangelho, a liberdade e a atuação do Espírito. O resultado de tal culto será uma consciência mais profunda da santidade, majestade e graça de Deus, maior devoção e mais completa dedicação à vontade de Deus. O culto – que envolve uma experiência de comunhão com o Deus vivo e santo – exige uma apreciação maior sobre a reverência e a ordem, a confissão e a humildade, a consciência da santidade, majestade, graça e propósito de Deus. (Princípios Batistas, Art. 5.2)[2].

8.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSE CONCEITO?

8.2.1 - O culto do Novo Testamento é livre quanto ao local possa ser realizado. **Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles (Mt 18:20)**, é uma impressionante declaração de Nosso Senhor sobre a liberdade de atuação da Sua igreja neste mundo. Ele promete estar presente em qualquer lugar e tempo que tal reunião de discípulos acontecer. A bênção e a obra de Cristo está sobre a reunião dos Seus discípulos, desde que ela aconteça. O que vemos então no Novo Testamento é uma ruptura com ordenações de lugares santos, que existia no Antigo Testamento: **a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. (...) a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade (Jo 4:21-23). Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar (1Tm 2:8).**

8.2.2 - O culto do Novo Testamento é livre quanto ao tempo e a frequência em que possa ser realizado. No Novo Testamento há também uma ruptura com a obrigação de dias e tempos sagrados fixados em algum calendário. Primeiro, porque estes eram sombras por meio das quais o Antigo Testamento comunicava os bens futuros que Cristo já nos trouxe: **ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo (Cl 2:16,17).** Segundo, que se escravizar a tempos fixos é incoerente com a nova relação de intimidade contínua com Deus: **Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós, que não haja trabalhado em vão para convosco (Gl 4:9-11).** E em terceiro lugar porque a vida do cristão já pertence completamente a Deus, portanto consagrar dias tornou-se uma redundância opcional a critério dos indivíduos: **Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro em sua própria mente. Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz e o que não faz caso do dia para o Senhor o não faz. (...) Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor (Rm 14:5-8).** Confirmamos essa liberdade em operação no NT ao compararmos

a vida litúrgica diferente das suas igrejas. A igreja de Jerusalém, por exemplo, tinha dois cultos por dia: uma reunião geral de todos nos arredores do Templo israelita, e várias reuniões simultâneas nas casas: **perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa (At 2:46)**. Já as igrejas de Corinto e de Trôade tinham somente um culto por semana, e aos domingos **(1Co 16:2; At 20:7)**.

8.2.3 - O culto do Novo Testamento é simples. **Perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações (At 2:42).** No Antigo Testamento, Deus ordenou um culto que incluía sacrifícios, altares, sacerdotes terrenos, purificações do corpo, objetos santificados, locais consagrados e festas santas, mas no Novo Testamento, grande parte dessas exterioridades e cerimônias foram abolidas, uma vez que a obra de Cristo a favor de Seu povo como o único Sacerdote e Sacrifício completo, eficaz e definitivo, que intercede por nós continuamente no Céu, já trouxe a todo que crê nEle a realidade espiritual dos benefícios que as cerimônias físicas do Antigo Testamento simbolizavam **(Hb 8-10; Cl 2:16,17)** (Ver 3.2.7). No Novo Testamento permanecem alguns atos de adoração e meios de Graça que Deus ordenou à Sua igreja para evangelização do mundo e edificação dos salvos, mas em uma simplicidade intencional, que ao ser usada pelo Espírito Santo terá o efeito espiritual de como **fermento** penetrar em toda raça, tribo, língua e nação, afim de os conquistar para o Reino de Deus, na colheita de **uma** grande **multidão** que **ninguém** possa **contar (Mt 13:31-33; Ap 7:9,10)**.

As práticas que o Novo Testamento ordena para os cultos das igrejas são:

A leitura **(1Tm 4:13)**, pregação **(2Tm 4:2)** e ensino da Palavra de Deus **(Mt 28:20)**, e ouví-la atentamente **(2Pe 1:19)**; o louvor **(Cl 3:16)**; a oração **(Cl 4:2)**; o batismo dos convertidos **(Mt 28:19; At 2:41)**; a Ceia do Senhor com os crentes **(1Co 10:16-17; 11:25)** e o recolhimento de ofertas voluntárias **(1Co 16:2)**.

8.2.4 - O culto do Novo Testamento é amplamente participativo para os membros da igreja. Paulo elogia como positiva a profusão de participações dos membros da igreja de Corinto num culto em que **cada um** colaborava: **Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação (1Co 14:26).** Ainda que esse capítulo cite alguns dons hoje cessados como as revelações e profecias (ver de 7.2.5 a 7.2.7), a orientação de compor o culto da igreja a partir do que os membros da igreja trouxeram em seus corações para a reunião permanece válida, projetando-a para os tipos de discurso permanentes em nosso tempo (louvor, ensino, pregação, oração, etc). **Falem dois ou três profetas, e os outros julguem (1Co 14:29)**, isto é, ao invés de, por exemplo, ter somente um discurso por culto, a liturgia proposta em **1Co 14** poderia ter dois ou três discursos mais curtos, intercalados com abertura da palavra a que os demais membros da igreja **julguem** o que foi falado, isto é, também falem avaliando, complementando ou fazendo perguntas. A proibição de que "**vossas mulheres**" falem **nas igrejas** de **1Co 14:34,35** se refere especificamente a este momento de julgar, no sentido em que a esposa do homem que acabou de falar na igreja não deveria participar da avaliação da palavra do seu marido, para que se evitasse a quebra da hierarquia familiar na igreja **(1Tm 2:12)**, se ela eventualmente corrigisse a fala do seu marido.

Nenhum dos atos do culto neotestamentário é exclusivo de algum grupo de cristãos, mas todo membro de igreja que não esteja em disciplina deve participar deles, sustentá-los e recebê-los, bem como pode dirigi-los e executá-oas na sua igreja local, à medida em que, conforme os seus dons, for por ela convocado e autorizado. Textos que manifestam a universalidade de ministração de atos de culto entre os membros das igrejas do Novo Testamento: que na reunião da igreja todos podem ler e devem ouvir as Escrituras: **Ap 1:3; 1Ts 5:27; 2Pe 1:19**; que todos podem pregar e ensinar: **1Co 14:26,31**; que todos podem orar: **1Co 11:4,5**; que todos podem louvar: **1Co 14:26**; que todos devem contribuir com recursos: **1Co 16:2**; que todos podem batizar: **At 2:41**; e que todos podem celebrar a Ceia: **At 2:46** [sobre os ministrantes do Batismo e da Ceia, ver 9.2.7]. Obviamente a exceção se aplicará a membros que estejam em disciplina naquela igreja [Ver Lição 4]. Mas o alvo neotestamentário de uma participação ativa generalizada deve ser buscado como expressão do amadurecimento espiritual dos membros, e para melhor aplicar a verdade a que, no Novo Testamento, Jesus Cristo ministrando do Céu é nosso Único Sacerdote e Mediador **(Hb 4:14-16; 8:1-6)**. Os ministros consagrados são especialistas em suas funções pela igreja designadas, mas jamais deveriam ter o monopólio delas.

8.2.5 - A leitura da Palavra é a enunciação pública do conteúdo das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Os cristãos no seu culto devem persistir **em ler (1Tm 4:13) as sagradas Escrituras, que podem** lhes fazer sábios **para a salvação (2Tm 3:15)** de forma regular, contínua, com reverência, zêlo e abrangência de toda a Escritura **(2Pe 1:19; 3:13-15).**

8.2.6 - A pregação da Palavra é a explicação e aplicação da Escritura à vida dos ouvintes com exortação direta a que creiam em suas verdades e pratiquem seus mandamentos **(2Tm 4:2)**. Uma pregação precisa ser mais que uma aula ou palestra, diferenciando-se por este aspecto de exortação aos ouvintes, isto é, indo além de meramente explicar o que a Escritura significa, mas diretamente aplicá-la aos que ouvem, informando o que eles devem crer e fazer em resposta a ela nas suas vidas **(At 2:37-38)**. Sua eficácia vem da atuação do Espírito Santo no pregador e ouvintes, independente da oratória e sabedoria humanas **(1Co 1:4-5)**. Á medida em que as profecias de novas palavras de Deus tenham ficado na infância da igreja de Cristo [ver 7.2.7 e 5.2.3], as pregações da Palavra de Deus já completada e registrada na Escritura as substituíram como a atividade da igreja em que se espera que Deus fale mais diretamente aos corações dos ouvintes **(Rm 10:17; 2Tm 3:15-17)**.

8.2.7 - O ouvir atento da Palavra é a reverente concentração da mente do cristão ao ser instruído pela sua igreja por meio da leitura, do ensino ou da pregação, anelando e suplicando pela transformação e edificação da sua mente e consciência pelo poder do Espírito Santo, que na Palavra e com a Palavra age sobre nós **(Ef 6:17; 2Tm 3:16,17)**. Aquele que não estiver ministrando, de modo algum é autorizado a ficar passivo no ambiente do culto, mas, enquanto guarda silêncio para ouvir, nisto deve ativamente vigiar, avaliar, receber, meditar e examinar-se diante do que está sendo dito pelos demais irmãos, afim de ser edificado **(Mc 4:3-20; Rm 10:17),** bem como concordar publicamente **("dizer o Amém" - 1Co 14:16)**, e responder a Deus em oração particular simultânea **("fale consigo mesmo e com Deus" - 1Co 14:28)**. Pois **a palavra da pregação nada** nos aproveitará, se **não** estiver **misturada com a fé naqueles que a** ouvem **(Hb 4:2).**

8.2.8 - A oração pública é o dever contínuo e permanente da igreja **(1Ts 5:17)** de levantar uma voz a Deus, com a concordância de coração dos demais **(At 4:24; 1Co 14:16)**, para invocar o Seu nome e poder **(Rm 10:13)** a fim de que Ele seja glorificado na igreja **(Ef 3:21)**, operando nela e por ela conversão, edificação, benção e livramento **(Ef 3:14-19; At 12:5)**, bem como expressando gratidão **(Cl 3:15)**, reconhecimento, adoração **(Mt 20:20),** arrependimento **(Tg 4:9-10)** e consagração **(At 13:3)**, intercedendo pelos seus irmãos **(1Ts 5:25)**, por todos os homens **(1Tm 2:1-3)** e até pelos que lhe fazem mal **(Lc 6:28)**.

8.2.9 - O louvor é o falar com Deus ou sobre Deus por meio de uma música. Sobre ele lemos: **a palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração (Cl 3:16)**, e isto significa que: o louvor da igreja deve ter como objetivo fazer **a palavra de Cristo** habitar **em** nós, ou seja, as suas letras devem ter as Escrituras como conteúdo; que o louvor da igreja deve promover a **sabedoria**, ensino e admoestação, um conteúdo que faça os cristãos crescerem em entendimento e santificação; que o louvor é dirigido **ao Senhor**, sendo portanto preferível uma letra em formato de oração, em que Deus seja o centro e não o homem; que ele deve ser feito **com graça** em nosso **coração**, tanto no sentido do transbordar de gratidão ao Senhor, como expressão da própria graça de Cristo por meio de nós. Vemos na Escritura o louvor nas igrejas como um solo de música de autoria do próprio membro (**cada um tem salmo, 1Co 14:26**), mas também o louvor congregacional em uníssono (**tendo cantado o hino, saíram, Mt 26:30**) o qual fornece uma oportunidade de manifestar e promover a unidade da igreja quando esta “em concordância, **a uma boca**, glorifica a **Deus**” **(Rm 15:6).**

OBSERVAÇÃO: Estudaremos o Batismo e Ceia na lição 9, o Ensino da Palavra na lição 10 e as Ofertas na lição 12.

8.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSE CONCEITO?

8.3.1 - Identificando-se a Escritura como a Palavra de Deus, o culto cristão pode ser entendido como um diálogo entre Deus e o ser humano, em que os elementos da leitura, pregação e ensino das Escrituras sejam considerados Deus falando, e os elementos da oração, louvor, batismo, ceia e ofertas sejam as respostas litúrgicas do ser humano ao que Deus tem falado, respostas cuja propriedade depende do recebimento da Palavra de Deus por tê-la ouvido. Tal entendimento promoverá a **reverência e piedade** próprias ao serviço a Deus **(Hb 12:28-29)** em que a igreja considere estar na presença de Deus, ouvindo o próprio Deus falar, e estar respondendo ao próprio Deus, por meio dos elementos do culto, tal como na figura a seguir:

8.3.2 - Afim de manter a simplicidade (8.2.3), não deve ser introduzido no culto de nenhuma igreja qualquer rito, cerimônia, atividade ou ministério que não sejam claramente ordenados para ela nos escritos do Novo Testamento. Esperamos a bênção de Deus para a fidelidade de distinguirmos e seguirmos adequadamente a explícita biblicidade das ações das nossas igrejas, não nos deixando desviar por modismos extra-bíblicos, indo **além do que está escrito (1Co 4:6)**. A criatividade no culto está limitada aos elementos para ele prescritos.

8.3.3 - Aproveitamento melhor da liberdade cristã sobre tempo e lugar de culto **(Mt 18:20)**. O uso de um prédio fixo para culto é justificado enquanto for um facilitador da missão (ver a Lição 6), entre outros motivos, para receber um grande número de pessoas, estar sempre disponível e ser adequado para o trabalho com pessoas desconhecidas; porém é necessário avaliar em que aspectos o apego da igreja a seu prédio pode se tornar um limitador, por exemplo, quando a igreja nada mais realiza fora dele ou por causa dele não cogita realizar atividades múltiplas simultâneas. Da mesma forma, conquanto o uso de dias e horários fixos seja necessário para as reuniões das igrejas acontecerem, as mesmas devem considerar as oportunidades de ampliação dos seus trabalhos além de dois ou três dias da semana, inclusive em consideração às necessidades dos membros da igreja que trabalham aos domingos, e portanto, precisam ser providos por sua igreja de oportunidades de comunhão, edificação e ministério em outros dias.

8.3.4 - Enfatizando a orientação de se fazer **tudo decentemente e com ordem (1Co 14:40)** muitas igrejas têm decidido formular toda a ordem de culto com antecedência, porém um ponto de equilíbrio entre a antecipação e a espontaneidade poderia ser procurado, afim de

aproximar-se da liturgia aberta que **1Co 14** prescreve. Talvez se pudesse mesclar os dois momentos ‘dando oportunidade’ a **dois ou três** ao início do culto, para trazerem, por exemplo, seu louvor solo, reflexão, devocional, etc. **(1Co 14:29)**, e esse momento espontâneo ser seguido pela tradicional fase planejada do culto. Observemos que a adoção de uma liturgia aberta em nada contradiz o exercício e prioridade do ministério pastoral, uma vez que, tendo a função de presidirem o culto da igreja **(1Ts 5:12)** cabe aos pastores essa distribuição e dosagem das oportunidades de palavra aos membros da igreja no culto.

8.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

8.4.1 - Analise quais elementos presentes nos cultos atuais são inexistentes e não-previstos nas Escrituras do Novo Testamento, e qual a pertinência da continuidade deles, se as igrejas concordarem em se limitar ao que a Escritura lhes ordena fazer durante o culto.

8.4.2 - Analise alguns louvores contemporâneos, comparando-os com os princípios do louvor cristão descritos em **Cl 3:16**, e avalie o quanto tais princípios estão presentes neles.

FIGURAS:
Página 49 - <https://phs-app-media.s3.amazonaws.com/s3fs-public/ds4413_1.jpg> (21/11/2021).
Página 52 - Composição do autor.

REFERÊNCIAS:
1 - KNOX, J. Livro de Disciplina. Tradução livre do autor a partir de <https://www.gutenberg.org/cache/epub/48250/pg48250-images.html> p. 407 (21/11/2021).
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> (14/08/2021).

Lição 9 - Batismo e Ceia

Tema: Identificando-se com Cristo e anunciando Sua obra.

Divisa: **Foram batizados os que de bom grado receberam a Sua palavra (At 2:41)**

Batismo menonita do século XIX.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Mateus 26**
Terça **Marcos 14**
Quarta **Atos 2**
Quinta **Atos 8**
Sexta **Romanos 6**
Sábado **1Coríntios 10**
Domingo **1Coríntios 11**

O batismo também era visto como um testemunho oferecido pela igreja. Ao outorgar o batismo, a congregação diz, em efeito, para o batizando, “Temos visto em ti os autênticos dons e fruto do Espírito de Deus”. O mártir anabatista, Leonardo Schiemer deu expressão a esta realidade com a seguinte imagem. “Alguém só coloca seu selo depois de conhecer o conteúdo da carta”. Desde a perspectiva da congregação, a responsabilidade mútua no discipulado começa a partir do momento do batismo. De maneira que o batismo não fala somente da obra misericordiosa de Deus, nem da experiência da pessoa que se batiza, mas também do compromisso fraternal da congregação inteira. Nesse contexto, a “segurança da salvação”, questão tão importante em alguns círculos protestantes, não depende exclusivamente dos sentimentos interiores e subjetivos do indivíduo. No batismo, o batizando recebe os testemunhos de Deus e do Seu povo em relação à sua condição de filho na família de Deus[1].

Nesta descrição das práticas dos antigos anabatistas, é enfatizado o caráter corporativo do batismo, no sentido em que ele constitui uma declaração não somente do crente a respeito da sua fé em Jesus, mas também da igreja à qual ele está se agregando que reconhece a mesma fé nele, servindo também para que o batizando receba de seus novos irmãos em Cristo a confirmação da sua conversão. Nesta lição veremos os princípios bíblicos sobre as duas ordenanças que Cristo legou à Sua igreja: o Batismo e a Ceia.

9.1 - O QUE SÃO O BATISMO E A CEIA?

> O batismo e a ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja estabelecidas pelo próprio Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica. (...) São símbolos da redenção, mas sua observância envolve realidades espirituais na experiência cristã[:] (...) fé, exame de consciência, discernimento, confissão, gratidão, comunhão e culto.
>
> O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal. Simboliza a morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos. O batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; (...) Cuidado extremo deve ser exercido a fim de que sejam aceitas como membros da Igreja somente as pessoas que dêem evidências positivas de regeneração e verdadeira submissão a Cristo. Ser membro da Igreja é um privilégio, dado exclusivamente a pessoas regeneradas que voluntariamente aceitam o batismo e se entregam ao discipulado fiel, segundo o preceito cristão.
>
> A ceia do Senhor é uma cerimônia da Igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho. Nesse memorial, o pão representa Seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho simboliza o Seu sangue derramado. A ceia do Senhor deve ser celebrada pelas Igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes. (...) é um profundo esquadrinhamento do coração, uma grata lembrança de Jesus Cristo e sua morte vicária na cruz, uma abençoada segurança de sua volta e uma jubilosa comunhão com o Cristo vivo e seu povo.
>
> (Princípios Batistas, Art. 4.2 e 4.4; Declaração Doutrinária da CBB, Art. 8)[2].

9.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSES CONCEITOS?

9.2.1 - <u>O Batismo e a Ceia são confissões públicas visíveis da fé do indivíduo em Cristo: o Batismo é a confissão inicial e a participação na Ceia é a confissão continuada.</u> O batizando deve voluntariamente pedir o batismo: **Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?** E a igreja deve condicionar o batismo a uma declaração de fé em Jesus:**E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou (At 8:36-38).** O comungante da Ceia por participar dos elementos que simbolizam o sangue e o corpo de Cristo com isso declara ao mundo o seu pertencimento a Ele e Sua igreja, inclusive tornando incompatível a comunhão dele com outras religiões ou senhorios: **Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão. (...) Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios (1Co 10:16-21).** Desta forma, ser batizado e participar da Ceia é declarar publicamente que crê e pertence a Jesus Cristo.

9.2.2 - O Batismo e a Ceia também são reconhecimentos públicos visíveis dados por uma igreja de que o indivíduo é cristão: o Batismo é o reconhecimento inicial e a Ceia é o reconhecimento continuado, pois a igreja batiza **os que de bom grado receberam a sua palavra (At 2:41)** e deve excluir da Ceia os membros dela que estão sob disciplina: **com o tal nem ainda comais (1Co 5:11)** [Ver Lição 4]. Assim ambas as ordenanças têm a função de serem testemunhos coletivos sobre a veracidade do cristianismo dos que são permitidos participarem delas.

9.2.3 - O Batismo e a Ceia são ordenanças simbólicas e não sacramentos com poder espiritual. Deus edifica a nossa vida pelo uso dessas ordenanças designadas pessoalmente e autoritativamente pelo nosso Senhor e Salvador **(Mt 28:19; 1Co 11:24,25)** para serem como sinais e selos da Sua obra em nossa vida, que nos fazem compreender mais e nos assegurar das promessas de salvação e santificação do Evangelho, enquanto os usamos. Mas o efeito espiritual que a observância destas ordenanças deve ter, e pelo qual sempre devemos rogar, não é devido a nenhuma mudança de natureza delas enquanto elementos, nem a algum poder automático e garantido delas, nem a qualquer vinculação obrigatória das graças de Deus a elas, ou sobre alguma promessa de Deus a respeito dos cristãos que as ministram ou das igrejas que as celebram, mas única e exclusivamente pela misericórdia soberana do Espírito Santo que opera com poder como, onde e quando quer, e que se agrada de usar o Batismo para marcar a conversão e a Ceia para promover a santificação dos que a observam. Como provas bíblicas citamos: que o ladrão na cruz foi salvo sem receber batismo nem tomar da ceia **(Lc 23:43)**; que Cornélio e sua família são cheios do Espírito Santo antes de serem batizados nas águas **(At 10:44-48).** Na Escritura somente a pregação da Palavra é mencionada como meio de salvação dos que a recebem **(1Pe 1:23; Rm 10:17)**, e da mesma forma, o que nos santifica é a Palavra de Deus **(Jo 15:3; 17:17)**, de modo que, se algo fosse apropriadamente chamado de 'sacramento', isto é, uma ação concreta com poder ou graça, seria somente a pregação do Evangelho de Jesus. Mas a doutrina batista nega a propriedade desta designação, pois tanto a soberania de Deus, quanto o conceito de 'graça' não podem estar necessariamente vinculadas ou garantidas por um ato realizado por seres humanos, mesmo dos ministros do Evangelho, pois a obra do Espírito Santo é livre e sopra onde quer **(Jo 3:8)**.

9.2.4 - O Batismo é uma imersão em água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que deve deve ser feito depois que o indivíduo confessa publicamente sua fé em Jesus como Salvador. A palavra grega *baptizo* significa literalmente 'mergulho', 'imersão', João Batista escolhe um lugar para batismo por causa das **muitas águas (Jo 3:23)** e Felipe e o eunuco descem e saem de dentro da água para o batismo **(At 8:38,39)**. Sobre o que justifica o batismo, foi respondido: **É lícito, se crês de todo o coração (At 8:37),** e: **como cressem (...) se batizavam (At 8:12).** Não há, porém, na Bíblia, grande distância de tempo entre a conversão e o batismo. Ananias diz para Paulo, três dias depois da sua conversão **(At 9:13)**: **E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor (At 22:16).** Cristo ordena o batismo uma vez na vida **(Ef 4:5)**, a cada um que crê nEle como Senhor e Salvador para que dê testemunho público desta fé, não somente em palavras, mas no gesto de identificação com Ele e de pertencimento a Ele. Trata-se, em suma, do primeiro dever de obediência a que o discipulado cristão requer do convertido **(Mt 28:19)**. O crente batizado não deve ficar isolado, mas como membro do corpo de Cristo, unir-se a uma igreja que se reúna regularmente, para continuidade da sua profissão de fé, e reconhecimento e estímulo

mútuos **(At 2:41)**. O batismo simboliza a morte do velho homem e sua regeneração em novidade de vida pelo poder do Espírito Santo, tal como na imersão o homem é sepultado debaixo da água e novamente levantado **(Rm 6:3-4)**. Simboliza também a purificação dos nossos pecados, que é obtida pelo expiação efetuada pelo sangue de Jesus, que diante do Pai nos lava de toda iniquidade, tal como a água lava o corpo das suas impurezas **(At 26:16)**. Em tudo isso o poder transformador não está nem na água, nem no ministro, nem no rito, mas nas realidades espirituais ocorridas na vida do convertido, das quais o arrependimento e a fé são evidências e o batismo é testemunho. A correta administração do batismo se dá quando um convertido a Jesus, que reconhece que é pecador carente da Graça e crê de todo o coração que Cristo o salva, confessa publicamente a sua fé no Evangelho de Jesus, e pede para ser batizado em demonstração disto; então um cristão imerge totalmente o convertido em água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e o recebe como membro da sua igreja **(At 8:26-39)**. O batismo não deve ser dado aos que ainda não demonstraram arrependimento de seus pecados e ainda não declararam a sua fé em Jesus publicamente, mesmo que sejam filhos de cristãos, pois **é lícito, se crês de todo o coração (At 8:37).**

9.2.5 - A ceia é uma refeição simbólica da igreja em memória de Cristo, que deve ser tomada pelos membros de igreja em comunhão com o Corpo de Cristo. **Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. (1Co 11:23-28).** Cristo ordena a celebração regular da Sua Ceia para toda igreja local e todo cristão reunido nela **(1Co 11:20)**, em que deve cada membro da igreja comer do pão partido e beber do cálice, ao mesmo tempo **(1Co 11:33)**. Não deve ser mera refeição, mas ocasião de solene reflexão, auto-exame, comunhão com o Senhor e Sua igreja, bem como testemunho ao mundo, pelos símbolos de todos os crentes comerem do mesmo pão e cálice, tendo o mesmo Salvador **(1Co 10:16,17),** de Cristo ser dado pelo Pai a nós para nossa redenção e pagamento dos nossos pecados **(Mt 26:26)**, de que tal como nos apropriamos dos elementos ao comê-los, devemos nos apropriar de Cristo pela fé para sermos salvos, nutridos, santificados e transformados por Ele de maneira à própria vida dEle se manifestar na nossa; de também examinamos nosso proceder para pedir perdão ao Senhor Jesus pelos pecados que ainda temos praticado; de celebramos a comunhão uns com os outros na igreja; e de testemunhamos ao mundo a salvação que Cristo providenciou por Sua cruz, proclamando que Ele ainda virá outra vez, pois se ainda celebramos a Ceia, é porque Ele ainda não voltou, e a porta da graça está aberta a todos que queiram também receber a Cristo, como nós já temos recebido pela fé.

9.2.6 - O Batismo e a Ceia devem ser observados pela igreja de Cristo até a Sua volta. Ao ordenar o batismo, Jesus promete Sua presença **todos os dias, até a consumação dos séculos (Mt 28:20)** e a Ceia é um anúncio da morte dEle **até que** Ele **venha (1Co 11:26)**. Quanto à frequência deles, o batismo deve acontecer somente uma vez na vida **(Ef 4:5)**, já

a Ceia, pela variedade de frequências registradas no Novo Testamento, diária em Jerusalém **(At 2:46)**, e semanal em Corinto **(1Co 11:20 + 1Co 16:2)**, há liberdade para cada igreja definir sua frequência. A referência de **1Co 11:20** onde Paulo reclama que os coríntios deveriam celebrar a Ceia quando se reunissem, quase que estabelece uma frequência de celebração em todos os cultos, mas não o faz pela informação de que aquele culto matutino diário da igreja de Jerusalém, que reunia todos num só lugar, era sem Ceia, pela mesma ser celebrada na casas, nos cultos noturnos diários **(At 2:46)**.

9.2.7 - <u>A ministração do Batismo e da Ceia pode ser feita por qualquer membro de igreja.</u> A ministração do batismo por parte de membros leigos ainda não-ordenados a ministério algum é provada pelo fato das grandes quantidades de batismo em um só dia: 3.000 em **Atos 2:41**, o que seria impossível somente os 12 apóstolos executarem. A ministração da Ceia por parte dos leigos, da mesma forma, aparece em **At 2:46**, pois no culto noturno diário da Igreja de Jerusalém, as mesmas 3120 pessoas se dividem em muitos grupos para partir **o pão em casa;** considerando um máximo de 30 pessoas por casa, dariam mais de 100 celebrações da Ceia simultâneas e diárias, novamente sobrepujando a capacidade dos doze apóstolos de execução. Também em nenhum lugar do Novo Testamento é afirmado que a celebração de Batismo e Ceia seja tarefa específica de algum ministério. Ainda assim, dado o aspecto de testemunho coletivo da igreja que essas celebrações carregam [ver 9.2.2], os ministrantes devem aguardar serem autorizados, qualificados e designados para essas tarefas pela sua igreja local [ver 7.3.1], excetuando-se os casos excepcionais como o de Felipe para com o eunuco que estava de viagem **(At 8:26-39)**.

9.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSES CONCEITOS?

9.3.1 - <u>O batismo de bebês não atende aos princípios bíblicos.</u> Dada a falta de manifestação pública da vontade e decisão do batizando, não podemos afirmar sobre esse ato que foi feito **de bom grado**, nem que ele recebeu **a palavra (At 2:41),** e creu **(Mc 16:16) de todo o coração (At 8:37).** Não se entra, porém, no mérito se Deus pode ou não regenerar um bebê, pois sabemos pela Bíblia que pode **(Jr 1:5; Lc 1:15,44)**, a questão é se a igreja já tomou conhecimento de sinais da regeneração. Não existe portanto idade mínima para o batismo, mas sim a idade em que a pessoa conseguir confessar sua fé em Jesus publicamente.

9.3.2 - O principal efeito espiritual das ordenanças é dado pela compreensão iluminada das verdades por elas simbolizadas, que renova a mente do convertido e o instrui nas sagradas verdades do Reino de Deus. Desta maneira, tais ordenanças <u>devem sempre serem acompanhadas da devida pregação e ensino da Palavra de Deus</u> que as elucida e conduz os corações dos celebrantes ao resultado por Deus designado, para que não sejam apenas experiências aos sentidos humanos, mas ocasiões de edificação espiritual.

9.3.3 - As ordenanças, embora não devam ser temidas como se tivessem poder em si mesmas, <u>devem sim ser tratadas com toda a seriedade e reverência</u>, jamais desprezadas. Para a honra do Cristo que as outorgou, também um zelo das igrejas sobre tais ordenanças é imperioso a fim de não permitir que sejam banalizadas, desperdiçadas, distorcidas ou vilipendiadas, o que também faria jus aos juízos de Deus **(1Co 11:27-34)**.

9.3.4 - <u>Compete às igrejas locais o discernimento de quando, como e com quem celebrar tais ordenanças</u>, avisando e evitando, para o bem de todos, que pessoas ímpias, ou com conversões falsas, duvidosas e incertas participem delas, para que não tomem juízo sobre si mesmas, conforme a Palavra **(1Co 11:27-29)**. As ordenanças não devem ser dadas ou oferecidas a quem não faz jus a elas, mas somente aos que fizeram uma confissão de fé pública a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, e continuam mantendo essa confissão em suas vidas, não arruinando-a por um comportamento escandaloso e reprovável **(1Co 5:11)**.

9.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

9.4.1 - Considerando a frequência diária da Ceia na igreja de Jerusalém e semanal nas igrejas de Corinto e Trôade **(At 2:46; 1Co 16:2; At 20:6,7)**, como se avalia a propriedade da frequência mensal existente na tradição das igrejas batistas, e quais os argumentos a favor ou contra uma celebração mensal?

9.4.2 - Em face da proximidade temporal no Novo Testamento entre a conversão e o batismo, que argumentos há em favor de uma classe de preparo para o batismo tradicional das igrejas batistas durando até 1 ano?

9.4.3 - Em relação a batismo e membresia, como lidar com batizandos cujas práticas de vida ainda não atendem a expectativa dos valores morais da igreja? Adiar o batismo dos mesmos, vinculando-os a um certo grau de santificação, ou batizá-los para, considerando-os membros da igreja, tratar essas questões pelo ministério pastoral e processo de disciplina?

FIGURAS:
Página 60 - <https://de.wikisource.org/wiki/Die_Taufe_im_Flusse> (02/12/2021).

REFERÊNCIAS:
1 - Tradução livre do autor de: DRIVER, J., Contra corriente: ensayos de eclesiologia radical. Ediciones Semilla, 1998. p. 23.
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> e <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

Lição 10 - Educação Religiosa

Tema: Ensinando a ser cristão

Divisa: **Fazei discípulos (...) Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado (Mt 28:19,20).**

Susanna Wesley ensinando seus filhos em casa.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Deuteronômio 6**
Terça **Mateus 28**
Quarta **Efésios 6**
Quinta **2 Timóteo 1**
Sexta **2 Timóteo 2**
Sábado **2 Timóteo 3**
Domingo **2 Timóteo 4**

“Susanna [Wesley] nasceu em 1669 na, Inglaterra (...). Quando menina, ela estava acostumada ver seu pai ler 20 capítulos da Bíblia por dia. Um hábito que ele começou quando tinha só cinco anos e que manteve até a morte, isso teria um impacto duradouro sobre a jovem Susanna ao longo da vida. Aos 19 anos ela se casou com Samuel Wesley e começou seu próprio ministério dentro de casa. Nos 19 anos seguintes, Sam e Susanna Wesley tiveram 19 filhos, dois dos quais cresceram para trazer milhões de almas para Cristo: John e Charles [Wesley]. Mesmo tendo que cuidar de dezenove filhos, ela encontrava muito tempo no decorrer de seu dia atarefado para ensinar lições bíblicas e histórias da Bíblia às suas crianças e orar por elas. Pastorear sua congregação [formada pelos seus filhos] sempre foi prioridade. Uma oportunidade de mostrar uma lição, raramente era menosprezada (...) Certo dia, uma de suas filhas quis fazer algo que não era de todo ruim, mas que não era certo. Quando lhe disse para não fazer, sua filha não ficou convencida da explicação. A filha e a mãe estavam sentadas ao lado de um fogo apagado. A Sra. Wesley lhe disse: “Pegue aquele pedaço de carvão.” “Não quero,” disse a menina. “Pode pegar,” disse a mãe, “o fogo está apagado; não a queimará.” “Eu sei,” disse a menina. “Sei que não vai me queimar, mas vai deixar minhas mãos pretas.” “Exatamente,” disse Susanna Wesley. “Aquilo que você deseja fazer não vai queimar, mas vai sujar. Não se meta nisso.” [Sobre a influência de Susana em sua vida, o pregador] John Wesley disse: “aprendi mais sobre o cristianismo com minha mãe do que com todos os teólogos da Inglaterra”[1].

Esta narrativa exemplifica como uma família pode ser um celeiro de servos de Deus para impactar o mundo, educando-os na fé cristã desde que nascem. Este e outros aspectos da missão da educação religiosa veremos nesta lição.

10.1 - O QUE É A EDUCAÇÃO RELIGIOSA?

> O ministério docente da Igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo, entre Jesus Cristo e o crente. A palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã. O programa de educação religiosa nas Igrejas é necessário para a instrução e desenvolvimento de seus membros, a fim de "crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo". Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da Igreja no mundo.
> O indivíduo tem que aceitar a responsabilidade de estudar a Bíblia, com a mente aberta e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de pesquisa e oração, orientando a vida debaixo de sua disciplina e instrução.
> O ensino e treinamento são básicos na comissão de Cristo para os seus seguidores, constituindo um imperativo divino pela natureza da fé e experiência cristãs. Eles são necessários ao desenvolvimento de atitudes cristãs, à demonstração de virtudes cristãs, ao gozo de privilégios cristãos, ao cumprimento de responsabilidades cristãs, à realização da certeza cristã. Devem começar com o nascimento do homem e continuar através de sua vida toda. São funções do lar e da Igreja, divinamente ordenadas. E constituem o caminho da maturidade cristã.
> Desde que a fé há de ser pessoal, e voluntária cada resposta à soberania de Cristo, o ensino e treinamento são necessários antecipadamente ao Discipulado Cristão, e a um testemunho vital. Este fato significa que a tarefa educacional da Igreja deve ser o centro do programa. A prova do ministério do ensino e treinamento está no caráter semelhante ao de Cristo e na capacidade de enfrentar e resolver eficientemente os problemas sociais, morais e espirituais do mundo moderno. Devemos treinar os indivíduos a fim de que possam conhecer a verdade que os liberta, experimentar o amor que os transforma em servos da humanidade, e alcançar a fé que lhes concede a esperança no Reino de Deus.
> O casal deve partilhar ideais e ambições semelhantes e ser dedicado à criação dos filhos na instrução e disciplina divinas. Isso exige o estudo regular da Bíblia e a prática do culto doméstico. Nesses lares o espírito de Cristo está presente em todas as relações da família.
> As Igrejas têm a obrigação de preparar jovens para o casamento, treinar e auxiliar os pais nas suas responsabilidades, orientar pais e filhos nas provações e crises da vida,
>
> (Declaração Doutrinária da CBB, Art. 14; Princípios Batistas, Art. 1.2, 5.7, 3.4)[2].

10.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSES CONCEITOS?

10.2.1 - A Educação Religiosa é parte essencial da missão da igreja de Cristo no mundo, uma vez que a Grande Comissão consiste num mandamento de ensinar **a guardar todas as coisas que** Cristo nos **tem mandado (Mt 28:20).** Ela tem como objetivo produzir e amadurecer discípulos de Cristo, **ensinando a todo o homem em toda a sabedoria, para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo (Cl 1:28)**, promovendo seu crescimento na graça, conhecimento e santidade pelo Evangelho, constituindo-se uma obra divina de Cristo por meio da atuação do Espírito Santo em nossa mente, iluminando a compreensão da Palavra do Evangelho e aplicando a mesma Palavra a todas as situações

da nossa vida: **o Espírito Santo (...) esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito (Jo 14:26).**

10.2.2 - A Educação Religiosa tem como fonte as Escrituras e deve abranger todo o seu conteúdo textual e doutrinário. Tal como Paulo disse: **nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus (At 20:27)**, tudo que Deus nos ensinou na Bíblia é relevante, pois **toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra (2Tm 3:16-17).** Esse mesmo texto de **2Tm 3:16-17** nos confirma que a Escritura é suficiente para a instrução do cristão, já que, se ela contém o suficiente para tornar **o homem de Deus perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra**, afirmar sua insuficiência seria negar que dela se obteve instrução perfeita. Embora a Escritura não fale tudo sobre todos os assunto (por exemplo, não ensina o médico em todos os detalhes de como fazer uma cirurgia no coração), ela fala o suficiente sobre todos os assuntos para que o cristão possa atuar naquele assunto conforme a vontade de Deus para a sua vida (por exemplo, estabelece os valores e princípios pelos quais um médico deve atuar na sua profissão).

10.2.3 - A Educação Religiosa do cristão começa em seu lar, desde o seu nascimento. É dever bíblico dos pais criar os filhos **na doutrina e admoestação do Senhor (Ef 6:4).** Para tanto, embora a igreja trabalhe ensinando as crianças, é papel primordial dela que treine os pais e responsáveis sobre como educar seus filhos na fé cristã. Assim os membros da igreja que são pais e mães devem ser capacitados pela igreja sobre como conduzir e promover a educação religiosa em seu lar, pelo uso cotidiano do culto doméstico, com leitura das Escrituras e estudo bíblico, louvor, oração; leitura de confissões de fé, aprendizado de catecismos, promoção de conversas sobre assuntos espirituais, aconselhamento, evangelização de familiares, e tudo que for necessário para promover a Cristo nas casas dos crentes, recebendo modelos de culto, métodos devocionais e roteiros de estudo para aplicarem em suas casas, com suas famílias. De Timóteo foi dito: **desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus**, **(...) a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti (2Tm 3:15; 1:5),** manifestando como na família dele esse dever foi cumprido e os frutos que dele se seguiram, e que mesmo, provavelmente, seu pai não sendo cristão, sua mãe e avó supriram em casa a educação de Timóteo na fé.

Fato é que nem todas as famílias são instruídas nos hábitos da educação cristã, e é grande a tendência de transferir essa responsabilidade para a igreja, mas precisamos lembrar que a influência maior da vida de uma pessoa se dará pelo ambiente e pelas pessoas com as quais convive em sua casa, uma vez que ali que ela passa a maior parte do seu tempo, daí a grande responsabilidade e chamado de Deus para que as famílias cristãs promovam continuamente o Seu conhecimento, e o cristão sempre fale da Palavra de Deus, **assentado em** sua **casa, e andando pelo caminho, e deitando-**se **e levantando-**se **(Dt 6:7-9).**

Esta exposição contínua à Palavra de Deus, seja lida, explicada, orada ou cantada, desde o ventre da mãe (por que não? **Lc 1:40-45**) é o único meio bíblico de promover a salvação das crianças, uma vez que os erroneamente chamados "sacramentos" do Batismo e Ceia não contém poder espiritual em si mesmos [ver Lição 9], mas somente a Palavra é prometida por Deus ser usada como veículo do Seu poder regenerador e santificador, **de**

sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus (Rm 10:17). Sendo assim fazemos pelas crianças o mesmo que fazemos pelos adultos para promover a salvação deles, os expomos continuamente diante da Palavra de Deus, a qual todos devem ser postos ao alcance dos ouvidos nos cultos públicos da igreja e nos cultos domésticos da família, e pela graça de Deus, esperamos que o assim evangelizado, seja criança ou adulto, em bendito e oportuno tempo, manifeste publicamente a fé que evidencie sua regeneração já ter ocorrido.

10.2.4 - Os métodos da Educação Religiosa da igreja também vão além das aulas e pregações, mas incluem a convivência contínua e abrangente entre os irmãos para serem edificados espontaneamente pela imitação dos bons exemplos de vida e fé. **Perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão (...) todos os que criam estavam juntos (...) todos os dias, no templo e nas casas (At 2:42,44; 5:42).** A comunhão da igreja é também um fator educativo, pois Jesus mesmo chamou os discípulos **para que estivessem com Ele (Mc 3:14).** A igreja é uma escola da fé, mas é mais que uma escola, é chamada de **família de Deus (Ef 2:19),** onde se tratam os jovens **como irmãos** e **irmãs** e aos anciãos **como** pais e **mães (1Tm 5:1-2).** Isso implica dos membros da igreja procurarem passar bastante tempo juntos, a fim de desenvolverem amizades significativas. Dessa forma, naturalmente, também pela convivência, a graça de Deus que há em cada um será transmitida de uns para com os outros, no **exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé,** e **na pureza (1Tm 4:12).** De fato, essa é a maneira mais eficiente de ir além de instrução intelectual, para abranger o crescimento na obediência prática dos mandamentos de Cristo. Como já foi dito por alguém: *"palavras empurram, mas exemplos arrastam"*.

10.2.5 - A igreja deve capacitar o cristão a proclamar os valores de Deus mesmo diante da oposição do mundo. A queda do ser humano e seu afastamento de Deus implica não somente em suas desobediências morais, mas uma vez que **Deus é a verdade (Jr 10:10)** as pessoas não-convertidas também desenvolverão uma rebeldia intelectual contra as verdades de Deus. De fato, como elas não temem a Deus, elas são entregues à deriva de falsos conhecimentos, pois **o temor do Senhor é o princípio do conhecimento (Pv 1:7)** e **tornou Deus louca a sabedoria deste mundo (1Co 1:20)**. Como o mundo não consulta a Palavra de Deus para definir como deve crer e agir, ele constantemente gera conflitos ao instruir, induzir e mesmo constranger o cristão a contradizer em atos e palavras o que ele aprende de Deus na igreja. Portanto a igreja tem a responsabilidade de preparar os cristãos para suportarem vitoriosamente esses conflitos de valores e crenças, não permitindo que **ninguém** nos **faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo (Cl 2:8,9).** Ela fará isso capacitando os cristãos a defenderem a sua fé e valores morais, por meio de confiança no poder, autoridade e segurança plena da Palavra de Deus **para destruição das fortalezas, (...) conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo (2Co 10:4,5).** Tal como antes, o cristão hoje e sempre, diante dos desafios do mundanismo, **lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir (Ez 2:7).** Para isso ele deve ser instruído pela sua igreja o que a Bíblia diz sobre cada assunto da existência, e qual a vontade de Deus sobre a sociedade, família, ciência, arte, lazer, trabalho, economia, ecologia, etc, e buscar de Deus a ousadia para proclamar e cumprir essa vontade de Deus no mundo.

10.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSES CONCEITOS?

10.3.1 - A Educação Religiosa da igreja não deve se limitar a questões básicas, mas deve incluir o ensino de teologia avançada e abrangente. Pois é a igreja inteira, em todos os seus membros, e não somente alguns especialistas, quem deve avançar no conhecimento para estarem **sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que** lhes **pedir a razão da esperança que há** neles **(1Pe 3:15)**, e não serem mais **meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente (Ef 4:14).** Assim o programa de educação da igreja deve incluir teologia bíblica (no seu conhecimento abrangente sobre todos os livros da Bíblia), teologia sistemática (em todas as suas doutrinas sobre Deus, Criação, Salvação, Últimas Coisas, etc.), teologia moral (sobre a ética bíblica e o devido posicionamento do cristão diante dos comportamentos atuais da sua sociedade), apologética (para defesa da fé contra seitas, ideologias e filosofias contradizentes), bem como o treinamento ministerial, para os irmãos serem capacitados a evangelizar, aconselhar, discipular, ensinar, pregar, administrar e auxiliar com excelência, fidelidade e biblicidade.

10.3.2 - A existência de seminários teológicos como instituições independentes das igrejas locais é fora do ideal. Além de quebrarem o princípio bíblico do discipulado ministerial, isto é, que cada ministro treine diretamente seus aprendizes, fazendo-se acompanhar em seus trabalhos por eles [Ver 7.2.4], tais seminários acabam negligenciando o aspecto de supervisão moral tanto dos professores como dos alunos, e ainda permitem o desvio doutrinário. Para mitigar esses efeitos, se o seminário pelo menos for pertencente a uma associação ou convenção de igrejas, ele deveria adotar critérios rígidos, exclusivistas e permanentes de membresia, comunhão, frequência e serviço em igreja local da mesma convenção, tanto para os professores como para os alunos. Mas a maneira mais bíblica de criar uma instituição de ensino teológico avançado, é que esta seja pertencente a uma única igreja local, como parte do seu ministério de educação religiosa, e tanto seus professores como seus alunos, para participarem dela, devam se tornar membros dessa igreja local. Dessa forma professores e alunos estariam automaticamente sob a disciplina doutrinária e moral que acompanha o status de membro da igreja local à qual o seminário pertence (ver Lição 4). De maneira que a "terceirização" desse treinamento ministerial e educação teológica, que é responsabilidade da igreja local **(2Tm 2:2)** deve ser considerada uma solução provisória, até que a igreja local desenvolva seu ministério de educação suficientemente.

Ademais, a alegação de um relativo menor conhecimento teológico do pastor da igreja local não serviria como justificativa para negligenciar o modelo bíblico de instrução teológica na igreja local, pelo seguinte raciocínio: se ele não tem conhecimento teológico suficiente para ser pastor, **retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes (Tt 1:9)** não deveria sê-lo ("estabeleça como presbítero…**aquele que for** todas estas coisas" - **Tt 1:5-9**), e se o é, então forçosamente também deve, para fazer jus

ao ministério pastoral, ser **apto para ensinar (1Tm 3:2)** portanto capaz de transmitir tudo que sabe às suas ovelhas.

10.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

10.4.1 - Conforme vimos na Lição 1, o ser humano tem liberdade religiosa, mas ao mesmo tempo a Bíblia afirma a responsabilidade dos pais de ensinar a fé cristã a seus filhos **(Ef 6:4)**. Como resolver essa questão, e quais os critérios podem ser sugeridos para a gradual liberação dos filhos para escolherem uma fé diferente, conforme eles vão se tornando responsáveis por si mesmos?

FIGURAS:
Página 66 - <https://www.angelfire.com/pe/jorgebravo/susanawesley.html> (10/12/2021).

REFERÊNCIAS:
1 - <https://amensagem.org/historia-um-pouco-de-historia-uma-mae-de-oracao-susanna-wesley/> (10/12/2021).
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> e <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

Lição 11 - Evangelismo e Missões

Tema: Promovendo o Reino de Deus

Divisa: **Aqueles a quem não foi anunciado, o verão, e os que não ouviram o entenderão (Rm 15:21).**

William Carey em sua oficina.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Marcos 16**
Terça **Atos 1**
Quarta **Atos 4**
Quinta **Atos 5**
Sexta **Atos 10**
Sábado **Romanos 10**
Domingo **Romanos 15**

Diz-se que [William] Carey, (...) não era dotado de inteligência superior e nem de qualquer dom que deslumbrasse os homens. Entretanto, foi essa característica de persistir, com espírito indômito e inconquistável, até completar tudo quanto iniciara, que fez o segredo do maravilhoso êxito da sua vida. Quando Deus o chamava a iniciar qualquer tarefa, permanecia firme, dia após dia, mês após mês e ano após ano, até acabá-la. Deixou o Senhor utilizar-se de sua vida, não somente para evangelizar durante um período de quarenta e um anos no estrangeiro, mas também para executar a façanha por incrível que pareça, de traduzir as Sagradas Escrituras em mais que trinta línguas. (...) Foi durante o tempo que ensinava geografia (...) que (...) Deus falou à sua alma acerca do estado abjeto dos pagãos sem o Evangelho. Na sua tenda de sapateiro afixou na parede um grande mapa-mundi, que ele mesmo desenhara cuidadosamente. Incluíra neste mapa todos os dizeres disponíveis: o número exato da população, a flora e a fauna, as características dos indígenas, etc., de todos os países. Enquanto consertava sapatos, levantava os olhos, de vez em quando, para o mapa e meditava sobre as condições dos vários povos e a maneira de os evangelizar. Foi assim que sentiu mais e mais a chamada de Deus para preparar a Bíblia, para os muitos milhões de [hindus], na própria língua deles. (...) Certa vez, numa reunião do ministério, Carey levantou-se e sugeriu que ventilassem este assunto: “O dever dos crentes em promulgar o Evangelho às nações pagãs”. O venerável presidente da reunião, surpreendido, pôs-se em pé e gritou: "Jovem, sente-se! Quando agradar a Deus converter os pagãos, ele o fará sem o seu auxílio, nem o meu." Porém o fogo continuou a arder na alma de [William] Carey. (...) Em

maio de 1792, pregou seu memorável sermão sobre Isaías 54.2,3: "Amplia o lugar da tua tenda, e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás à mão direita e à esquerda; e a tua posteridade possuirá as nações e fará que sejam habitadas as cidades assoladas." Discursou sobre a importância de esperar grandes coisas de Deus e, em seguida, enfatizou a necessidade de tentar grandes coisas para Deus. O auditório sentiu-se culpado de negar o Evangelho aos países pagãos, a ponto de "levantar as vozes em choro". Foi então organizada a primeira sociedade missionária na história das igrejas de Cristo para a pregação do Evangelho entre os povos nunca evangelizados.[1]

11.1 - O QUE É EVANGELISMO E MISSÕES?

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus. É dever de todo discípulo de Jesus Cristo e de todas as Igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do Evangelho, procurando fazer novos discípulos de Jesus Cristo em todas as nações, cabendo às Igrejas batizá-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou;
O evangelismo é a proclamação do juízo divino sobre o pecado, e das boas novas da graça divina em Jesus Cristo. É a resposta dos cristãos às pessoas na incidência do pecado, é a ordem de Cristo aos seus seguidores, a fim de que sejam suas testemunhas, frente a todos os homens. O evangelismo declara que o evangelho, e unicamente o Evangelho, é o poder de Deus para a salvação. A obra de evangelismo é básica na missão da Igreja e no mister de cada cristão. O evangelismo, assim concebido, exige um fundamento teológico firme e uma ênfase perene nas doutrinas básicas da salvação. (...) O evangelismo, que é básico no ministério da igreja e na vocação do crente, é a proclamação do juízo e da graça de Deus em Jesus Cristo e a chamada para aceitá-lo como Salvador e segui-lo como Senhor.
A responsabilidade da evangelização estende-se até aos confins da terra e, por isso, as Igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a sua seara;
As massas perdidas do mundo constituem um desafio comovedor para as igrejas cristãs. Uma vez que os batistas acreditam na liberdade e competência de cada um para as próprias decisões, nas questões religiosas, temos a responsabilidade perante Deus de assegurar a cada indivíduo o conhecimento e a oportunidade de fazer a decisão certa. Estamos sob a determinação divina, no sentido de proclamar o evangelho a toda a criatura. (...) A cooperação nas missões mundiais é imperativa. Devemos utilizar os meios à nossa disposição, inclusive os de comunicação em massa, para dar o Evangelho de Cristo ao mundo. Não devemos depender exclusivamente de um grupo pequeno de missionários especialmente treinados e dedicados. Cada batista é um missionário, não importa o local onde mora ou posição que ocupa. Os atos pessoais ou de grupos, as atitudes em relação a outras nações, raças e religiões fazem parte do nosso testemunho favorável ou contrário a Cristo, o qual, em cada esfera e relação da vida, deve fortalecer nossa proclamação de que Jesus é o Senhor de todos.
(Declaração Doutrinária da CBB, Art. 13; Princípios Batistas, Arts. 5.4 ,5.5). [2]

11.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSES CONCEITOS?

11.2.1 - <u>O Evangelho é a boa notícia de que Deus providenciou um meio de salvação dos seres humanos pela obra redentora de Jesus Cristo.</u> Tal obra foi efetuada pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo em substituição, pagamento e redenção diante de Deus a favor de todo que se arrepender de seus pecados e crer em Jesus como Senhor e Salvador,

adquirindo por meio dEle o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus **(1Co 15:1-4; 1Pe 2:22-25; 1Jo 1:7-2:2)**. A vinda do Salvador foi anunciada desde a Queda no Éden **(Gn 3:15)** sendo revelado o plano da Graça progressivamente pelo relacionamento de Deus com Seu povo ao longo das eras, pelos Seus atos redentivos e pelas palavras dos profetas **(Gn 12:3; 22:8; Dt 18:18-19; 2Sm 7:12,13; 23:3-5; Sl 22; Is 7:14; 9:6; 53:1-12)**. A fé nesse Salvador foi por Deus estabelecida como o instrumento da salvação de todo ser humano, quer tenha vivido antes ou depois dEle, pois **todo que invocar o nome do Senhor será salvo**, seja no Antigo ou no Novo Testamento **(Jl 2:32 = Rm 10:12-13;** cf. **Gn 4:26 = 1Co 1:2)**. *[Ver mais detalhes sobre a mensagem do Evangelho em 11.3.2]*

11.2.2 - Evangelismo é a obra de anunciar o Evangelho a todas as pessoas, convidando-as a crerem nele para serem salvas. **Todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo (At 5:42).** Nesse ministério os cristãos atuam como **embaixadores da parte de Cristo, como se Deus** por meio deles **rogasse** que os homens se reconciliem **com** Ele **(2Co 5:20)**. Aqueles que forem convertidos por meio dessa mensagem devem ser orientados a se agregarem a uma igreja local por meio da profissão de fé e batismo **(At 2:41)**.
Uma vez que o evangelismo é dirigido a **toda a criatura (Mc 16:15)** tal universalidade implica que não somente todos os povos devem ser evangelizados, mas todos os tipos de pessoas dentro de todos os povos. O Evangelho deve ser proclamado aos governantes **(At 26:27-29)**, ricos **(Lc 19:2,9)**, bem como aos pobres **(Lc 7:22)** e marginalizados **(Lc 14:17-24)**. É todo ser humano que precisa do Evangelho, pois é todo ser humano que está, pelo pecado, sob a condenação de Deus. Nesse ponto reside grande desafio para o evangelista, pois ele precisa fazer um movimento para se comunicar com pessoas com as quais naturalmente não iria interagir na sua vida social, mesmo no seu próprio povo, sabendo que não é somente para com pessoas parecidas com ele que ele precisa pregar, mas também para os diferentes, separados e segregados, e transpor as diversas barreiras sociais, políticas e culturais que separam os homens entre si, para em Cristo fazer **um** só povo, **matando pela Cruz as inimizades (Ef 2:14-17)**.

11.2.3 - Missões é a extensão da obra de Evangelismo a toda a raça humana em todos os povos, culturas e nações. É o movimento de Deus a favor da raça humana para redimí-la, ordenando que Seus **ceifeiros (Mt 9:38)** vão **por todo o mundo**, **em todas as nações**, **(Mc 16:15; Lc 24:47)** e evangelizem **a paz pelo sangue de Cristo** aos **que** estão **longe (Ef 2:13-17),** de maneira que o amor de Deus pelo mundo seja manifestado **(Jo 3:16)** e **os gentios glorifiquem a Deus pela Sua misericórdia (Rm 15:9)**, esforçando-se para **anunciar o evangelho** principalmente **onde Cristo** ainda não tenha sido **nomeado (Rm 15:20)**, para que os que ainda não ouviram, entendam **(Rm 15:21),** e se concretize a colheita profetizada da grande **multidão, a qual ninguém** pode **contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas (Ap 7:9)**. Pela conversão ao evangelho que a Igreja de Cristo proclama a todo o mundo é que se cumpre plenamente a bênção de Abraão a **todas as famílias da terra, no apartar, a cada** uma, **das** suas **maldades (At 3:25-26)** e **justificar pela fé os gentios (Gl 3:6-29).** Seu fruto, além da conversão de indivíduos de todos os povos, deve incluir a formação de novas igrejas locais **(At 9:31; 14:23)**, e para esse trabalho específico Cristo levanta **evangelistas** (também chamados de missionários) dentre o Seu povo a se dedicarem de forma singular **(Ef 4:11)** se tornando **pescadores de homens (Mt 4:19)** *[Ver Lição 7 - 7.2.8]*.

11.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSES CONCEITOS?

11.3.1 - Como as Missões devem atingir todas as culturas humanas, os missionários precisam ser preparados para se comunicarem com culturas diferentes. Isso inclui aprendizado do idioma, costumes, organização social e tradições do povo que ele irá evangelizar. Mais do que isso, muitas vezes requererá do missionário um exercício de reavaliação do seu próprio conceito do que é prioritário no Evangelho, distinguindo entre o que realmente é essencial à Missão da igreja e o que é mero método de organização que possa ser adaptado *[ver Lição 6]*. Até mesmo as regras morais externas podem ter que ser revistas, considerando as diferentes significações culturais, abrindo mão de rigidez em assuntos periféricos, e retendo apenas a essência inegociável dos valores éticos básicos. O missionário precisa imitar Cristo e encarnar-se na cultura a qual vai evangelizar **(Jo 1:14)**, .
O missionário também precisa estar alerta aos próprios condicionamentos culturais da sua sociedade de origem, a fim de não ser encontrado pregando a cultura da sua sociedade ao invés do Evangelho universal: **nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado (1Co 2:2)**. Ao longo da História, por diversas vezes o trabalho missionário foi usado por colonizadores estrangeiros como escada para subjugar o povo nativo que foi evangelizado. A separação da igreja da política *[ver Lição 2]* e o discernimento de que áreas da sociedade a igreja deve tentar transformar e que áreas não *[ver Lição 13]* ajudariam a diminuir esse problema.

11.3.2 - O evangelismo deve apresentar as verdades básicas do Plano de Salvação. Embora possa ser simples, não deve ser simplório. Mesmo sem detalhamento, e mesmo numa mensagem rápida, é perfeitamente possível passar resumidamente por todas as doutrinas que estabelecem o Plano de Salvação, conduzindo o ouvinte desde a proclamação dos atributos de Deus até a devida resposta do pecador arrependido aos pés da Cruz clamando por salvação, pregando que:

11.3.2.1 - Deus é soberano, santo, justo, criador, sustentador e dono de todos os seres humanos **(Ex 15:18; Sl 99:9; Sl 129:4; Gn 1:1; Hb 1:3; At 17:25; Sl 24:1)**.

11.3.2.2 - Deus tem uma Lei sobre o ser humano, a qual demanda perfeição completa **(1Pe 1:16; Lc 10:27; Gn 17:1; Dt 18:13; Mt 5:48;)**.

11.3.2.3 - A raça humana foi corrompida pela queda de Adão, e por isso não consegue cumprir a Lei, nem deixar de pecar, tendo por consequência sua perdição e condenação **(Rm 3:9-23; 5:12,18,19; 8:5-8; Ef 2:1-3; 4:17-19)** .

11.3.2.4 - Haverá um dia de Juízo Final onde cada um de nós prestaremos contas a Deus de nossos pecados **(2Co 5:10; Ap 20:11,12; Rm 14:11,12)**.

11.3.2.5 – Deus, porém, nos concedeu por Graça e Misericórdia um meio de sermos salvos da condenação eterna **(Rm 5:6-10;15; 11:6; Tt 2:11-14; Ef 2:8,9)**.

11.3.2.6 - Tal Salvação foi providenciada pela obra de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, em Sua Vida, Justiça e Morte substitutivas, obedecendo a Lei com

perfeição por nós e pagando por nossos pecados na Cruz **(1Tm 1:9-10; 2:5-6; 2Pe 1:1; Fp 3:9; Ef 1:7)**.

11.3.2.7 - A vitória e eficácia da Obra de Cristo para salvação foi manifesta pela Sua Ressurreição e Ascensão **(At 2:30-36; Ef 1:20-23)**.

11.3.2.8 - Hoje mesmo Cristo reina sobre tudo e há de voltar a este mundo para ressuscitar todos os mortos, trazer o Juízo Final e criar o Novo Céu e Nova Terra **(Mt 28:18; At 1:11; Jo 5:28,29; At 10:42; 2Pe 3:9-13)** .

11.3.2.9 – Para ser salvo o ser humano precisa ser regenerado, isto é, nascer de novo pelo poder sobrenatural do Espírito Santo que o converte a Deus por meio de Jesus **(Jo 3:1-21; Tt 3:4-7; 1Ts 1:4-10; 1Co 12:3)**.

11.3.2.10 - Esta conversão inclui o arrependimento dos seus pecados: a convicção, confissão, contrição, repulsa e abandono dos pecados, passando a detestar o mal que antes amava **(Mc 1:15; Sl 25; 32; 51; Tg 4:7-10)**.

11.3.2.11 - Esta conversão inclui a fé: confiança irrestrita em Cristo como seu único e pessoal Mediador, Salvador, Profeta, Sacerdote e Rei, único Caminho e única Esperança, rendendo-se a Ele como Senhor da sua vida **(At 16:31; Rm 10:8-17; 1Tm 1:1; 2:5; Fp 3:20,21; At 3:22-26; Hb 7:24-28; At 17:7; Lc 23:42; Jo 14:6; Jd 1:1-4)**.

11.3.2.12 - Por meio dessa conversão Deus perdoará todos os seus pecados e lhe considerará perfeito como Cristo - Justificação; o receberá como seu próprio filho - Adoção; lhe dará vitória contra o poder do pecado transformando-o gradualmente na imagem de Cristo - Santificação; e lhe receberá em comunhão plena e eterna conSigo, quando morrer, na felicidade indizível do Céu, e quando ressuscitar, na Nova Criação - Glorificação **(1Jo 2:12; Fp 3:9; Rm 3:24-26; 4:16-25; 6:1-23; 9:26; Jo 1:12; 2Co 4:10; 5:8; Ap 21:1-7)**.

11.3.2.13 – Para alcançar tal conversão o ser humano deve suplicar por ela a Deus em oração, com perseverança, expondo-se continuamente à pregação da Palavra na esperança de experimentar verdadeiro arrependimento e fé por meio dela, apegando-se a Cristo, renunciando ao pecado e se submetendo ao chamado do Espírito Santo, tanto para ser verdadeiramente convertido, como para após isso, continuar progredindo na sua santificação para a glória de Deus. **(Lc 17:5; 18:13; Rm 10:8-17; 2Tm 2:24-26; 3:15; 1Pe 1:23-25; 1Ts 2:13)**.

Eu sou o Senhor teu Deus.
O Deus Vivo e Verdadeiro, Santo e Zeloso, Justo e Salvador.
O Rei da Glória, o Rei Eterno, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores.
A Rocha, cuja obra é perfeita, e cuja Palavra é a verdade desde o princípio.
Meu é o mundo e toda a sua plenitude.
Eu criei todas as coisas, por minha vontade elas são e foram criadas.
A tudo Eu sustento pela Palavra do Meu poder.
Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir.

(Is 48:17)
(1Ts 1:9)
(Sl 99:5)
(Ex 34:14)
(Is 45:21)
(Sl 24:1)
(Jr 10:10)
(1Tm 6:15)
(Dt 32:4)
(Sl 119:160
(Sl 24:1)
(Ap 4:11)
(Hb 1:3)
(Ap 4:8)

Não terás outros deuses diante de Mim.	Honra teu pai e tua mãe.
Não farás para ti imagens, nem as servirás.	Não matarás.
Não tomarás o Nome do Senhor teu Deus em vão.	Não adulterarás.
Lembra-te do dia de descanso, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas no dia de descanso não farás nenhuma obra, porque o Senhor abençoou e santificou esse dia.	Não furtarás. Não dirás falso testemunho. Não cobiçarás coisa alguma do teu próximo.

(Ex 20:1-17

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração. Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. (Lc 10:27)

Tudo que quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós. (Mt 7:12)

Sede santos, porque Eu Sou santo. (1Pe 1:16)

Anda na Minha presença, e sê perfeito. (Gn 17:1)

Maldito será todo aquele que não cumprir todas as palavras desta Lei. (Gl 3:10)

Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. (Rm 5:8)

Cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de nós todos. (Is 53:6)

Cristo resgatou-nos da maldição da Lei, fazendo-se maldição por nós. | O justo pelos injustos, para nos levar a Deus. (Gl 3:13) (1Pe 3:18)

Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação. (1Co 15:3) (Rm 4:25)

Arrependei-vos e crede no Evangelho. (Mc 1:15)

Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça. | Crê no Senhor Jesus e serás salvo. Por Ele é justificado todo aquele que crê. (1Jo 1:9) (At 16:31) (At 13:39)

Considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus. | Nenhum dos que nEle confiam será condenado. Nenhuma condenação há para quem está em Cristo. (Rm 6:11) (Sl 34:22) (Rm 8:1)

Segundo a Sua misericórdia, Ele nos salvou, pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo | Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. (Tt 3:5) (Ef 2:8,9)

Senhor, acrescenta-me a fé! (Lc 17:5)
Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! (Lc 18:13)
Se Tu quiseres, bem podes limpar-me. (Lc 5:12)
Cura-me, Senhor, e sararei; salva-me, e serei salvo! (Jr 17:14)

Exemplo de uma mensagem evangelística percorrendo os temas principais do Plano de Salvação.

11.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

11.4.1 - Analise as pregações e apelos evangelísticos do livro de **Atos (At 2:14-40; 3:12-26; 4:8-12; 5:29-32; 7:2-53; 8:27-38; 10:34-43; 13:16-41; 14:15-17; 16:30-32; 17:2,3,22-31; 22:1-21; 26:2-29; 28:17-28)**, resuma sobre que temas elas discorrem e compare com as pregações evangelísticas atuais, analisando o quanto suas ênfases são semelhantes ou diferentes.
11.4.2 - Como detectar e combater a distorção da mensagem do Evangelho que foca nos possíveis efeitos benéficos dele, como libertação de vícios, transtornos psicológicos, miséria, doenças, desemprego, estabilização do casamento, etc.? Pessoas sem vícios, com boa condição financeira, bom emprego, fisicamente e mentalmente saudáveis e com famílias estáveis não precisam do Evangelho de Jesus? Por que elas precisam dele? Ou elas não precisam é do falso evangelho focado no bem-estar terreno? E prometer a resolução de problemas terrenos é um argumento válido para induzir as pessoas a crerem em Cristo? Temos garantida esse tipo de promessa na Bíblia? Os servos de Cristo no Novo Testamento tinham ou não tinham problemas terrenos?
11.4.3 - Dada a necessidade de todos os povos conhecerem o Evangelho para terem oportunidade de conversão, o quanto o apoio e realização das igrejas de missões a povos não-alcançados tem feito jus a essa necessidade? Esse tipo de missão tem sido enxergado como prioridade do povo de Cristo? **Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? (Rm 10:14,15).**

FIGURAS:
Página 72 - <https://bethanygu.edu/blog/stories/william-carey/> (23/09/2021).
Página 77 - Composição do autor.

REFERÊNCIAS:
1 - <https://elescreram.blogspot.com/search/label/WILLIAM%20CAREY%20-%20O%20PAI%20DAS%20MISS%C3%95ES> (23/09/2021).
2 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> e <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

Lição 12 - Mordomia, Beneficência e Sustento

Tema: Administrando com Generosidade

Divisa: **Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria (2Co 9:7).**

George Müller e algumas crianças do seu orfanato.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **1 Crônicas 29**
Terça **Mateus 25**
Quarta **Atos 6**
Quinta **2 Coríntios 8**
Sexta **2 Coríntios 9**
Sábado **1 Coríntios 9**
Domingo **1 Timóteo 5**

George [Müller] não foi reconhecido como um homem de fé por ter feito milagres, nem por ter estado à beira da morte pelo evangelho, mas por ter construído um abrigo para crianças órfãs na Inglaterra; ele e sua esposa, no ano 1836, estabeleceram em sua própria casa uma espécie de albergue para trinta meninas. A obra continuou crescendo a ponto de ser necessário construir um edifício distinto, terminado em 1849, com capacidade para 300 meninos e meninas. Vinte e um anos depois, cerca de 2000 crianças estavam hospedadas em uns cinco lares desse tipo. (...) Nesses lares, as crianças recebiam uma boa educação, alimentação e vestimenta, levando consigo Bíblias quando partiam de lá[1].

Muller disse "Em todos estes perto de setenta anos, [Deus] sempre supriu cada uma das necessidades desta obra, em cada dia. Desde que começou até hoje, passaram por aqui, nove mil e quinhentos órfãos, e a nenhum deles nunca faltou uma comida saudável. Em centenas de vezes, começamos o dia sem um centavo, mas nosso Pai Celestial sempre os engenhava para nos suprir todo o necessário, a cada momento. Nunca nos faltou o sustento. Nunca houve um momento em que faltasse alimento no prato de cada um. Durante todos estes anos, apenas o que tenho feito tem sido confiar somente no Deus Vivo. (...) Não há nem um só homem que possa dizer que eu lhe tenha pedido um cêntimo. Não temos comités, nem recebimentos, nem devotos, nem patrocinadores. Tudo tem chegado como resposta às orações de fé. Deus tem muitas maneiras de tocar o coração de todos os homens do mundo para nos socorrer[2].

São muitas as histórias marcantes de respostas à oração. Uma delas sucedeu

quando ao levantarem pela manhã, não haver nenhum pedaço de pão para as crianças, Müller ordenou que mesmo assim as crianças dessem graças a Deus pelo alimento e ficassem esperando. Minutos depois um carroceiro bateu à porta, dizendo que sua carroça havia quebrado ali na frente e se queriam ficar com o carregamento de pães que estava levando para outros lugares. Assim as crianças e os demais irmãos glorificaram o Senhor por mais um de seus extraordinários feitos[3].
George Müller de fato aprendera a lição de ser mordomo do dinheiro de Deus. Ele passou de um menino que roubava do seu pai, (...) para um homem a quem Deus confiou uma fortuna, um homem que manteve tão pouco para si mesmo, que quando morreu, dispunha apenas de 160 libras em sua propriedade, e a maior parte dessa quantia consistia no valor de algumas peças de mobiliário[4].
Perguntado se alguma vez pensou em guardar dinheiro para os orfanatos, respondeu: "Se o tivesse feito, teria sido um ato bastante néscio. Como poderia orar eu, se tivesse disponível dinheiro economizado? Se o fizesse, Deus dir-me-ia, "Dispõe dessas economias, George Müller." Oh não, nunca me passaria pela cabeça fazer uma coisa dessas. As nossas economias encontram-se nos Lugares Celestiais. O Deus Vivo é a nossa suficiência. Tenho confiado nEle por um dólar, e tenho confiado nEle por milhares de dólares, e Ele nunca defraudou a minha confiança. (...) Quando me enviam dinheiro para meu uso pessoal, reencaminho-o para Deus. Mais de cinco mil dólares me foram enviados de uma só vez; mas jamais pensei que esses donativos me pertencessem; pertencem a Ele, de Quem sou e a Quem sirvo. Em benefício próprio? Nunca procurei nada; isso seria desonrar o meu amoroso, nobre, e todo bondoso Pai"[5].

12.1 - O QUE É MORDOMIA, BENEFICÊNCIA E SUSTENTO?

A mordomia cristã é o uso, sob a orientação divina, da vida, dos talentos, do tempo e dos bens materiais, na proclamação do Evangelho e na prática respectiva. No partilhar o Evangelho, a mordomia encontra seu significado mais elevado: ela é baseada no reconhecimento de que tudo o que temos e somos vem de Deus, como uma responsabilidade sagrada. Os bens materiais em si não são maus, nem bons. O amor ao dinheiro, e não o dinheiro em si, é a raiz de todas as espécies de males. Na mordomia cristã, o dinheiro torna-se o meio para alcançar bens espirituais, tanto para a pessoa que dá, quanto para quem recebe. Aceito como encargo sagrado, o dinheiro torna-se não uma ameaça e sim uma oportunidade. Jesus preocupou-se em que o homem fosse liberto da tirania dos bens materiais e os empregasse para suprir tanto às necessidades próprias como as alheias. A responsabilidade da mordomia aplica-se não somente ao cristão como indivíduo, mas, também, a cada Igreja local, cada Convenção, cada agência da denominação. Aquilo que é confiado ao indivíduo ou à instituição não deve ser guardado nem gasto egoisticamente, mas empregado no serviço da humanidade e para a glória de Deus. A mordomia cristã concebe toda a vida como um encargo sagrado, confiado por Deus, e exige o emprego responsável de vida, tempo, talentos e bens – pessoal ou coletivamente – no serviço de Cristo.
Comprometemo-nos a (...) contribuir liberalmente para o sustento do ministério, para as despesas da Igreja, para o auxílio dos pobres e para a propaganda do Evangelho em todas as nações (...) a ter cuidado uns dos outros, (...) ajudar mutuamente nas enfermidades e necessidades;
Como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciãos, aos enfermos e a outros necessitados.

(Princípios Batistas, Arts. 5.6; Pacto das Igrejas Batistas; Declaração Doutrinária da CBB, Art. 16)[6].

12.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSES CONCEITOS?

12.2.1 - Mordomia é a doutrina de que Deus é o dono de todas as coisas, e os Seus servos apenas administram o que Deus coloca nas mãos deles. O **Deus Altíssimo** é **o Possuidor** de **tudo quanto há nos céus e na terra (Gn 14:19; 1Cr 29:11)**, **dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas (Rm 11:36).** Quanto ao **homem**, ele **não pode receber coisa alguma, se não lhe for dada do céu (Jo 3:27)**, porque **nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele (1Tm 6:7)**, portanto, **se vivemos, para o Senhor vivemos (Rm 14:8)**. Aplicando essas verdades a todas as áreas da sua própria vida, o cristão entende que não poderá fazer 'o que quiser' com seus bens, seu tempo, sua família, sua profissão, seus talentos, suas vocações e seus recursos, mas terá que consultar o verdadeiro dono dessas coisas, Deus, sobre como elas devem ser administradas para que Deus seja devidamente glorificado em tudo o que ele fizer **(1Co 10:31)**. Para isso o cristão deve ser instruído pela sua igreja sobre o que a **Escritura** ensina sobre a vontade de Deus para cada área da vida humana, afim de ser habilitado **para toda a boa obra (2Tm 3:16,17)**. Também não deve estar se comparando com outros que receberam mais ou menos de Deus, pois o Senhor **dá a cada um segundo a sua capacidade (Mt 25:15)** e **quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito (Lc 16:10)** sendo a fidelidade de mordomo o seu dever **(1Co 4:2)**, independente da quantidade de bens e recursos que Deus tiver lhe dado para administrar neste mundo.

12.2.2 - Beneficência é o generoso compartilhar de recursos afim de atender às necessidades do próximo. **A religião pura e imaculada para com Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações (Tg 1:27); quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade (1Jo 3:17,18).** Assim o amar **por obra** pode e deve se manifestar em uma disposição do cristão em compartilhar seus recursos com os que deles precisam para que **sua abundância supra a falta dos outros (2Co 8:14)**, prontamente **(Pv 3:27,28)**, discretamente **(Mt 6:1-3)**, liberalmente **(Mt 5:42)**, sem outros interesses **(Lc 6:35)**, meramente por amor espontâneo: **a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor, e depois a nós, pela vontade de Deus (2Co 8:5)**.
É notório o apelo do Novo Testamento a uma vida materialmente simples: **tendo sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes (1Tm 6:8)**. Portanto, havendo obtido o suficiente para si e para sua família **(2Co 9:8**, cf. **2Co 12:14)**, o cristão, pelo amor ao próximo que transborda em si **(1Pe 4:8)**, deseja pôr em prática a generosidade, **a qual faz que por nós se dêem graças a Deus (2Co 9:11)**, a qual se sobrepõe como motivação maior para que ele, continuamente, **trabalhe** por mais recursos materiais, **fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade (Ef 4:28).**
Além da ajuda em necessidades básicas, a prática da beneficência, pode, conforme o discernimento, oportunidade e motivação amorosa que Deus conceder, tomar múltiplas formas de ajuda ao próximo, tais como pagamento de remédios, tratamento médico, funeral, cursos, indicação a emprego, doação de bens e dinheiro, compra ou reforma de móveis e imóveis ou até mesmo compromissos maiores como hospedagem **(Mt 25:35)**, sustento **(Lv 25:35-37)** e adoção **(Es 2:7)** *[o detalhamento dessas diversas aplicações da beneficência*

foge ao escopo deste estudo por geralmente serem mais próprias à iniciativa do indivíduo cristão que à organização da igreja].

12.2.3 - <u>Sustento é a obra cristã de patrocinar os ministérios da sua igreja.</u> Desde o Antigo Testamento, Deus tem colocado na oferta espontânea dos Seus servos o sustento da Sua obra, no que tange aos recursos materiais necessários: **de todo o homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a minha oferta alçada (Ex 25:2)**. Da mesma forma, no Novo Testamento são mencionadas as pessoas que **serviam** a Jesus **com seus bens (Lc 8:3)**, o que é um modo perfeitamente válido de promover o Reino de Deus, uma vez que, por exemplo, não serão todos os cristãos com os dons e chamados para ministrar a Palavra, mas todos podem fazer os ministérios da Palavra de Cristo avançarem no cumprimento da sua missão, à medida que sustentam as organizações de igrejas que desenvolvem esses ministérios.

12.2.3.1 - Sobre o <u>sustento da organização da igreja</u> o Novo Testamento exemplifica o recebimento de recursos da parte dos cristãos para obras como: hospedar as reuniões da igreja nas casas dos membros **(Rm 16:23)**, contribuir para a refeição comunitária e a Ceia **(1Co 11:21-33)**, produzir e compartilhar cópias das Escrituras **(Cl 4:16; Ap 1:11)**, hospedar missionários itinerantes **(Rm 16:2; 3Jo 1:5-8)**, patrocinar as viagens dos missionários **(Rm 15:24** cf. **Rm 10:15)** e as viagens dos representantes das igrejas **(1Co 16:3)**. Em toda estrutura ou atividade que cada igreja criar, ou objeto que adquirir, com a função de ajudar a cumprir sua missão no mundo, se aplicará para ela o recebimento de sustento da parte dos membros, necessitando porém, averiguar-se se tal instrumento realmente se encaixará, em teoria e prática, em ajuda ao cumprimento dos deveres bíblicos da igreja local, ou se constitui-se um desvio da Missão, caso em que não merecerá ser apoiado *[ver Lição 6]*.

12.2.3.2 - Sobre o <u>sustento de ministros</u>, Paulo faz uma correlação entre os missionários do Novo Testamento e os sacerdotes do Antigo Testamento serem ambos sustentados por ofertas: **Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de contínuo estão junto ao altar, participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho (1Co 9:13,14).** Ele também afirma que recebeu **salário** das igrejas **(2Co 11:8)**, classificando isso como um **direito (1Co 9:12)**, a fim de manter o trabalho dos missionários **(Fp 4:10-18)**, e confirma o mesmo também para os pastores locais em seus ministérios: **Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina; Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário (1Tm 5:17,18).** Tal sustento é indicado que seja feito por compartilhamento espontâneo: **o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui (Gl 6:6);** e seja motivado pelo reconhecimento do valor desses ministérios, que ao semearem bens espirituais de maior valor, fazem jus a serem ajudados na forma de bens terrenos de menor valor **(1Co 9:11).**

12.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSES CONCEITOS?

12.3.1 - Na Criação, **Deus colocou o homem no jardim para o lavrar e o guardar (Gn 2:15)** e mandou: **frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai**

sobre (...) todo animal (Gn 1:28) devendo cumprir essas ordenanças como uma **imagem de Deus** no mundo **(Gn 1:27)**. Tendo caído pelo pecado, essa imagem de Deus foi corrompida, bem como a capacidade de cumprir os propósitos de Deus adequadamente, mas pela redenção que há em Cristo, o processo de santificação do cristão vai restaurando-a gradativamente **(Cl 3:9,10)**. Sendo assim, o cristão é gradativamente "transportado" em sua santificação para antes do pecado de Adão e Eva, o que incluirá, consequentemente a capacitação para cumprir os propósitos originais na Criação de multiplicar-se no mundo, governando-o **(Gn 1:28)**, desenvolvendo-o e preservando-o **(Gn 2:15)**. Portanto, o correto exercício da mordomia incluirá o administrar sua vida neste mundo de maneira a contribuir para o cumprimento do propósito geral de Deus para a humanidade nos seus objetivos comuns, tanto para nós, como para outras pessoas, exemplificados em passagens como: **Edificai casas e habitai-as; e plantai jardins, e comei o seu fruto. Tomai mulheres e gerai filhos e filhas, e tomai mulheres para vossos filhos, e dai vossas filhas a maridos, para que tenham filhos e filhas; e multiplicai-vos ali, e não vos diminuais. E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar em cativeiro, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz (Jr 29:5-7).**

12.3.2 - A Beneficência da igreja trabalha para que se alcance o ideal de **não** haver na comunidade da igreja **necessitado algum** **(At 4:34)**, e para tal ela consagra o ministério dos diáconos para organizá-la de forma justa **(At 6:1-3)** *[Ver 7.2.11]*. Porém o Novo Testamento alerta para os limites e prováveis abusos dela, regulando-a pelos seguintes critérios:

12.3.2.1 - Dar prioridade aos irmãos da **fé (Gl 6:10)** que têm servido à igreja **(1Tm 5:10)**.

12.3.2.2 - Não estimular a ociosidade dos que não querem **trabalhar** pelo **seu próprio pão (2Ts 3:6-12)**;

12.3.2.3 - Não assumir para si o que é responsabilidade da **família** do necessitado **(1Tm 5:3-8)**.

12.3.2.4 - Os itens de distribuição da parte das igrejas são especificamente alimentos e roupas, as "**coisas necessárias para o corpo**" **(Tg 2:15,16** cf. **At 6:1,2)**. É fato que para sair de um ciclo de miséria a pessoa pode precisar mais que apenas receber comida e roupa, porém o fornecer outras coisas extrapola a missão da igreja, devendo ser suprido por outras esferas sociais, como iniciativas particulares, entidades beneficentes ou serviços governamentais, nas quais o membro da igreja pode igualmente trabalhar e colaborar, de maneira independente do seu ministério na igreja *[ver 12.2.2 e Lições 2, 6 e 13]*.

12.3.3 - Sobre a frequência da contribuição, lemos: que Paulo pediu aos coríntios: **no primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade (1Co 16:2).** Considerando que naquela igreja só havia um culto por semana, podemos entender que Paulo está recomendando o hábito do membro de igreja sempre entregar alguma oferta em todos os cultos. De fato, Na antiguidade não se ia à presença de algum rei sem trazer algum presente, quanto mais ao Rei dos Reis o cristão deveria fazê-lo sempre:**Tributai ao Senhor a glória de Seu nome; trazei presentes, e vinde perante Ele (1Cr 16:29).** Não importaria se algumas dessas ofertas viessem a ser de quantias simbólicas, por causa quantidade de cultos do mês, pois é o valor do hábito que se tem em vista: estar sempre prestando tributo a Deus de forma concreta, manifestando que

“**tudo vem de ti, e do que é teu to damos**” **(1Cr 29:14)**, de forma tão frequente na sua adoração pública quanto a oração e louvor das quais o crente já participa ativamente em todos os cultos *[ver 8.2.8 e 8.2.9]*.

12.3.4. - Sobre a quantia da contribuição individual no Novo Testamento, ela é de decisão totalmente livre e espontânea de cada cristão: **Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria (2Co 9:7** cf. **At 5:4)**; o maior fator de adequação dela é que haja **prontidão de vontade (2Co 8:12)**. Embora se espere que os cristãos com mais recursos contribuam proporcionalmente mais, **conforme a sua prosperidade (1Co 16:2)**, não há no Novo Testamento nenhuma prescrição de porcentagem mínima de contribuição obrigatória do cristão para sua igreja local.

12.3.5. - É equivocado ensinar uma obrigatoriedade de pagamento de dízimo. Ainda nos dias de hoje encontramos disseminada em muitas igrejas uma idéia de obrigação do cristão entregar em sua igreja local 10% da sua renda, como se isto fosse um mandamento bíblico que se aplicaria a ele. Porém essa tese não se sustenta, pois o dízimo era um tributo agropecuário do Antigo Testamento **(Lv 27:30-33)**, anual **(Dt 14:22)**, para ser entregue aos levitas do Tabernáculo/Templo **(Nm 18:21)**, e a cada três anos também aos levitas e necessitados locais **(Dt 14:27-29)**, e em todas estas ocasiões usando parte do dízimo para fazer um almoço comunitário com a família do dizimista e os beneficiários do dízimo **(Dt 14:26)**. Israelitas que vivessem de salário **(Lv 19:13)** ou de renda não pagavam dízimo, somente os possuidores de lavouras e rebanhos, estas, na ocasião da colheita, e estes, somente calculado em cima dos animais filhotes **(Lv 27:30-33)**. Assim o Nosso Senhor, carpinteiro **(Mc 6:3)**, os apóstolos que eram pescadores e publicanos **(Mt 4:18-22)**, Paulo, artesão **(At 18:3)**, nenhum deles deve ter dado nenhum dízimo a vida inteira. Como **Hebreus** diz, quem sustentava a tribo sacerdotal de Levi eram as outras 11 tribos de Israel **(Hb 7:5)**, assim, ao cristão gentio que não é descendente dessas tribos, não incidiria dízimo, mesmo se o Antigo Testamento ainda não tivesse sido encerrado, como sabemos que foi **(2Co 3:14; Hb 10:9; 7:12)**. Dentre os cristãos do Novo Testamento, Barnabé, que no Antigo Testamento era também levita, poderia ser beneficiário do dízimo, mas ele renunciou aos seus direitos levíticos, testemunhando assim o fim daquele sistema **(At 4:36,37)**. A pior das abordagens é, porém, o ameaçar o cristão com as maldições de **Malaquias 3,** contradizendo o ensino que **Cristo nos resgatou da maldição da lei (Gl 3:13)**, que é a cláusula da Antiga Aliança que **Malaquias** estava aplicando a Israel **(Dt 28:15,38)**. Quando examinamos o Novo Testamento, em nenhum lugar dele o mandamento do dízimo é repetido como um dever da igreja de Cristo, mesmo no tocante ao sustento dos ministros, que se assemelha ao do Antigo Testamento **(1Co 9:14)**, pois neste assunto, ao invés de Paulo citar o princípio do dízimo, deixa a cargo do membro de igreja compartilhar espontaneamente suas coisas materiais com o ministro que o instrui **(Gl 6:6)**. Em **Mt 23:23** Nosso Senhor está ensinando a pessoas do Antigo Testamento como elas deveriam estar cumprindo-o, como Ele também fazia com os leprosos que curava **(Mt 8:4)**, e nem por isso afirmamos que sacrifícios de animais como esses que Jesus ordenou permanecem hoje **(Lv 14:2-32)**.Também o exame de **Mt 23:23** manifesta um problema de mudança, na tradição evangélica, do objeto do dízimo, de produtos agropecuários, **“a hortelã, o endro e o cominho” (Mt 23:23)**, para um dízimo de renda que não existia nem no Antigo Testamento. Quando **Hebreus 7** menciona que a ordem de Melquisedeque recebeu dízimos, não o faz para estabelecer um princípio de contribuição na igreja, mas para mostrar a superioridade

sobre a ordem de Levi, e pelo contrário, ele se omite de dizer que hoje Cristo recebe dízimos da igreja, citando sobre recebimento de dízimos no presente apenas os levitas de Israel **(Hb 7:8)**. Os dízimos de Abraão e Jacó foram gestos espontâneos, não obrigados por lei alguma **(Gn 14:20; 28:20-22)**, como, aliás, deveriam ser hoje as entregas de dízimos por parte dos cristãos que espontaneamente as decidam fazer, propondo-as livremente **no seu coração (2Co 9:7)**, sabendo que o Reino de Deus, e portanto a oferta que pode ser considerada "para Deus", não é servido apenas por sua igreja local, mas por toda instituição ou pessoa que o promove.

12.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

12.4.1 - O quanto a mentalidade materialista e individualista de nossa cultura atual tem obscurecido os princípios bíblicos da mordomia e generosidade na prática de vida dos cristãos **(2Co 8:2-4)**?

12.4.2 - Em certos círculos cristãos, uma expectativa de prosperidade material busca sua justificativa em promessas de Deus a Israel no Antigo Testamento. Tais promessas podem, porém, ser entendidas como parte do propósito divino de fertilidade e multiplicação daquele povo naquele momento da história da Salvação, para criar a nação que seria o Berço do Messias a partir de Abraão **(Is 51:1-6**,cf. **Gn 15:3-6)**. Tais promessas podem ser aplicadas aos que no Novo Testamento se comprometeram em servir Aquele que disse: **Vendei o que tendes, e dai esmolas. Fazei para vós bolsas que não se envelheçam; tesouro nos céus que nunca acabe, aonde não chega ladrão e a traça não rói. Porque, onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração (Lc 12:33,34)**? Não é o Novo Testamento justamente maior em privilégios que o Antigo por causa das bênçãos espirituais e não das materiais, que eram mera figura das espirituais **(At 3:25-26; Gl 3:7-14)**? Se o cristão deve estar disposto a renunciar **tudo que possui (Lc 14:33)** por causa de Cristo, como se aplicariam essas expectativas? Os **inimigos da cruz de Cristo (...) só pensam nas coisas terrenas. Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo (Fp 3:18-20)**

12.4.3 - Práticas de cobrança de contribuição financeira nas igrejas podem causar justamente o que **2Co 9:7** proíbe, de pelo constrangimento causado, os membros da igreja contribuirem **com tristeza** e **por necessidade**? O quanto elas também podem distorcer a vivência da igreja enquanto instituição ao fazê-la assemelhar-se a um clube do qual se precisa pagar uma mensalidade para usufruir?

12.4.4 - Ainda que o ato de ofertar seja uma ação de adoração no Novo Testamento, e portanto corretamente as igrejas de hoje exortem seus membros a lhe praticar, ocorre no ensino do mesmo também a divulgação dos motivos bíblicos para se suspender as ofertas ou ofertar menos à igreja, tais como o estar em desavença com um irmão **(Mt 5:23-24)** ou precisar socorrer os pais **(Mt 15:3-6)**?

FIGURAS:

Página 79 -
<http://teologiaaoseualcance.blogspot.com/2018/02/conheca-historia-de-george-muller-um_21.html>
(01/01/2022).

REFERÊNCIAS:

1 - <http://www.euvosescrevi.com.br/george-muller/> (01/01/2022).
2 - <http://elescreram.blogspot.com/2014/09/uma-hora-com-george-muller.html> (01/01/2022).
3 -
<http://teologiaaoseualcance.blogspot.com/2018/02/conheca-historia-de-george-muller-um_21.html>
(01/01/2022).
4 - <https://creremjesus.blogspot.com/2019/02/deus-ouve-oracoes-vida-e-fe-de-george.html>
(01/01/2022).
5 - <http://elescreram.blogspot.com/2014/09/uma-hora-com-george-muller.html> (01/01/2022).
6 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21>,
<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22>,
<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=23> (14/08/2021).

Lição 13 - Ação Social

Tema: Fazendo a diferença

Divisa: **Vós sois o sal da terra (...) Vós sois a luz do mundo (Mt 5:13,14).**

Anthony Benezet educando filhos de escravos em sua casa.

LEITURA DIÁRIA
Segunda **Salmos 144**
Terça **Mateus 5**
Quarta **Mateus 6**
Quinta **1 Timóteo 6**
Sexta **Filemom**
Sábado **Tiago 1**
Domingo **Tiago 2**

Anthony Benezet foi um francês, membro da igreja quaker, que imigrou para a colônia da Pensilvânia, na América do Norte, em 1731.
Adotando o ofício de professor de crianças e jovens, insistia em sua comunidade que os africanos ali escravizados naquele tempo deveriam receber a mesma educação que os imigrantes europeus. Baseado nos princípios bíblicos afirmou que é dever do professor estudar as disposições e o caráter dos alunos, para por meio da sua assistência, desenvolver ao máximo os talentos de cada pessoa, o que certamente deveria incluir os escravizados, como um direito a que eles faziam jus como seres humanos.
Escrevendo cartas às autoridades e câmaras, exortava pelo fim dos ataques aos indígenas, por emprego para os refugiados, e por um acordo pacífico entre as colônias e a Inglaterra que evitasse a Guerra da Independência.
A causa porém que mais marcou sua vida foi a reprovação enfática à própria existência da escravidão. Benezet por toda a sua vida exortou sua sociedade, por todos os meios disponíveis, a que acabasse com a prática da escravidão, principalmente por tratados que publicava nos jornais e panfletos que distribuía em incontáveis cópias, como o que citaremos abaixo. Mesmo não vivendo para ver a abolição dela, seu trabalho lançou a semente e motivou outros abolicionistas que anos depois tiveram, enfim, êxito. [1]

Deus é o mesmo hoje, como ele foi ontem e continuará sendo o mesmo para sempre. Ele não rejeita a oração do pobre e do necessitado, nem desconsidera o

clamor do menor dos negros. O sangue deles derramado por muitos anos nas vossas províncias vai ascender aos Céus contra vocês. (...) Ainda acreditamos nas verdades declaradas no Evangelho? Estamos convencidos que tanto as ameaças como as promessas nele contidas terão seu cumprimento? Se sim, não deveríamos tremer ao pensar no peso de culpa que está sobre a nossa nação em geral e individualmente, enquanto nós no mínimo grau apoiarmos ou sustentarmos tal gravíssima iniquidade? (...) Qual seria maior iniquidade ou crime mais hediondo, que carregue mais pesada culpa do que essa na qual vocês deliberadamente vivem agora? Como você pode levantar seus olhos culpados ao Céu? Como você pode orar por misericórdia Àquele que te criou e esperar qualquer benção dEle que te formou, enquanto você continua grosseiramente e abertamente a desonrá-Lo, ao rebaixar e destruir a mais nobre obra das mãos divinas neste mundo? Ele é o Pai dos homens, e você pensa que Ele não irá se ressentir desse modo como você trata a geração que Ele amou tanto, que deu Seu único Filho para que aquele que nEle crê não pereça mas tenha a vida eterna? Esse amor de Deus à humanidade, revelado no Evangelho, é um grande agravamento da vossa culpa, pois se Deus tanto assim nos amou, nós devemos também amarmos uns aos outros. Lembrai-vos do fim dado ao servo que tomou seu companheiro que lhe devia, lhe pegando pela garganta e o lançando na prisão: pense, e trema ao pensar, que será também o vosso destino, vós que tomais seus companheiros pela garganta, sendo que eles não lhes devem nem um centavo, e os fazeis prisioneiros pelo resto da vida. Permiti-vos refletirem imparcialmente e considerar a natureza desse comércio de homens, que vós fazeis. Vosso coração necessita ser quebrantado, se é que já não perdestes todo o senso de humanidade, piedade e compaixão para com os seres de vossa própria espécie, para entenderdes quantas calamidades, massacres e destruições têm havido sobre eles, das quais vocês foram autores, por causa de um lucro imundo. Que Deus vos conceda a sensibilidade sobre vossa culpa e o arrependimento a tempo[2].

Assim, os métodos e posicionamentos públicos de Bezenet exemplificam uma coerente atuação cristã na Ação Social, a qual será o objeto do nosso estudo.

13.1 - O QUE É AÇÃO SOCIAL?

O criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada; Criado para a glorificação de Deus, seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com seu Criador, bem como cumprir Sua divina vontade.

O fato de ser o homem criado à imagem de Deus, e de Jesus Cristo morrer para salvá-lo, é a fonte da dignidade e do valor humano. Ele tem direitos, outorgados por Deus, de ser reconhecido e aceito como indivíduo sem distinção de raça, cor, credo, ou cultura; de ser parte digna e respeitada da comunidade; de ter a plena oportunidade de alcançar o seu potencial. Cada indivíduo foi criado à imagem de Deus e, portanto, merece respeito e consideração como uma pessoa de valor e dignidade infinita.

Como o sal da terra e a luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive. Entretanto, o maior benefício que pode prestar é anunciar a mensagem do Evangelho; o bem-estar social e o estabelecimento da justiça entre os homens dependem basicamente da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios do Evangelho na vida individual e coletiva; Todavia, como cristãos, devemos estender a mão (...) a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiças e opressões; Isso faremos no espírito de amor, jamais apelando para quaisquer meios de violência ou discordantes das normas de vida expostas no Novo Testamento;

A Igreja e o cristão, individualmente, têm a obrigação de opor-se ao mal e trabalhar para a eliminação de tudo que corrompa e degrade a vida humana. A Igreja deve tomar posição definida em relação à justiça e trabalhar fervorosamente pelo respeito mútuo, a fraternidade,

a retidão, a paz, em todas as relações entre os homens, raças e nações. Ela trabalha confiante no cumprimento final do propósito divino no mundo.

(Declaração Doutrinária da CBB, Arts 3; 16; Princípios Batistas, Art. 2.1; 4.6). [3]

13.2 - QUAIS AS BASES BÍBLICAS DESSES CONCEITOS?

13.2.1 - Mesmo caído pelo pecado, todo ser humano ainda carrega resquícios da imagem de Deus, e disso decorrem seus direitos à dignidade e liberdade **(Tg 3:9; Gn 9:6).** Reconhecendo isto, a igreja de Cristo, envolvida que está na obra de Deus de, pela salvação que há em Cristo, restaurar a Criação a seu propósito original **(At 3:21; Rm 8:19-23)**, e sabendo que Deus designou o ser humano como Seu representante no mundo em **glória e honra (Sl 8:5)**, a igreja se posiciona contra tudo que encontra no mundo que destrói esse propósito, e afunda o ser humano em corrupções e desonras ofensivas ao Criador. Mesmo sabendo que uma transformação essencial depende da regeneração e santificação dos indivíduos, a igreja pode pela sua promoção dos valores divinos contribuir para uma maior propagação da justiça no mundo e minoramento dos males terrenos, para todos os seres humanos.

13.2.2 - A igreja não atua diretamente em todas as esferas, mas tem o dever de proclamar a Palavra de Deus sobre todas as esferas. A vida humana tem várias esferas diferentes, e cada uma delas tem uma orientação da parte de Deus de como deve ser vivida. Uma é a orientação de Deus sobre a ciência, outra é a sobre a arte, e ainda outras sobre a educação, economia, justiça, política, família, trabalho, lazer, etc. Buscar na Escritura o que Deus deixou como orientação básica sobre cada uma dessas áreas e proclamar essa orientação ao mundo, faz parte da missão da igreja de ensinar **todas as nações** sobre **tudo que** Jesus ordenou **(Mt 28:19-20)** anunciando **todo o conselho de Deus (At 20:27)**. Este ensino dos princípios bíblicos em todas as esferas da vida humana é a maneira indireta pela qual a igreja, enquanto instituição, atua em todas elas. Esta proclamação da Palavra de Deus ao mundo sobre todos os assuntos inevitavelmente apontará em que aspectos a sociedade em que a igreja vive está fora do propósito de Deus e portanto requerem transformação na sociedade. Outro aspecto da atuação social indireta da igreja é que à medida em que, pela pregação do Evangelho, os membros da sociedade vão sendo convertidos a Cristo e instruídos pela igreja nos valores bíblicos, eles consequentemente deverão atuar na sociedade conforme os valores bíblicos que aprendem na igreja, aplicando-os às suas vocações no mundo, isto é, suas posições na família, trabalho, comunidade e sociedade, nas diferentes esferas, nas quais ele, indivíduo cristão, aí sim, atua diretamente, de forma independente da organização da igreja, como **sal da terra** e **luz do mundo (Mt 5:13-16)**.

13.2.3 - A Ação Social não pretende estabelecer utopias nem paraísos terrestres, cujas perfeições só esperamos para o mundo futuro **(2Pe 3:13)**, mas entende ser sim possível construir, sob a bênção de Deus, uma sociedade com dignidade mínima para todos e sem iniquidades grosseiras **(Sl 72:12-14)**. À medida que tal sociedade se empenha em honrar a vontade de Deus para ela, ela entraria num ciclo de bênção, em que a própria justiça dos valores divinos, quando posta em execução, beneficiaria a todos, por ocasião da restrição da iniquidade e abrandamento dos males sociais: **porventura não é este o jejum que**

escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda (Is 58:6-8).

13.2.4 - Para essas transformações sociais desejadas porém, a igreja não deve usar nem apoiar métodos pecaminosos, violentos ou ilegais. O único instrumento da igreja sempre foi e sempre será a proclamação verbal da sua mensagem baseada nas Escrituras interpretadas à luz da pessoa e obra de Jesus Cristo. Mesmo o indivíduo cristão, quando atuar diretamente na transformação social, suas reivindicações devem seguir os trâmites legais de sua sociedade por meio de representações legítimas, conforme **a ordenação humana (1Pe 2:13)** sem **se** intrometer **em negócios alheios (1Pe 4:15)**. Os verdadeiros cristãos, sendo **pacificadores** e **mansos (Mt 5:5,9)** servos do **Príncipe da Paz (Is 9:5)** não apoiam nem concordam com a violência que acompanha as revoluções e tomadas de poder à força: **não seguirás a multidão para fazeres o mal (Ex 23:2); não te ponhas com os que buscam mudanças, porque de repente se levantará a sua destruição (Pv 24:21,22).** Quando os métodos de estabelecimento de uma causa justa forem injustos, o cristão não poderá compactuar com eles: **não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? (2Co 6:14)**. Para o cristão não basta a causa ser justa, o método de estabelecimento dela também deve ser justo. Os fins não justificam os meios.

13.3 - QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS DESSES CONCEITOS?

13.3.1 - A ação social consiste em atuar para transformação social. Enquanto que na assistência social *[também chamada "beneficência"]* o cristão fornece ajuda direta contra males básicos que afligem os indivíduos *[Ver Lição 12]*, a ação social é uma atuação sobre as causas de tais males, nas estruturas injustas e iníquas da sociedade e da cultura. Como ilustração, podemos comparar que, na época em que a escravidão era legalizada em nossa sociedade, os cristãos que atuassem minorando o sofrimento de escravos específicos, ou até comprando a liberdade de alguns deles, estariam efetuando assistência social (beneficência), mas os cristãos que atuassem para uma mudança na legislação da sociedade para que se proibisse definitivamente a escravidão, estariam efetuando ação social.

ASSISTÊNCIA SOCIAL (BENEFICÊNCIA)	AÇÃO SOCIAL
Auxílio direto e temporário a indivíduos e famílias para minorar seus males, pelo fornecimento de comida, roupa, remédios e assistências diversas.	Atuação nos erros culturais e sociais que geram os males que afetam indivíduos e famílias, visando transformações permanentes na civilização humana.

13.3.2 - Para apontar em quais realidades da sua cultura deve ser feita a Ação Social, a igreja deve avaliar biblicamente a cultura em que se encontra, o que pode ser feito classificando os aspectos culturais em neutros, toleráveis temporariamente, ou intoleráveis, em comparação com os valores bíblicos, da seguinte forma: que as diferenças neutras não precisam de ação social, que as toleráveis podem ser tratadas com paciência para uma mudança gradual e as intoleráveis ensejam uma ação oposta mais contundente:

13.3.2.1 - Diferenças culturais positivas, neutras e não-pecaminosas. Lemos da multidão dos salvos que eles serão **de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas (Ap 7:9)** e reconhecidos nisso, mesmo na eternidade **(Mt 8:11)**. Para todo o sempre nossa identidade cultural será preservada, no nosso caso, ainda seremos homens e mulheres brasileiros que falaram português e viveram nos séculos XX e XXI. **Ap 7:9** está dizendo que há uma certa diferenciação cultural que não será abolida na vida futura e ainda será reconhecível, naquilo em que essas diferenças não impliquem em nenhuma inconformidade à justiça divina, constituindo, pelo contrário, em diversidade enriquecedora, as quais, portanto, assim discernidas, não precisam ser objeto de tentativa de transformação da parte da igreja de Cristo em seu tempo na terra. Como exemplos podemos citar diferenças não-pecaminosas no tocante a roupa, comida, arte, lazer, organização social e seus ritos, regime político e econômico, festas típicas e coisas semelhantes. A igreja de Cristo se deleita em ganhar pessoas diferentes para Seu Senhor, ao salvar todo o tipo de gente que há na face da terra. Ela não deseja homogeneidade dos povos naquilo cuja diversidade não constitua essencialmente pecado, mas pelo contrário, entende que a maior diversidade cultural dos salvos redundará em maior glória pelo único **Senhor de todos** ser o mesmo Jesus **(Gl 3:28; Cl 3:11; cf. At 10:36)**.

13.3.2.2 - Erros culturais toleráveis temporariamente. Seriam aqueles que, ainda que claramente errados à luz do Novo Testamento, não poderiam ser interrompidos imediatamente por causa de consequências piores que sua abrupta descontinuidade causaria. Um exemplo disso seriam povos em que o Evangelho encontra com o costume da poligamia legalizada, e nos quais, caso o polígamo se separasse de uma das esposas e filhos, naquele contexto ele os desampararia. Nesses casos talvez fosse melhor esperar a próxima geração de cristãos para eliminar totalmente tal prática, ensinando os novos convertidos no valor da monogamia absoluta para os futuros novos casamentos **(1Co 7:2)**.

13.3.2.3 - Erros culturais intoleráveis. Os quais por serem de gravidade maior, não podem obter da igreja de Cristo nada a não ser radical e intransigente oposição. Como exemplo podemos citar que o missionário William Carey *[cuja história vimos na Lição 11]* encontrou na Índia o costume de se sacrificar as viúvas quando seus maridos morriam. Tal inversão da hierarquia dos valores divinos era extrema demais para ser tolerada **(Gn 9:6)** então ele iniciou um movimento político para banir tal prática da sociedade hindu, o qual, pela graça de Deus, obteve êxito.

13.3.3 - Uma das maneiras da igreja efetuar sua Ação Social é emitir declarações públicas e mensagens contra as diversas injustiças presentes na sua sociedade e no mundo. Embora a “Regra de Ouro” de Cristo, **tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós (Mt 7:12)**, nos forneça um discernimento automático sobre a justiça ou injustiça de todas as interações humanas, a especificação de tal discernimento também pode e deve ser reforçada por aplicações de outros princípios bíblicos mais detalhados.

Como exemplos de realidades atuais que segundo a Biblia seriam classificadas como injustiças e iniquidades, no contexto em que é escrito este estudo, e sobre as quais a igreja pode se posicionar publicamente contra, podemos citar:

13.3.3.1 - Desenvolvimento desequilibrado ou estagnado. **Deus pôs o homem no jardim para o lavrar e o guardar (Gn 2:15)** não somente **lavrar** (explorar), nem somente **guardar** (preservar), mas as duas coisas ao mesmo tempo, sem destruir a natureza pela exploração exacerbada, nem estagnar o desenvolvimento da civilização por deixá-la intocada **(cf. Pv 27:18; Hc 2:17; Js 17:14-18; Sl 8:4-8; Gn 1:28; Dt 8:7-10)**.

13.3.3.2 - Insegurança do direito básicos à vida, propriedade e justiça. por ocorrência de assassinatos, homicídios, abortos, latrocínios, roubos, furtos, apropriações injustas, invasões, expulsões, bem como injustiça e impunidade para os crimes. **Abre a tua boca (...) pela causa de todos que são designados à destruição (Pv 31:8); se tu deixares de livrar os que estão sendo levados para a morte, (...) não o saberá Aquele que atenta para a tua alma? (Pv 24:11,12); Não haja assaltos nas nossas ruas (Sl 144:14); não mudes o limite do teu próximo (Dt 19:14); As potestades que há foram ordenadas por Deus (...) para castigar o que faz o mal (Rm 13:1,4 cf. Ec 8:11); não respeitarás o pobre, nem honrarás o poderoso; com justiça julgarás o teu próximo (Lv 19:15);**

13.3.3.3 - Governos tirânicos. Tais como regimes totalitaristas ou que usam a força para subjugação opressiva do povo. Falta de liberdades básicas ao desenvolvimento da pessoa humana. Restrições e perseguições contra as liberdades de pensamento, expressão, associação, política, ideologia, educação e semelhantes. Impostos excessivos. **Mas os primeiros governadores, que foram antes de mim, oprimiram o povo, e tomaram-lhe pão e vinho e, além disso, quarenta siclos de prata, como também os seus servos dominavam sobre o povo; porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus (Ne 5:15; cf. Pv 28:15; Ec 8:9; Is 10:1); abre a tua boca a favor do mudo, (Pv 31:8); E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta (Ap 13:11,12).**

13.3.3.4 - Guerras e conflitos armados. Armamentismo, conflito entre países, invasão de um país em outro, revoluções violentas dentro de um país, intervenções militares. **Vós vos estribais sobre a vossa espada, cometeis abominação; embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão; procurai a paz da cidade; tende paz com todos os homens; anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos); Ele anunciará paz aos gentios; o Seu nome será Príncipe da Paz; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus (Ez 33:26; cf. Sl 20:7; Mt 26:52; Jr 29:7; Rm 12:8; At 10:36; Zc 9:10; Is 9:6; Mt 5:9).**

13.3.3.5 - Embaraços ao trabalho missionário. Falta de liberdade religiosa, favorecimento ou perseguição do governo a uma determinada religião *[Ver Lições 1 e 2].*

Não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido. (...) Mais importa obedecer a Deus do que aos homens (At 4:20, 5:29).

13.3.3.6 - Racismo, intolerância e segregação de etnias, povos e imigrantes. Falta de liberdade de locomoção, migração e mudança de pátria. **Se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado (Tg 2:9; cf. At 17:26; Am 9:7; Is 19:21-25; 56:3-7); Deus (...) ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. Por isso amareis o estrangeiro (Dt 10:17-19); quando o estrangeiro peregrinar convosco na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo (Lv 19:33,34; cf. Jr 22:3).**

13.3.3.7 - Exploração injusta dos trabalhadores. Diminuição do poder aquisitivo ou atraso do pagamento de salários. **O** salário **dos trabalhadores que por vós foi diminuído, clama; e os clamores entraram nos ouvidos do Senhor dos Exércitos (Tg 5:4); a paga do diarista não ficará contigo até pela manhã (Lv 19:13; cf. Dt 24:14-15; Jr 22:13,14).** Prolongamento excessivo do trabalho durante a vida (cf. Deus dando um modelo de apenas 25 anos de trabalho em um ofício em **Nm 8:24,25**, e um ano de férias após o casamento em **Dt 24:5**; ver também o erro do vício em trabalho em **Ec 4:8**).

13.3.3.8 - Ausência de assistência básica. que garanta dignidade mínima a todos os seres humanos em termos de alimentação, vestuário, saúde, moradia e renda. **São graves os vossos pecados (...) rejeitais os necessitados na porta (Am 5:12); sei que o Senhor sustentará a causa do oprimido, e o direito do necessitado (Sl 140:12; cf. Dt 23:24; Pv 14:31; Lv 19:9-10; Dt 15:7,8); Abre a tua boca; julga retamente; e faze justiça aos pobres e aos necessitados (Pv 31:9; cf Ex 23:11); Aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas (Is 1:17).**

13.3.3.9 - Materialismo, avareza e desigualdade extrema. Também manifestados por cobrança de juros, dívidas perpétuas, falta de equidade na distribuição da terra etc . **Não podeis servir a Deus e a Mamom. (Mt 6:24) Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem campo a campo, até que não haja mais lugar, e fiquem como únicos moradores no meio da terra! (Is 5:8; cf. Lv 25:23-24); Haja igualdade (2Co 8:14); Aos muitos aumentarás a sua herança, e aos poucos diminuirás a sua herança (Nm 26:54); Emprestar com usura, e receber demais, (...) todas estas abominações ele fez (Ez 18:13; cf. Dt 23:19; Lv 25:36-37; Ex 22:25-27); Ao fim dos sete anos farás remissão. Este, pois, é o modo da remissão: todo o credor remitirá o que emprestou ao seu próximo; não o exigirá do seu próximo (Dt 15:1,2).**

13.4 - QUE OUTRAS QUESTÕES PODEM SER LEVANTADAS PARA APROFUNDAMENTO DESTE TEMA?

13.4.1 - **O pecado é a vergonha das nações (Pv 14:34).** Analise a conjuntura da sua sociedade e aponte outros itens além dos citados acima em que ela tem práticas e crenças contrárias à Palavra de Deus e que portanto devem ser reprovadas pela igreja em seu testemunho público.

13.4.2 - **Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler quem passa correndo (Hc 2:2;** Cf. **Is 30:8)**. De que maneira os posicionamentos espirituais, morais e sociais da igreja podem ser feitos mais conhecidos do mundo em que ela vive? Que novas oportunidades e meios de comunicação estão sendo colocados diante de nós para dialogarmos com o pensamento do mundo, e que critérios devem ser observados para que tal interação seja salutar para o Reino de Deus?

FIGURA:
Página 86 - https://en.wikipedia.org/wiki/File:Benezet.jpg

REFERÊNCIAS:
1 - BEZENET, A. Caution and warning to Great Britain and her colonies on the calamitous state of the enslaved negroes in the british dominions *em* Views of american slavery taken a century ago, Anthony Bezenet and John Wesley. Association Of Friends For The Diffusion Of Religious And Useful Knowledge. Filadélfia, 1858. pp. 34, 48-50 . Tradução livre do autor.
2 - Ob. cit. pp. 12, 16, 21,
3 - <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=21> e
<http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> (14/08/2021).

APÊNDICE
Documentos Doutrinários da CBB

A.1 -

PACTO DAS IGREJAS BATISTAS

Tendo sido levados pelo Espírito Santo a aceitar a Jesus Cristo como único e suficiente Salvador, e batizados, sob profissão de fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, decidimo-nos, unânimes, como um corpo em Cristo, firmar, solene e alegremente, na presença de Deus e desta congregação, o seguinte Pacto:

Comprometemo-nos a, auxiliados pelo Espírito Santo, andar sempre unidos no amor cristão; trabalhar para que esta Igreja cresça no conhecimento da Palavra, na santidade, no conforto mútuo e na espiritualidade; manter os seus cultos, suas doutrinas, suas ordenanças e sua disciplina; contribuir liberalmente para o sustento do ministério, para as despesas da Igreja, para o auxílio dos pobres e para a propaganda do Evangelho em todas as nações.

Comprometemo-nos, também, a manter uma devoção particular; a evitar e condenar todos os vícios; a educar religiosamente nossos filhos; a procurar a salvação de todo o mundo, a começar dos nossos parentes, amigos e conhecidos; a ser corretos em nossas transações, fiéis em nossos compromissos, exemplares em nossa conduta e ser diligentes nos trabalhos seculares; evitar a detração, a difamação e a ira, sempre e em tudo visando à expansão do Reino do nosso Salvador.

Além disso, comprometemo-nos a ter cuidado uns dos outros; a lembrarmo-nos uns dos outros nas orações; ajudar mutuamente nas enfermidades e necessidades; cultivar relações francas e a delicadeza no trato; estar prontos a perdoar as ofensas, buscando, quando possível, a paz com todos os homens.

Finalmente, nos comprometemos a, quando sairmos desta localidade para outra, nos unirmos a uma outra Igreja da mesma fé e ordem, em que possamos observar os princípios da Palavra de Deus e o espírito deste Pacto.

O Senhor nos abençoe e nos proteja para que sejamos fiéis e sinceros até a morte.

A.2 -

DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

INTRODUÇÃO

Os discípulos de Jesus Cristo, que vieram a ser designados pelo nome Batista, se caracterizavam pela sua fidelidade às Escrituras e por isso só recebiam em suas comunidades, como membros atuantes, pessoas convertidas pelo Espírito Santo de Deus. Somente essas pessoas eram por eles batizadas e não reconheciam como válido o batismo administrado na infância por qualquer grupo cristão, pois, para eles, crianças recém-nascidas não podiam ter consciência de pecado, regeneração, fé e salvação. Para adotarem essas posições, eles estavam bem fundamentados nos Evangelhos e nos demais livros do Novo Testamento. A mesma fundamentação tinha todas as outras doutrinas que professavam. Mas sua exigência de batismo só de convertidos é que mais chamou a atenção do povo e das autoridades, daí derivando a designação “batista” que muitos supõem ser uma forma simplificada de “anabatista”, “aquele que batiza de novo”.
A designação surgiu no século 17, mas aqueles discípulos de Jesus Cristo estavam espiritualmente ligados a todos os que, através dos séculos, procuraram permanecer fiéis aos ensinamentos das Escrituras, repudiando, mesmo colocando em risco a própria vida, os acréscimos e corrupções de origem humana.
Através dos tempos, os Batistas se têm notabilizado pela defesa destes princípios:

1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta;
2º) O conceito de Igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas;
3º) A separação entre Igreja e Estado.
4º) A absoluta liberdade de consciência.
5º) A responsabilidade individual diante de Deus.
6º) A autenticidade e apostolicidade das Igrejas.

Os Batistas caracterizam-se também pela intensa e ativa cooperação entre suas Igrejas. Não havendo nenhum poder que possa constranger a Igreja local, a não ser a vontade de Deus, manifestada através de seu Santo Espírito, os Batistas, baseados nesse princípio da cooperação voluntária das Igrejas, realizam uma obra geral de missões, em que foram pioneiros entre os evangélicos nos tempos modernos; de evangelização, de educação teológica, religiosa e secular; de ação social e de beneficência. Para a execução desses fins, organizam Associações regionais e Convenções estaduais e nacionais, não tendo estas, no entanto, autoridade sobre as Igrejas, devendo suas resoluções ser entendidas como sugestões ou apelos.
Para os Batistas, as Escrituras Sagradas, em particular o Novo Testamento, constituem a única regra de fé e conduta, mas, de quando em quando, as circunstâncias exigem que sejam feitas declarações doutrinárias que esclareçam os espíritos, dissipem dúvidas e reafirmem posições. Cremos viver um momento assim no Brasil, quando uma declaração desse tipo deve ser formulada, com a exigência insubstituível de ser rigorosamente fundamentada na Palavra de Deus. É o que faz agora a Convenção Batista Brasileira, nos 19 artigos que seguem:

I- Escrituras Sagradas

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens; Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo; Tem por finalidade revelar os propósitos de Deus, levar os pecadores à salvação, edificar os crentes e promover a glória de Deus; Seu conteúdo é a verdade, sem mescla de erro, e por isso é um perfeito tesouro de instrução divina; Revela o destino final do mundo e os critérios pelo qual Deus julgará todos os homens; A Bíblia é a autoridade única em matéria de religião, fiel padrão pelo qual devem ser aferidas as doutrinas e a conduta dos homens; Ela deve ser interpretada sempre à luz da pessoa e dos ensinos de Jesus Cristo.

1. Sl 119.89; Hb 1.1; Is 40.8; Mt 24.35; Lc 24.44,45; Jo 10.35; Rm 3.2; 1Pe 1.25; 2Pe 1.21
2. Is 40.8; Mt 22.29; Hb 1.1,2; Mt 24.35; Lc 16.29; 24.44,45; Rm 16.25,26; 1Pe 1.25
3. Ex 24.4; 2Sm 23.2; At 3.21; 2Pe 1.21
4. Lc 16.29; Rm 1.16; 2Tm 3.16,17; 1Pe 2.2; Hb 4.12; Ef 6.17; Rm 15.4
5. Sl 19.7-9; 119.105; Pv 30.5; Jo 10.35; 17.17; Rm 3.4; 15.4; 2Tm 3.15-17
6. Jo 12.47,48; Rm 2.12,13
7. 2Cr 24.19; Sl 19.7-9; Is 8.20; 34.16; Mt 5.17,18; At 17.11; Gl 6.16; Fp 3.16; 2Tm 1.13
8. Lc 24.44,45; Mt 5.22,28,32,34,39; 11.29,30; 17.5; Jo 5.39,40; Hb 1.1,2; Jo 1.1,2,14

II- Deus

O único Deus vivo e verdadeiro é Espírito pessoal, Eterno, Infinito e Imutável; é Onipotente, Onisciente, e Onipresente; é perfeito em Santidade, Justiça, Verdade e Amor. Ele é o Criador, Sustentador, Redentor, Juiz e Senhor da história e do universo, que governa pelo Seu poder, dispondo de todas as coisas, de acordo com o Seu eterno propósito e graça; Deus é infinito em santidade e em todas as demais perfeições; Por isso, a Ele devemos todo o amor, culto e obediência; Em sua triunidade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência.

1. Dt 6.4; Jr 10.1; Sl 139; 1Co 8.6; 1Tm 1.17; 2.5,6; Ex 3.14; 6.2,3; Is 43.15; Mt 6.9; Jo 4.24; Ml 3.6; Tg 1.17; 1Pe 1.16,17
2. Gn 1.1; 17.1; Ex 15.11-18; Is 43.3; At 17.24-26; Ef 3.11; 1Pe 1.17
3. Ex 15.11; Is 6.1,2; 57.15; J34.10
4. Mt 22.37; Jo 4.23,24; 1Pe 1.15,16
5. Mt 28.19; Mc 1.9-11; 1Jo 5.7; Rm 15.30; 2Co 13.13; Fp 3.3

1- Deus Pai

Deus, como Criador, manifesta disposição paternal para com todos os homens. Historicamente, Ele se revelou primeiro como Pai ao povo de Israel, que escolheu consoante os propósitos de Sua graça; Ele é Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem enviou a este mundo para salvar os pecadores e deles fazer filhos por adoção; Aqueles que aceitam a Jesus Cristo e nele creem são feitos filhos de Deus, nascidos pelo Seu Espírito, e, assim, passam a tê-lo como Pai celestial, dele recebendo proteção e disciplina.

1. Is 64.8; Mt 6.9; 7.11; At 17.26-29; 1Co 8.6; Hb 12.9
2. Ex 4.22,23; Dt 32.6-18; Is 1.2,3; 63.16; Jr 31.9
3. Sl 2.7; Mt 3.17; 17.5; Lc 1.35; Jo 1.12
4. Mt 23.9; Jo 1.12,13; Rm 8.14-17; Gl 3.26; 4.4-7; Hb 12.6-11

2 - Deus Filho

Jesus Cristo, um em essência com o Pai, é o eterno Filho de Deus. Nele, por Ele e para Ele foram criadas todas as coisas; Na plenitude dos tempos, Ele se fez carne, na pessoa real e histórica de Jesus Cristo, gerada pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria, sendo, em Sua pessoa, verdadeiro Deus e verdadeiro homem; Jesus é a imagem expressa do seu Pai, a revelação suprema de Deus ao homem; Ele honrou e cumpriu plenamente a lei divina e revelou e obedeceu toda a vontade de Deus; Identificou-se perfeitamente com os homens, sofrendo o castigo e expiando a culpa de nossos pecados, conquanto Ele mesmo não tivesse pecado; Para salvar-nos do pecado, morreu na cruz, foi sepultado e ao terceiro dia ressurgiu dentre os mortos e, depois de aparecer muitas vezes a seus discípulos, ascendeu aos céus, onde, à destra do Pai, exerce o Seu eterno sumo sacerdócio. Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens e o Único e Suficiente Salvador e Senhor; Pelo seu Espírito ele está presente e habita no coração de cada crente e na Igreja; Ele voltará visivelmente a este mundo em grande poder e glória, para julgar os homens e consumar sua obra redentora.

1. Sl 2.7; 110.1; Mt 1.18-23; 3.17; 8.29; 14.33; 16.16,27; 17.5; Mc 1.1; Lc 4.41; 22.70; Jo 1.1,2; 11.27; 14.7-11; 16.28
2. Jo 1.3; 1Co 8.6; Cl 1.16,17
3. Is 7.14; Lc 1.35; Jo 1.14; Gl 4.4,5
4. Jo 14.7-9; Mt 11.27; Jo 10.30,38; 12.44-50; Cl 1.15,19; 2.9; Hb 1.3
5. Is 53; Mt 5.17; Hb 5.7-10
6. Rm 8.1-3; Fp 2.1-11; Hb 4.14,15; 1Pe 2.21-25
7. At 1.6-14; Jo 19.30,35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; 1Co 15.4-8
8. Jo 14.6; At 4.12; 1Tm 2.4,5; At 7.55,56; Hb 4.14-16; 10.19-23
9. Mt 28.20; Jo 14.16,17; 15.26; 16.7; 1Co 6.19
10. At 1.11; 1Co 15.24-28; 1Ts 4.14-18; Tt 2.13

3 - Deus Espírito Santo

O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina. É o Espírito da verdade; Atuou na criação do mundo e inspirou os homens a escreverem as Sagradas Escrituras; Ele ilumina os homens e os capacita a compreenderem a verdade divina; No dia de Pentecostes, em cumprimento final da profecia e das promessas quanto à descida do Espírito Santo, Ele se manifestou de maneira singular, quando os primeiros discípulos foram batizados no Espírito, passando a fazer parte do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Suas outras manifestações, constantes no livro Atos dos Apóstolos, confirmam a evidência de universalidade do dom do Espírito Santo a todos os que creem em Cristo; O recebimento do Espírito Santo sempre ocorre quando os pecadores se convertem a Jesus Cristo, que os integra, regenerados pelo Espírito, à Igreja; Ele dá testemunho de Jesus Cristo e o glorifica; Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; Opera a regeneração do pecador

perdido; Sela o crente para o dia da redenção final; Habita no crente; Guia-o em toda a verdade; Capacita-o a obedecer a vontade de Deus; Distribui dons aos filhos de Deus para a edificação do Corpo de Cristo e para o ministério da Igreja no mundo; Sua plenitude e seu fruto na vida do crente constituem condições para uma vida cristã vitoriosa e testemunhante.

1. Gn 1.2; J23.13; Sl 51.11; 139.7-12; Is 61.1-3; Lc 4.18,19 ; Jo 4.24; 14.16,17; 15.26; Hb 9.14; 1Jo 5.6,7; Mt 28.19
2. Jo 16.13; 14.17; 15.26
3. Gn 1.2; 2Tm 3.16; 2Pe 1.21
4. Lc 12.12; Jo 14.16,17,26; 1Co 2.10-14; Hb 9.8
5. Jl 2.28-32; At 1.5; 2.1-4; 24.29; At 2.41; 8.14-17; 10.44-47; 19.5-7; 1Co 12.12-15
6. At 2.38,39; 1Co 12.12-15
7. Jo 14.16,17; 16.13,14
8. Jo 16.8-11
9. Jo 3.5; Rm 8.9-11
10. Ef 4.30
11. Rm 8.9-11
12. Jo 16.13
13. Ef 5.16-25
14. 1Co 12.7,11; Ef 4.11-13
15. Ef 5.18-21; Gl 5.22,23; At 1.8

III - O Homem

Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à Sua imagem e conforme a Sua semelhança e disso decorrem o seu valor e dignidade. Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar; Seu espírito procede de Deus e para ele retornará; O criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada; Criado para a glorificação de Deus; Seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com seu Criador, bem como cumprir Sua divina vontade; Ser pessoal e espiritual. O homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade revelada, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso.

1. Gn 1.26-31; 18.22; 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26
2. Gn 2.7; 3.19; Ec 3.20; 12.7
3. Ec 12.7; Dn 12.2,3
4. Gn 1.21; 2.1; Sl 8.3-8
5. At 17.26-29; 1Jo 1.3,6,9
6. Jr 9.23,24; Mq 6.8; Mt 6.33; Jo 14.23; Rm 8.38,39
7. Jo 1.4-13; 17.3; Ec 5.14,17; 1Tm 2.5; Jó 19.25,26; Jr 31.3; At 5.29; Ez 18.20; Dn 12.2; Mt 25.32,46; Jo 5.29; 1Co 15; 1Ts 4.16,17; Ap 20.11-30

IV - O Pecado

No princípio, o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus. Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado; Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal; Todo pecado é cometido contra Deus, Sua pessoa, Sua vontade e Sua lei; Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo; O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como salvador pessoal; Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus; Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo;

1. Gn 2.15-17; 3.8-10; Ec 7.29
2. Gn 3; Rm 5.12-19; Ef 2.12; Rm 3.23
3. Gn 3.12; Rm 5.12; Sl 51.5; Is 53.6; Jr 17.5; Rm 1.18-27; 3.10-19; 7.14-25; Gl 3.22; Ef 2.1-3
4. Sl 51.4; Mt 6.14; Rm 8.7-22
5. Mt 6.14,15; 18.21-35; 1Co 8.12; Tg 5.16
6. Jo 3.36; 16.9; 1Jo 5.10-12
7. Rm 5.12-19; 6.23; Ef 2.5; Gn 3.18; Rm 8.22
8. Rm 3.20; Gl 3.10,11; Ef 2.8,9

V - Salvação

A salvação é outorgada por Deus pela Sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor. O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz; A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser; É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação.

1. Sl 37.39; Is 55.5; Sf 3.17; Tt 2.9-11; Ef 2.8,9; At 15.11; 4.12
2. Is 53.4-6; 1Pe 1.18-25; 1Co 6.20; Ef 1.7; Ap 5.7-10
3. Mt 16.24; Rm 10.13; 1Ts 5.23,24; Rm 5.10
4. Rm 6.23; Hb 2.1-4; Jo 3.14; 1Co 1.30; At 11.18

A regeneração é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, fazendo dele uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por Ele selado para o dia da redenção final e é liberto do castigo eterno dos seus pecados. Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador. Nessa experiência de conversão o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz.

1 Dt 30.6; Ez 36.26; Jo 3.3-5; 1Pe 1.3; 2Co 5.17; Ef 4.20-24
2 Tt 3.5; Rm 8.2; Jo 1.11-13; Ef 4.32; At 11.17
3 2Co 1.21,22; Ef 4.30; Rm 8.1; 6.22

A justificação, que ocorre simultaneamente com a regeneração, é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absorve, no perdão, o homem de seus pecados e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens. Essa graça é concedida não por causa de quaisquer obras meritocratas praticadas pelo homem mas por meio de sua fé em Cristo.

1. Is 53.11; Rm 8.33; 3.24
2. Rm 5.1; At 3.19; Mt 9.6; 2Co 5.21; 1Co 1.30

A santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita. Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo.

1. Jo 17.17; 1Ts 4.3; 5.23; 4.7
2. Pv 4.18; Rm 12.1,2; Fp 2.12,13; 2Co 7.1; 3.18; Hb 12.14; Rm 6.19; Gl 5.22; Fp.1.9-11

A glorificação é o ponto culminante da obra da salvação. É o estado final, permanente, da felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo.

1. Rm 8.30; 2Pe 1.10,11; 1Jo 3.2; Fp 3.12; Hb 6.11
2. 1Co 13.12; 1Ts 2.12; Ap 21.3,4

VI - Eleição

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça. Antes da criação do mundo, Deus, no exercício da Sua soberania divina e à luz de Sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, predestinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr dos tempos, aceitariam livremente o dom da salvação; Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre-arbítrio de cada um e de todos os homens; A salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus; Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do amor de Deus em Cristo Jesus; O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o dom do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação;

1. Gn 12.1-3; Ex 19.5,6; Ez 36.22,23,32; 1Pe 1.2; Rm 9.22-24; 1Ts 1.4
2. Rm 8.28-30; Ef 1.3-14; 2Ts 2.13,14
3. Dt 30.15-20; Jo 15.16; Rm 8.35-39; 1Pe 5.10

4. Jo 3.16,36; Jo 10.28,29; 1Jo 2.19
5. Mt 24.13; Rm 8.35-39
6. Jo 10.28; Rm 8.35-39; Jd 24

VII - Reino de Deus

O Reino de Deus é o domínio soberano e universal de Deus e é eterno. É também o domínio de Deus no coração dos homens que, voluntariamente, a Ele se submetem pela fé, aceitando-o como Senhor e Rei. É, assim, o reino invisível nos corações regenerados que opera no mundo e se manifesta pelo testemunho dos seus súditos; A consumação do reino ocorrerá com a volta de Jesus Cristo, em data que só Deus conhece, quando o mal será completamente vencido e surgirão o novo céu e a nova terra para a eterna habitação dos remidos com Deus;

1. Dn 2.37-44; Is 9.6,7
2. Mt 4.17; Lc 17.20; 4.43; Jo 18.36; 3.3-5
3. Mt 25.31-46; 1Co 15.24; Ap 11.15

VIII - Igreja

Igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé. É nesse sentido que a palavra “igreja” é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento. Tais congregações são constituídas por livre vontade dessas pessoas com finalidade de prestarem culto a Deus, observarem as ordenanças de Jesus, meditarem nos ensinamentos da Bíblia para a edificação mútua e para a propagação do evangelho; As Igrejas neotestamentárias são autônomas, têm governo democrático, praticam a disciplina e se regem em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo; Há nas Igrejas, segundo as Escrituras, duas espécies de oficiais: pastores e diáconos. As Igrejas devem relacionar-se com as demais Igrejas da mesma fé e ordem e cooperar, voluntariamente, nas atividades do Reino de Deus. O relacionamento com outras entidades, quer seja de natureza eclesiástica ou outra, não deve envolver a violação da consciência ou o comprometimento da lealdade a Cristo e sua palavra. Cada Igreja é um templo do Espírito Santo; Há também no Novo Testamento um outro sentido da palavra “igreja”, em que ela aparece como a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual Ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus;

1. Mt 18.17; At 5.11; 20.17-28; 1Co 4.17
2. At 2.41,42
3. Mt 18.15-17
4. At 20.17,28; Tt 1.5-9; 1Tm 3.1-13
5. Mt 16.18; Cl 1.18; Hb 12.22-24; Ef 1.22,23

IX - O Batismo e a Ceia do Senhor

O batismo e a ceia do Senhor são as duas ordenanças da igreja estabelecidas pelo próprio Jesus Cristo, sendo ambas de natureza simbólica.
O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal; Simboliza a morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos; O batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;
A ceia do Senhor é uma cerimônia da Igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: o pão e o vinho; Nesse memorial, o pão representa Seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho simboliza o Seu sangue derramado; A ceia do Senhor deve ser celebrada pelas Igrejas até a volta de Cristo e sua celebração pressupõe o batismo bíblico e o cuidadoso exame íntimo dos participantes.

1. Mt 3.5,6,13-17; Jo 3.22,23; 4.1,2; 1Co 11.20,23-30
2. At 2.41,42; 8.12,36-39; 10.47,48
3. Rm 6.3-5; Gl 3.27; Cl 2.12
4. Mt 28.19; At 2.38,41,42; 10.48

5 e 6. Mt 26.26-29; 1Co 10.16,17-21; 11.23-29

7. Mt 26.29; 1Co 11.26-28; At 2.42; 20.4-8

X - O Dia do Senhor

O domingo, dia do Senhor, é o dia do descanso cristão satisfazendo plenamente a exigência divina e a necessidade humana de um dia em sete para o repouso do corpo e do espírito. Com o advento do Cristianismo, o primeiro dia da semana passou a ser o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus ressuscitado neste dia. Deve ser para os cristãos um dia de real repouso em que - pela frequência aos cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas - eles estarão se preparando para “aquele descanso que resta para o povo de Deus”. Nesse dia os cristãos devem abster-se de todo trabalho secular, excetuando aquele que seja imprescindível e indispensável à vida da comunidade. Devem também abster-se de recreações que desviem a atenção das atividades espirituais.

1. Gn 2.3; Ex 20.8-11; Is 58.13-14
2. Jo 20.1,19,26; At 20.7; Ap 1.10
3. Hb 4.9-11; Ap 14.12,13
4. Ex 20.8-11; Jr 17.21,22,27; Ez 22.8

XI - Ministério da Palavra

Todos os crentes foram chamados por Deus para a salvação, para o serviço cristão, para testemunhar de Jesus Cristo e promover o Seu reino, na medida dos talentos e dos dons

concedidos pelo Espírito Santo. Entretanto, Deus escolhe, chama e separa certos homens, de maneira especial para o serviço distinto, definido e singular do ministério da Sua Palavra; O pregador da Palavra é um porta-voz de Deus entre os homens; Cabe-lhe missão semelhante àquela realizada pelos profetas do Velho Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento, tendo o próprio Jesus como exemplo e padrão supremo; A obra do porta-voz de Deus tem finalidade dupla: a de proclamar as Boas Novas aos perdidos e a de apascentar os salvos; Quando um homem convertido dá evidências de ter sido chamado e separado por Deus para esse ministério, e de possuir as qualificações estipuladas nas Escrituras para o seu exercício, cabe à Igreja local a responsabilidade de separá-lo, formal e publicamente, em reconhecimento da vocação divina já existente e verificada em sua experiência cristã; Esse ato solene de consagração é consumado quando os membros de um presbitério ou concílio de pastores, convocados pela Igreja, impõe as mãos sobre o vocacionado; O ministro da Palavra deve dedicar-se totalmente à obra para a qual foi chamado, dependendo em tudo do próprio Deus; O pregador do Evangelho deve viver do Evangelho; Às Igrejas cabe a responsabilidade de cuidar e sustentar adequada e dignamente seus pastores;

1. Mt 28.19,20; At 1.8; Rm 1.6,7; 8.28-30; Ef 4.1,4; 2Tm 1.9; Hb 9.15; 1Pe 1.15; Ap 17.14
2. Mc 3.13,14; Lc 1.2; At 6.1-4; 13.2,3; 26.16-18; Rm 1.1; 1Co 12.28; 2Co 2.17; Gl 1.15-17
3. Ex 4.11,12; Is 6.5-9; Jr 1.5-10; At 20.24-28
4. At 26.19,20; Jo 13.12-15; Ef 4.11-17
5. Mt 28.19,20; Jo 21.15-17; At 20.24-28; 1Co 1.21; Ef 4.12-16
6. At 13.1-3; 1Tm 3.1-7
7. At 13.3; 1Tm 4.14
8. At 6.1-4; 1Tm 4.11-16; 2Tm 2.3,4; 4.2,5; 1Pe 5.1-3
9. Mt 10.9,10; Lc 10.7; 1Co 9.13,14; 1Tm 5.17,18
10. 2Co 8.1-7; Gl 6.6; Fp 4.14-18

XII - Mordomia

Mordomia é a doutrina bíblica que reconhece Deus como Criador, Senhor e Dono de todas as coisas. Todas as bênçãos temporais e espirituais procedem de Deus e por isso os homens devem a Ele o que são e possuem e, também, o sustento; O crente pertence a Deus porque Deus o criou e o remiu em Jesus Cristo; Pertencendo a Deus, o crente é mordomo ou administrador da vida, das aptidões, do tempo, dos bens, da influência, das oportunidades, dos recursos naturais e de tudo o que Deus lhe confia em seu infinito amor, providência e sabedoria; Cabe ao crente o dever de viver e comunicar ao mundo o Evangelho que recebeu de Deus; As Escrituras Sagradas ensinam que o plano específico de Deus para o sustento financeiro de Sua causa consiste na entrega pelos crentes de dízimos e ofertas alçadas; Devem eles trazer à Igreja sua contribuição sistemática e proporcional com alegria e liberdade, para o sustento do ministério, das obras de evangelização, beneficência e outras;

1. Gn 1.1; 14.17-20; Sl 24.1; Ec 11.9; 1Co 10.26
2. Gn 14.20; Dt 8.18; 1Cr 29.14-16; Tg 1.17; 2Co 8.5
3. Gn 1.27; At 17.28; 1Co 6.19,20; Tg 1.21; 1Pe 1.18-21

4. Mt 25.14-30; 31.46
5. Rm 1.14; 1Co 9.16; Fp 2.16
6. Gn 14.20; Lv 27.30; Pv 3.9,10; Ml 3.8-12; Mt 23.23
7. At 11.27-30; 1Co 8.1-3; 2Co 8.1-15; Fp 4.10-18

XIII - Evangelização e Missões

A missão primordial do povo de Deus é a evangelização do mundo, visando à reconciliação do homem com Deus. É dever de todo discípulo de Jesus Cristo e de todas as Igrejas proclamar, pelo exemplo e pelas palavras, a realidade do Evangelho, procurando fazer novos discípulos de Jesus Cristo em todas as nações, cabendo às Igrejas batizá-los a observar todas as coisas que Jesus ordenou; A responsabilidade da evangelização estende-se até aos confins da terra e, por isso, as Igrejas devem promover a obra de missões, rogando sempre ao Senhor que envie obreiros para a sua seara;

1. Mt 28.19,20; Jo 17.20; At 1.8; 13.2,3
2. Mt 28.18-20; Lc 24.46-49; Jo 17.20
3. Mt 28.19; At 1.8; Rm 10.13-15

XIV - Educação Religiosa

O ministério docente da Igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo, entre Jesus Cristo e o crente. A palavra de Deus é o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã; O programa de educação religiosa nas Igrejas é necessário para a instrução e desenvolvimento de seus membros, a fim de “crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”. Às igrejas cabe cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da Igreja no mundo;

1. Mt 11.29,30; Jo 13.14-17
2. Jo 14.26; 1Co 3.1,2; 2Tm 2.15
3. Sl 119; 2Tm 3.16,17; Cl 1.28; Mt 28.19,20

XV - Liberdade Religiosa

Deus, e somente Deus, é o Senhor da consciência. A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais do homem, inerente à sua natureza moral e espiritual; Por força dessa natureza, a liberdade religiosa não deve sofrer ingerência de qualquer poder humano; Cada pessoa tem o direito de cultuar a Deus, segundo os ditames de sua consciência, livre de coações de qualquer espécie; A Igreja e o Estado devem estar separados por serem diferentes em sua natureza, objetivos e funções; É dever do Estado garantir o pleno gozo e exercício da liberdade religiosa, sem favorecimento a qualquer grupo ou credo; O Estado deve ser leigo e a Igreja livre. Reconhecendo que o governo do Estado é de ordenação

divina para o bem-estar dos cidadãos e a ordem justa da sociedade, é dever dos crentes orar pelas autoridades, bem como respeitar e obedecer às leis e honrar os poderes constituídos, exceto naquilo que se oponha à vontade e à lei de Deus;

1. Gn 1.27; 2.7; Sl 9.7-8; Mt 10.28; 23.10; Rm 14.4-9,13; Tg 4.12
2. Js 24.15; 1Pe 2.15,16; Lc 20.25
3. Dn 3.15-18; Lc 20.25; At 4.9-20; 5.29
4. Dn 3.16-18; 6; At 19.35-41
5. Mt 22.21; Rm 13.1-7
6. At 19.34-41
7. Dn 3.16-18; 6.7-10; Mt 17.27; At 4.18-20; 5.29; Rm 13.1-7; 1Tm 2.1-3

XVI - Ordem Social

Como o sal da terra e a luz do mundo, o cristão tem o dever de participar em todo esforço que tende ao bem comum da sociedade em que vive.- Entretanto, o maior benefício que pode prestar é anunciar a mensagem do Evangelho; o bem-estar social e o estabelecimento da justiça entre os homens dependem basicamente da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios do Evangelho na vida individual e coletiva; Todavia, como cristãos, devemos estender a mão de ajuda aos órfãos, às viúvas, aos anciãos, aos enfermos e a outros necessitados, bem como a todos aqueles que forem vítimas de quaisquer injustiças e opressões; Isso faremos no espírito de amor, jamais apelando para quaisquer meios de violência ou discordantes das normas de vida expostas no Novo Testamento;

1. Mt 5.13-16; Jo 12.35-36; Fp 2.15
2. Mt 6.33; Mc 6.37; Lc 10.29-37
3. Ex 22.21,22; Sl 82.3,4; Ec 11.1,2
4. Is 1.16-20; Mq 6.8; Mt 5.9

XVII - Família

A família, criada por Deus para o bem do homem, é a primeira instituição da sociedade. Sua base é o casamento monogâmico e duradouro, por toda a vida, só podendo ser desfeito pela morte ou pela infidelidade conjugal. O propósito imediato da família é glorificar a Deus e prover a satisfação das necessidades humanas de comunhão, educação, companheirismo, segurança, preservação da espécie e bem assim o perfeito ajustamento da pessoa humana em todas as suas dimensões; Caída em virtude do pecado, Deus provê para ela, mediante a fé em Cristo, a bênção da salvação temporal e eterna, e quando salva poderá cumprir seus fins temporais e promover a glória de Deus;

1. Gn 1.7; Js 24.15; 1Rs 2.1-3; Ml 2.10
2. Gn 1.28; Sl 127.1-5; Ec 4.9-13
3. At 16.31,34

XVIII - Morte

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez que, em consequência do pecado, a morte se estende a todos. A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a graça de Deus em Cristo enquanto estão neste mundo; Com a morte está definido o destino eterno de cada homem; Pela fé nos méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam "dormir no Senhor". Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, em um estado de separação definitiva de Deus. Na Palavra de Deus encontramos claramente expressa a proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram;

1. Rm 5.12; 1Co 15.21-26; Hb 9.27; Tg 4.14
2. Lc 16.19-31; Hb 9.27
3. Lc 16.19-31; 23.39-46; Hb 9.27
4. Rm 5.6-11; 14.7-9; 1Co 15.18-20; 2Co 5.14,15; Fp 1.21-23; 1Ts 4.13-17; 2Tm 2.11
5. Lc 16.19-31; Jo 5.28,29
6. Ex 22.18; Lv 19.31; 20.6,27; Dt 18.10; 1Cr 10.13; Is 8.19; Jo 3.18

XIX - Justos e Ímpios

Deus, no exercício de sua sabedoria, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final. Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória; Os mortos em Cristo serão ressuscitados, arrebatados e se unirão ao Senhor; Os mortos sem Cristo também serão ressuscitados; Conquanto os crentes já estejam justificados pela fé, todos os homens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se manifestam os frutos da fé ou os da incredulidade; Os ímpios condenados e destinados ao inferno lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus; Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu como o Senhor.

1. Mt 13.39,40; 28.20; At 3.21; 1Co 15.24-28; Ef 1.10
2. Mt 16.27; Mc 8.38; Lc 17.24; 21.27; At 1.11; 1Ts 4.16; 1Tm 6.14,15; 2Tm 4.1,8
3. Dn 12.2,3; Jo 5.28,29; Rm 8.23; 1Co 15.12-58; Fp 3.20; Cl 3.4
4. Dn 12.2; Jo 5.28,29; At 24.15; 1Co 15.12-24
5. Mt 13.49,50; At 10.42; 1Co 4.5; 2Co 5.10; 2Tm 4.1; Hb 9.27; 2Pe 2.9
6. Dn 12.2,3; Mt 16.27; Mc 9.43-48; Lc 16.26-31; Jo 5.28,29; Rm 6.22,23
7. Dn 12.2,3; Mt 16.27; 25.31-40; Lc 14.14; 16.22,23; Jo 5.28,29; 14.1-3; Rm 6.22,23; 1Co 15.42-44; Ap 22.11,12

A.3 -

PRINCÍPIOS BATISTAS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

A AUTORIDADE

1 - Cristo como Senhor

A fonte suprema da autoridade cristã é o Senhor Jesus Cristo. Sua soberania emana da eterna divindade e poder – como o unigênito filho do Deus Supremo – de Sua redenção vicária e ressurreição vitoriosa. Sua autoridade é a expressão de amor justo, sabedoria infinita e santidade divina, e se aplica à totalidade da vida. Dela procede a integridade do propósito cristão, o poder da dedicação cristã, a motivação da lealdade cristã. Ela exige a obediência aos mandamentos de Cristo, dedicação ao Seu serviço, fidelidade ao Seu reino e a máxima devoção à Sua pessoa, como o Senhor vivo. A suprema fonte de autoridade é o Senhor Jesus Cristo, e toda a esfera da vida está sujeita à sua soberania.

2 - As Escrituras

A Bíblia fala com autoridade porque é a palavra de Deus. É a suprema regra de fé e prática porque é testemunha fidedigna e inspirada dos atos maravilhosos de Deus através da revelação de si mesmo e da redenção, sendo tudo patenteado na vida, nos ensinamentos e na obra salvadora de Jesus Cristo. As Escrituras revelam a mente de Cristo e ensinam o significado de seu domínio. Na sua singular e una revelação da vontade divina para a humanidade, a Bíblia é a autoridade final que atrai as pessoas a Cristo e as guia em todas as questões de fé cristã e dever moral. O indivíduo tem que aceitar a responsabilidade de estudar a Bíblia, com a mente aberta e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de pesquisa e oração, orientando a vida debaixo de sua disciplina e instrução. A Bíblia, como revelação inspirada da vontade divina, cumprida e completada na vida e nos ensinamentos de Jesus Cristo é a nossa regra autorizada de fé e prática.

3 - O Espírito Santo

O Espírito Santo é a presença ativa de Deus no mundo e, particularmente, na experiência humana. É Deus revelando Sua pessoa e vontade ao homem. O Espírito, portanto, é a voz da autoridade divina. É o Espírito de Cristo, e sua autoridade é a vontade de Cristo. Visto que as Escrituras são produto de homens que, inspirados pelo Espírito, falaram por Deus, a verdade da Bíblia expressa a vontade do Espírito, compreendida pela iluminação do mesmo.
Ele convence os homens do pecado, da justiça e do juízo, tornando, assim, efetiva a salvação individual, através da obra salvadora de Cristo. Ele habita no coração do crente, como advogado perante Deus e intérprete para o homem. Ele atrai o fiel para a fé e a obediência e, assim, produz na sua vida os frutos da santidade e do amor.

O Espírito procura alcançar vontade e propósito divinos entre os homens. Ele dá aos cristãos poder e autoridade para o trabalho do Reino e santifica e preserva os redimidos, para o louvor de Cristo; exige uma submissão livre e dinâmica à autoridade de Cristo, e uma obediência criativa e fiel à palavra de Deus.
O Espírito Santo é o próprio Deus revelando sua pessoa e vontade aos homens. Ele, portanto, interpreta e confirma a voz da autoridade divina.

O INDIVÍDUO

1 - Seu valor

A Bíblia revela que cada ser humano é criado à imagem de Deus; é único, precioso e insubstituível. Criado ser racional, cada pessoa é moralmente responsável perante Deus e o próximo. O homem, como indivíduo, é distinto de todas as outras pessoas. Como pessoa, ele é unido aos outros no fluxo da vida, pois ninguém vive nem morre por si mesmo.
A Bíblia revela que Cristo morreu por todos os homens. O fato de ser o homem criado à imagem de Deus, e de Jesus Cristo morrer para salvá-lo, é a fonte da dignidade e do valor humano. Ele tem direitos, outorgados por Deus, de ser reconhecido e aceito como indivíduo sem distinção de raça, cor, credo, ou cultura; de ser parte digna e respeitada da comunidade; de ter a plena oportunidade de alcançar o seu potencial. Cada indivíduo foi criado à imagem de Deus e, portanto, merece respeito e consideração como uma pessoa de valor e dignidade infinita.

2 - Sua competência

O indivíduo, porque criado à imagem de Deus, torna-se responsável por suas decisões morais e religiosas. Ele é competente, sob a orientação do Espírito Santo, para formular a própria resposta à chamada divina ao evangelho de Cristo, para a comunhão com Deus, para crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor. Estreitamente ligada a essa competência está a responsabilidade de procurar a verdade e, encontrando-a, agir conforme essa descoberta, e partilhar a verdade com outros. Embora não se admita coação no terreno religioso, o cristão não tem a liberdade de ser neutro em questões de consciência e convicção. Cada pessoa é competente e responsável perante Deus, nas próprias decisões e questões morais e religiosas.

3 - Sua liberdade

Os Batistas consideram como inalienável a liberdade de consciência, a plena liberdade de religião de todas as pessoas. O homem é livre para aceitar ou rejeitar a religião; escolher ou mudar sua crença; propagar e ensinar a verdade como a entenda, sempre respeitando direitos e convicções alheios; cultuar a Deus tanto a sós quanto publicamente; convidar outras pessoas a participarem nos cultos e outras atividades de sua religião; possuir propriedade e quaisquer outros bens necessários à propagação de sua fé. Tal liberdade não

é privilégio para ser concedido, rejeitado ou meramente tolerado – nem pelo Estado, nem por qualquer outro grupo religioso – é um direito outorgado por Deus.
Cada pessoa é livre perante Deus em todas as questões de consciência e tem o direito de abraçar ou rejeitar a religião, bem como de testemunhar sua fé religiosa, respeitando os direitos dos outros.

A VIDA CRISTÃ

1 - A salvação pela graça

A graça é a provisão misericordiosa de Deus para a condição do homem perdido. O homem no seu estado natural é egoísta e orgulhoso; ele está na escravidão de Satanás e espiritualmente morto em transgressões e pecados. Devido à sua natureza pecaminosa, o homem não pode salvar-se a si mesmo. Mas Deus tem uma atitude benevolente em relação a todos, apesar da corrupção moral e da rebelião. A salvação não é o resultado dos méritos humanos, antes emana de propósito e iniciativa divinos. Não vem através de mediação sacramental, nem de treinamento moral, mas como resultado da misericórdia e poder divinos. A salvação do pecado é a dádiva de Deus através de Jesus Cristo, condicionada, apenas, pelo arrependimento em relação a Deus, pela fé em Jesus Cristo, e pela entrega incondicional a Ele como Senhor.
A Salvação, que vem através da graça, pela fé, coloca o indivíduo em união vital e transformadora com Cristo, e se caracteriza por uma vida de santidade e boas obras. A mesma graça, por meio da qual a pessoa alcança a salvação, dá certeza e a segurança do perdão contínuo de Deus e de seu auxílio na vida cristã.
A salvação é dádiva de Deus através de Jesus Cristo, condicionada, apenas, pela fé em Cristo e rendição à soberania divina.

2 - As exigências do discipulado

O aprendizado cristão inicia-se com a entrega a Cristo, como Senhor. Desenvolve-se à proporção que a pessoa tem comunhão com Cristo e obedece aos seus mandamentos. O discípulo aprende a verdade em Cristo, somente por obedecê-la. Essa obediência exige a entrega das ambições e dos propósitos pessoais e a obediência à vontade do Pai. A obediência levou Cristo à cruz e exige de cada discípulo que tome a própria cruz e siga a Cristo.
O levar a cruz, ou negar-se a si mesmo, expressa-se de muitas maneiras na vida do discípulo. Este procurará, primeiro, o Reino de Deus. Sua lealdade suprema será a Cristo. Ele será fiel em cumprir o mandamento cristão. Sua vida pessoal manifestará autodisciplina, pureza, integridade e amor cristão, em todas as relações que tem com os outros. O discipulado é completo.
As exigências do discipulado cristão estão baseadas no reconhecimento da soberania de Cristo, relacionam-se com a vida em um todo e exigem obediência e devoção completas.

3 - O sacerdócio do crente

Cada homem pode ir diretamente a Deus em busca de perdão, através do arrependimento e da fé. Ele não necessita para isso de nenhum outro indivíduo, nem mesmo da Igreja. Há um só mediador entre Deus e os homens, Jesus. Depois de tornar-se crente, a pessoa tem acesso direto a Deus, através de Jesus Cristo. Ela entra no sacerdócio real que lhe outorga o privilégio de servir a humanidade em nome de Cristo. Deverá partilhar com os homens a fé que acalenta e servi-los em nome e no espírito de Cristo. O sacerdócio do crente, portanto, significa que todos os cristãos são iguais perante Deus e na fraternidade da Igreja local.
Cada cristão, tendo acesso direto a Deus através de Jesus Cristo, é seu próprio sacerdote e tem a obrigação de servir de sacerdote de Jesus Cristo em benefício de outras pessoas.

4 - O cristão e seu lar

O lar foi constituído por Deus como unidade básica da sociedade. A formação de lares verdadeiramente cristãos deve merecer o interesse particular de todos. Devem ser constituídos da união de dois seres cristãos, dotados de maturidade emocional, espiritual e física e unidos por um amor profundo e puro. O casal deve partilhar ideais e ambições semelhantes e ser dedicado à criação dos filhos na instrução e disciplina divinas. Isso exige o estudo regular da Bíblia e a prática do culto doméstico. Nesses lares o espírito de Cristo está presente em todas as relações da família.
As Igrejas têm a obrigação de preparar jovens para o casamento, treinar e auxiliar os pais nas suas responsabilidades, orientar pais e filhos nas provações e crises da vida, assistir àqueles que sofrem em lares desajustados, e ajudar os enlutados e encanecidos a encontrarem sempre um significado na vida.
O lar é básico, no propósito de Deus, para o bem-estar da humanidade, e o desenvolvimento da família deve ser de supremo interesse para todos os cristãos.

5- O cristão como cidadão

O cristão é cidadão de dois mundos – o Reino de Deus e o estado político – e deve obedecer à lei de sua pátria terrena, tanto quanto à lei suprema. No caso de ser necessária uma escolha, o cristão deve obedecer a Deus antes que ao homem. Deve mostrar respeito para com aqueles que interpretam a lei e a põem em vigor, e participar ativamente na vida social, econômica e política com o espírito e princípios cristãos. A mordomia cristã da vida inclui tais responsabilidades como o voto, o pagamento de impostos e o apoio à legislação digna. O cristão deve orar pelas autoridades e incentivar outros cristãos a aceitarem a responsabilidade cívica, como um serviço a Deus e à humanidade.
O cristão é cidadão de dois mundos – o Reino de Deus e o estado – e deve ser obediente à lei do seu país tanto quanto à lei suprema de Deus.

A IGREJA

1 - Sua natureza

No Novo Testamento, o termo Igreja é usado para designar o povo de Deus na sua totalidade, ou só uma assembleia local. A Igreja é uma comunidade fraterna das pessoas redimidas por Cristo Jesus, divinamente chamadas, divinamente criadas, e feitas uma só debaixo do governo soberano de Deus. A Igreja como uma entidade local – um organismo presidido pelo Espírito Santo – é uma fraternidade de crentes em Jesus Cristo, que se batizaram e voluntariamente se uniram para o culto, estudo, a disciplina mútua, o serviço e a propagação do evangelho, no local da igreja e até os confins da terra.
A Igreja, no sentido lato, é a comunidade fraterna de pessoas redimidas por Cristo e tornadas uma só na família de Deus. A igreja, no sentido local, é a companhia fraterna de crentes batizados, voluntariamente unidos para o culto, desenvolvimento espiritual e serviço.

2 - Seus membros

A Igreja, como uma entidade, é uma companhia de crentes regenerados e batizados que se associam num conceito de fé e fraternidade do Evangelho. Propriamente, a pessoa qualifica-se para ser membro de Igreja por ser nascida de Deus e aceitar voluntariamente o batismo. Ser membro de uma Igreja local, para tais pessoas, é um privilégio santo e um dever sagrado. O simples fato de arrolar-se na lista de membros de uma Igreja não torna a pessoa membro do corpo de Cristo. Cuidado extremo deve ser exercido a fim de que sejam aceitas como membros da Igreja somente as pessoas que deem evidências positivas de regeneração e verdadeira submissão a Cristo.
Ser membro de Igreja é um privilégio, dado exclusivamente a pessoas regeneradas que voluntariamente aceitam o batismo e se entregam ao discipulado fiel, segundo o preceito cristão.

3 - Suas ordenanças

O batismo e a ceia do Senhor são as duas ordenanças da Igreja. São símbolos, mas sua observância envolve fé, exame de consciência, discernimento, confissão, gratidão, comunhão e culto. O batismo é administrado pela Igreja, sob a autoridade do Deus triúno, e sua forma é a imersão daquele que, pela fé, já recebeu a Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Por esse ato o crente retrata a sua morte para o pecado e a sua ressurreição para uma vida nova.
A ceia do Senhor, observada através dos símbolos do pão e do vinho, é um profundo esquadrinhamento do coração, uma grata lembrança de Jesus Cristo e sua morte vicária na cruz, uma abençoada segurança de sua volta e uma jubilosa comunhão com o Cristo vivo e seu povo.
O batismo e a ceia do Senhor, as duas ordenanças da Igreja, são símbolos da redenção, mas sua observância envolve realidades espirituais na experiência cristã.

4 - Seu governo

O princípio governante para uma Igreja local é a soberania de Jesus Cristo. A autonomia da Igreja tem como fundamento o fato de que Cristo está sempre presente e é a cabeça da congregação do seu povo. A Igreja, portanto, não pode sujeitar-se à autoridade de qualquer outra entidade religiosa. Sua autonomia, então, é válida somente quando exercida sob o domínio de Cristo.
A democracia, o governo pela congregação, é forma certa somente à medida que, orientada pelo Espírito Santo, providencia e exige a participação consciente de cada um dos membros nas deliberações do trabalho da Igreja. Nem a maioria, nem a minoria, tampouco a unanimidade, reflete necessariamente a vontade divina.
Uma Igreja é um corpo autônomo, sujeito unicamente a Cristo, sua cabeça. Seu governo democrático, no sentido próprio, reflete a igualdade e responsabilidade de todos os crentes, sob a autoridade de Cristo.

5 - Sua relação para com o estado

Tanto a Igreja como o estado são ordenados por Deus e responsáveis perante ele. Cada um é distinto; cada um tem um propósito divino; nenhum deve transgredir os direitos do outro. Devem permanecer separados, mas igualmente manter a devida relação entre si e para com Deus. Cabe ao estado o exercício da autoridade civil, a manutenção da ordem e a promoção do bem-estar público.
A Igreja é uma comunhão voluntária de cristãos, unidos sob o domínio de Cristo para o culto e serviço em seu nome. O estado não pode ignorar a soberania de Deus nem rejeitar suas leis como a base da ordem moral e da justiça social. Os cristãos devem aceitar suas responsabilidades de sustentar o estado e obedecer ao poder civil, de acordo com os princípios cristãos.
O estado deve à Igreja a proteção da lei e a liberdade plena, no exercício do seu ministério espiritual. A Igreja deve ao estado o reforço moral e espiritual para a lei e a ordem, bem como a proclamação clara das verdades que fundamentam a justiça e a paz. A Igreja tem a responsabilidade tanto de orar pelo estado quanto de declarar o juízo divino em relação ao governo, às responsabilidades de uma soberania autêntica e consciente, e aos direitos de todas as pessoas. A Igreja deve praticar coerentemente os princípios que sustenta e que devem governar a relação entre ela e o estado.
A Igreja e o estado são constituídos por Deus e perante Ele responsáveis. Devem permanecer distintos, mas têm a obrigação do reconhecimento e reforço mútuos, no propósito de cumprir-se a função divina.

6 - Sua relação para com o mundo

Jesus Cristo veio ao mundo, mas não era do mundo. Ele orou não para que seu povo fosse tirado do mundo, mas que fosse liberto do mal. Sua Igreja, portanto, tem a responsabilidade de permanecer no mundo, sem ser do mundo. A Igreja e o cristão, individualmente, têm a obrigação de opor-se ao mal e trabalhar para a eliminação de tudo que corrompa e degrade a vida humana. A Igreja deve tomar posição definida em relação à justiça e trabalhar fervorosamente pelo respeito mútuo, a fraternidade, a retidão, a paz, em todas as relações entre os homens, raças e nações. Ela trabalha confiante no cumprimento final do propósito divino no mundo.

Esses ideais, que têm focalizado o testemunho distintivo dos Batistas, choca-se com o momento atual do mundo e em crucial significação. As forças do mundo os desafiam. Certas tendências em nossas Igrejas e denominação põem-nos em perigo. Se esses ideais servirem para inspirar os batistas, com o senso da missão digna da hora presente, deverão ser relacionados com a realidade dinâmica de todo o aspecto de nossa tarefa contínua.
A Igreja tem uma posição de responsabilidade no mundo; sua missão é para com o mundo; mas seu caráter e ministério são espirituais.

A NOSSA TAREFA CONTÍNUA

1 - A centralidade do indivíduo

Os Batistas, historicamente, têm exaltado o valor do indivíduo, dando-lhe um lugar central no trabalho das Igrejas e da denominação. Essa distinção, entretanto, está em perigo nestes dias de automatismo e pressões para o conformismo. Alertados para esses perigos, dentro das próprias fileiras, tanto quanto no mundo, os Batistas devem preservar a integridade do indivíduo.

O alto valor do indivíduo deve refletir-se nos serviços de culto, no trabalho evangelístico, nas obras missionárias, no ensino e treinamento da mordomia, em todo o programa de educação cristã. Os programas são justificados pelo que fazem pelos indivíduos por eles influenciados. Isso significa, entre outras coisas, que o indivíduo nunca deve ser usado como um meio, nunca deve ser manobrado, nem tratado como mera estatística. Esse ideal exige, antes, que seja dada primordial consideração ao indivíduo, na sua liberdade moral, nas suas necessidades urgentes e no seu valor perante Cristo.

De consideração primordial na vida e no trabalho de nossas Igrejas é o indivíduo, com seu valor, suas necessidades, sua liberdade moral, seu potencial perante Cristo.

2 - Culto

O culto a Deus, pessoal ou coletivo, é a expressão mais elevada da fé e devoção cristã. É supremo tanto em privilégio quanto em dever. Os Batistas enfrentam uma necessidade urgente de melhorar a qualidade do seu culto, a fim de experimentarem coletivamente uma renovação de fé, esperança e amor, como resultado da comunhão com o Deus supremo.
O culto deve ser coerente com a natureza de Deus, na sua santidade: uma experiência, portanto, de adoração e confissão que se expressa com temor e humildade. O culto não é mera forma e ritual, mas uma experiência com o Deus vivo, através da meditação e da entrega pessoal. Não é simplesmente um serviço religioso, mas comunhão com Deus na realidade do louvor, na sinceridade do amor e na beleza da santidade.
O culto torna-se significativo quando se combinam, com reverência e ordem, a inspiração da presença de Deus, a proclamação do evangelho, a liberdade e a atuação do Espírito. O

resultado de tal culto será uma consciência mais profunda da santidade, majestade e graça de Deus, maior devoção e mais completa dedicação à vontade de Deus.
O culto – que envolve uma experiência de comunhão com o Deus vivo e santo – exige uma apreciação maior sobre a reverência e a ordem, a confissão e a humildade, a consciência da santidade, majestade, graça e propósito de Deus.

3 - O ministério cristão

A Igreja e todos os seus membros estão no mundo a fim de servir. Em certo sentido, cada filho de Deus é chamado como cristão. Há, entretanto, uma falta generalizada no sentido de negar o valor devido à natureza singular da chamada como vocação ao serviço de Cristo. Maior atenção neste ponto é especialmente necessária, em face da pressão que recebem os jovens competentes para a escolha de algum ramo das ciências e, ainda mais devido ao número decrescente daqueles que estão atendendo à chamada divina, para o serviço de Cristo.
Os que são chamados pelo Senhor para o ministério cristão devem reconhecer que o fim da chamada é servir. São, no sentido especial, escravos de Cristo e seus ministros nas Igrejas e junto ao povo. Devem exaltar suas responsabilidades, em vez de privilégios especiais. Suas funções distintas não visam à vanglória; antes, são meios de servir a Deus, à Igreja e ao próximo.
As Igrejas são responsáveis perante Deus por aqueles que elas consagram ao seu ministério. Devem manter padrões elevados para aqueles que aspiram à consagração, quanto à experiência e ao caráter cristãos. Devem incentivar os chamados a procurarem o preparo adequado ao seu ministério.
Cada cristão tem o dever de ministrar ou servir com abnegação completa; Deus, porém, na sua sabedoria, chama várias pessoas de um modo singular para dedicarem sua vida de tempo integral ao ministério relacionado com a obra da Igreja.

4 - Evangelismo

O evangelismo é a proclamação do juízo divino sobre o pecado, e das boas novas da graça divina em Jesus Cristo. É a resposta dos cristãos às pessoas na incidência do pecado, é a ordem de Cristo aos seus seguidores, a fim de que sejam suas testemunhas, frente a todos os homens. O evangelismo declara que o evangelho, e unicamente o Evangelho, é o poder de Deus para a salvação. A obra de evangelismo é básica na missão da Igreja e no mister de cada cristão.
O evangelismo, assim concebido, exige um fundamento teológico firme e uma ênfase perene nas doutrinas básicas da salvação. O evangelismo neotestamentário é a salvação por meio do evangelho e pelo poder do Espírito. Visa à salvação do homem todo; confronta os perdidos com o preço do discipulado e as exigências da soberania de Cristo; exalta a graça divina, a fé voluntária e a realidade da experiência de conversão.
Convites feitos a pessoas não salvas nunca devem desvalorizar essa realidade imperativa. O uso de truques de psicologia das massas, os substitutivos da convicção e todos os

esquemas vaidosos são pecados contra Deus e contra o indivíduo. O amor cristão, o destino dos pecadores e a força do pecado constituem uma urgência obrigatória.
A norma de evangelismo exigida pelos tempos críticos dos nossos dias é o evangelismo pessoal e coletivo, o uso de métodos sãos e dignos, o testemunho de piedade pessoal e dum espírito semelhante ao de Cristo, a intercessão pela misericórdia e pelo poder de Deus, e a dependência completa do Espírito Santo.
O evangelismo, que é básico no ministério da igreja e na vocação do crente, é a proclamação do juízo e da graça de Deus em Jesus Cristo e a chamada para aceitá-lo como Salvador e segui-lo como Senhor.

5 - Missões

Missões, como usamos o termo, é a extensão do propósito redentor de Deus através do evangelismo, da educação e do serviço cristão além das fronteiras da igreja local. As massas perdidas do mundo constituem um desafio comovedor para as igrejas cristãs.
Uma vez que os batistas acreditam na liberdade e competência de cada um para as próprias decisões, nas questões religiosas, temos a responsabilidade perante Deus de assegurar a cada indivíduo o conhecimento e a oportunidade de fazer a decisão certa. Estamos sob a determinação divina, no sentido de proclamar o evangelho a toda a criatura. A urgência da situação atual do mundo, o apelo agressivo de crenças e ideologias exóticas, e nosso interesse pelos transviados exigem de nós dedicação máxima em pessoal e dinheiro, a fim de proclamar-se a redenção em Cristo, para o mundo todo.
A cooperação nas missões mundiais é imperativa. Devemos utilizar os meios à nossa disposição, inclusive os de comunicação em massa, para dar o Evangelho de Cristo ao mundo. Não devemos depender exclusivamente de um grupo pequeno de missionários especialmente treinados e dedicados. Cada batista é um missionário, não importa o local onde mora ou posição que ocupa. Os atos pessoais ou de grupos, as atitudes em relação a outras nações, raças e religiões fazem parte do nosso testemunho favorável ou contrário a Cristo, o qual, em cada esfera e relação da vida, deve fortalecer nossa proclamação de que Jesus é o Senhor de todos.
As missões procuram a extensão do propósito redentor de Deus em toda parte, através do evangelismo, da educação, e do serviço cristão e exige de nós dedicação máxima.

6 - Mordomia

A mordomia cristã é o uso, sob a orientação divina, da vida, dos talentos, do tempo e dos bens materiais, na proclamação do Evangelho e na prática respectiva. No partilhar o Evangelho, a mordomia encontra seu significado mais elevado: ela é baseada no reconhecimento de que tudo o que temos e somos vem de Deus, como uma responsabilidade sagrada.
Os bens materiais em si não são maus, nem bons. O amor ao dinheiro, e não o dinheiro em si, é a raiz de todas as espécies de males. Na mordomia cristã, o dinheiro torna-se o meio para alcançar bens espirituais, tanto para a pessoa que dá, quanto para quem recebe. Aceito como encargo sagrado, o dinheiro torna-se não uma ameaça e sim uma oportunidade. Jesus preocupou-se em que o homem fosse liberto da tirania dos bens materiais e os empregasse para suprir tanto às necessidades próprias como as alheias.

A responsabilidade da mordomia aplica-se não somente ao cristão como indivíduo, mas, também, a cada Igreja local, cada Convenção, cada agência da denominação. Aquilo que é confiado ao indivíduo ou à instituição não deve ser guardado nem gasto egoisticamente, mas empregado no serviço da humanidade e para a glória de Deus.

A mordomia cristã concebe toda a vida como um encargo sagrado, confiado por Deus, e exige o emprego responsável de vida, tempo, talentos e bens – pessoal ou coletivamente – no serviço de Cristo.

7 - O ensino e treinamento

O ensino e treinamento são básicos na comissão de Cristo para os seus seguidores, constituindo um imperativo divino pela natureza da fé e experiência cristãs. Eles são necessários ao desenvolvimento de atitudes cristãs, à demonstração de virtudes cristãs, ao gozo de privilégios cristãos, ao cumprimento de responsabilidades cristãs, à realização da certeza cristã. Devem começar com o nascimento do homem e continuar através de sua vida toda. São funções do lar e da Igreja, divinamente ordenadas. E constituem o caminho da maturidade cristã.

Desde que a fé há de ser pessoal, e voluntária cada resposta à soberania de Cristo, o ensino e treinamento são necessários antecipadamente ao Discipulado Cristão, e a um testemunho vital. Este fato significa que a tarefa educacional da Igreja deve ser o centro do programa. A prova do ministério do ensino e treinamento está no caráter semelhante ao de Cristo e na capacidade de enfrentar e resolver eficientemente os problemas sociais, morais e espirituais do mundo moderno. Devemos treinar os indivíduos a fim de que possam conhecer a verdade que os liberta, experimentar o amor que os transforma em servos da humanidade, e alcançar a fé que lhes concede a esperança no Reino de Deus.

A natureza da fé e experiência cristãs e a natureza e necessidades das pessoas fazem do ensino e treinamento um imperativo.

8 - Educação cristã

A fé e a razão aliam-se no conhecimento verdadeiro. A fé genuína procura compreensão e expressão inteligente. As escolas cristãs devem conservar a fé e a razão no equilíbrio próprio. Isto significa que não ficarão satisfeitas senão com os padrões acadêmicos elevados. Ao mesmo tempo, devem proporcionar um tipo distinto de educação – a educação infundida pelo espírito cristão, com a perspectiva cristã e dedicada aos valores cristãos.

Nossas escolas cristãs têm a responsabilidade de treinar e inspirar homens e mulheres para a liderança eficiente, leiga e vocacional, em nossas Igrejas e no mundo. As Igrejas, por sua vez, têm a responsabilidade de sustentar condignamente todas as suas instituições educacionais.

Os membros de Igrejas devem ter interesse naqueles que ensinam em suas instituições, bem como naquilo que estes transmitem. Há limites para a liberdade acadêmica; deve ser admitido, entretanto, que os professores das nossas instituições tenham liberdade para erudição criadora, com o equilíbrio de um senso profundo de responsabilidade pessoal para com Deus, a verdade, a denominação, e as pessoas a quem servem.

A educação cristã emerge da relação da fé e da razão e exige excelência e liberdade acadêmicas que são tanto reais quanto responsáveis.

9- A autocrítica

Tanto a Igreja local quanto a denominação, a fim de permanecerem sadias e florescentes, têm que aceitar a responsabilidade da autocrítica. Seria prejudicial às Igrejas e à denominação se fosse negado ao indivíduo o direito de discordar, ou se fossem considerados nossos métodos ou técnicas como finais ou perfeitos. O trabalho de nossas Igrejas e de nossa denominação precisa de frequente avaliação, a fim de evitar a esterilidade do tradicionalíssimo. Isso especialmente se torna necessário na área dos métodos, mas também se aplica aos princípios e práticas históricas em sua relação à vida contemporânea. Isso significa que nossas Igrejas, instituições e agências devem defender e proteger o direito de o povo perguntar e criticar construtivamente.

A autocrítica construtiva deve ser centralizada em problemas básicos e assim evitar os efeitos desintegrantes de acusações e recriminações. Criticar não significa deslealdade; a crítica pode resultar de um interesse profundo do bem-estar da denominação. Tal crítica visará ao desenvolvimento à maturidade cristã, tanto para o indivíduo quanto para a denominação.

Todo grupo de cristãos, para conservar sua produtividade, terá que aceitar a responsabilidade da autocrítica construtiva.

Como batistas, revendo o progresso realizado no decorrer dos anos, temos todos inteira razão de desvanecimento ante as evidências do favor de Deus sobre nós. Os batistas podem bem cantar com alegria, “Glória a Deus, grandes coisas Ele fez!” Podem eles também lembrar que aqueles aos quais foi dado o privilégio de gozar de tão alta herança, reconhecidos ao toque da graça, devem engrandecê-la com os seus próprios sacrifícios.

BIBLIOGRAFIA SOBRE ECLESIOLOGIA

A doutrina da Igreja - Leonardo Peixoto. <https://www.youtube.com/watch?v=4Covn3I8Q-w&list=PLr6Y6bBHeOAXAOY2W5N3jAHuW38FwBkKQ> (14/09/2021).

Eclesiologia Batista - Anízio Gomes. <https://www.youtube.com/playlist?list=PLWHdGi1RYHAxl0YOlPVc1N0TytUVoP5bF> (22/09/2021).

Eclesiologia Batista à luz da Declaração Doutrinária da CBB - Joaquim Dias e outros. <https://www.youtube.com/watch?v=VG5kM9XmNvo> (23/09/21).

Eclesiologia: O Coração da Igreja Batista. Rui Falcão. <https://ocristaopentecostal.wordpress.com/2020/11/26/eclesiologia-o-coracao-da-igreja-batista/> (25/10/2021).

Nossa herança batista - Marcus Paixão - CHTB <https://www.youtube.com/watch?v=WF2_sIVI3T0&list=PLGWA8I58KzMKcsW4PuhZIHhadOTimgEHI> (14/10/2021).

Os distintivos da igreja batista tradicional - Rômulo Weden. <https://youtu.be/kXvDdgc5fO8> (15/09/2021).

Série Princípios Batistas e Declaração Doutrinária da Convenção Batista - Fábio Bortolotti - <https://www.youtube.com/playlist?list=PLu5gJuY9mg_ivp3c5e8gBc21mirGYp4Eg> (15/09/2021).

SOBRINHO, J. F.. A Túnica inconsútil: um estudo sobre a doutrina da igreja. Juerp, 1998.